

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Programa de Pós-graduação em Antropologia

NÍLSIA LOURDES DOS SANTOS

ORÍ - O ORIXÁ MAIOR
SOB A PERSPECTIVA DO POVO YORÙBÁ

Belo Horizonte
2020

NÍLSIA LOURDES DOS SANTOS

**ORÍ - O ORIXÁ MAIOR
SOB A PERSPECTIVA DO POVO YORÙBÁ**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Déborah de Magalhães Lima

Coorientadora: Profa. Dra. Karenina Vieira Andrade

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas – FAFICH
2020

306	Santos, Nilsia Lourdes dos.
S586o	Orí o Orixá maior sob a perspectiva do povo Yorùbá
2020	[manuscrito] / Nilsia Lourdes dos Santos. - 2020. 159 f. : il. Orientadora: Deborah de Magalhães Lima. Coorientadora: Karenina Vieira Andrade.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1.Antropologia – Teses. 2.Religião - Teses. 3.Cultura afro - brasileira - Teses. 4.Orixás-Teses. I. Lima, Deborah. II. Andrade, Karenina Vieira. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA NILSIA LOURDES DOS SANTOS
(MATRÍCULA Nº 2018660467)**

Aos 14 (quatorze) dias do mês de outubro de 2020 (dois mil e vinte), reuniu-se em ambiente virtual, através da plataforma Jitsi com transmissão simultânea pelo canal de Youtube PG-ANTROPOLOGIA UFMG, a Comissão Examinadora para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: *“Orí o Orixá Maior sob a Perspectiva do Povo Yorùbá”*, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, área de Concentração: Antropologia Social - Linha de Pesquisa: Etnologia Indígena e de Povos Tradicionais. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Deborah de Magalhães Lima – Orientadora (PPGAN/UFMG)**, **Erisvaldo Pereira dos Santos (UFOP)** e **Edgar Rodrigues Barbosa Neto (FAE-DCAE e PPGAN/UFMG)**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Professora Deborah de Magalhães Lima, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à mestranda Nilsia Lourdes dos Santos, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 14 de outubro de 2020.

Profa. Dra. Deborah de Magalhães Lima - Orientadora

Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos

Prof. Dr. Edgar Rodrigues Barbosa Neto



Documento assinado eletronicamente por **Deborah de Magalhaes Lima, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 14/10/2020, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ERISVALDO PEREIRA DOS SANTOS, Usuário Externo**, em 14/10/2020, às 19:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edgar Rodrigues Barbosa Neto, Membro**, em 15/10/2020, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?

https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=344939&infra_sistema=10000010... 1/2

16/10/2020

SEI/UFMG - 0309306 - Ata de defesa de Dissertação/Tese



[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código verificador 0309306 e o código CRC 60488097.

*Este Trabalho é dedicado aos meus pais – Israel
Teotônio dos Santos e Maria Jacinta do Carmo e
ao meu marido Giuseppe Lorenzini, que sempre
dizia que eu não era capaz. Todos in memoriam.
Rogo ao Orí de todos eles que possam me abençoar
de onde quer que estejam!*

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos e pedidos de desculpas aos filhos do Ilè Asé Aterosun, pelas inúmeras ausências durante o processo desta pesquisa.

Agradeço ao meu filho e amigo Michel Olusegun Akinruli por viabilizar esta pesquisa.

Agradeço a Caríssima professora Karenina Vieira Andrade, que sem ela teria sido impossível estudar para a seleção desse Mestrado.

Agradeço a minha orientadora Deborah de Magalhães Lima pelos infindáveis ensinamentos e paciência constante quando me senti saturada.

Agradeço infinitamente a Sua Real Majestade Ooni Adeyeye Enitan Ogunwusi Ojaja II, sem a vossa contribuição certamente teria tido dias árduos para efetivação desta pesquisa.

A todos os Sacerdotes do Templo de Ifá em Ilè Ifé.

Agradeço a queridíssima Ominfuntó, nossa informante diária.

Agradeço a toda Comunidade do Itá Osún pelo afetuoso acolhimento.

Ao Bábá Kolapó e sua família!

Enfim, estendo os meus agradecimentos a todos que de forma direta e indireta participaram para que este trabalho pudesse se efetivar.

Resumo

Essa Dissertação tem por objetivo versar sobre a minha pesquisa Etnográfica realizada na cidade de Ilè Ifé, estado de Osun na Nigéria. Apresento uma riquíssima pesquisa sobre Orí, o orixá maior dentre as 401 divindades do panteão yorúbá. As entrevistas se deram com os dezesseis principais sacerdotes do templo de Ifá nessa mesma cidade por determinação de sua majestade o Rei de Ilè Ifé. Também visitei para pesquisa o bàbálawò Kolapò filho do falecido sacerdote que iniciou o então jornalista Pierri Verger, na cidade de Ilobu, também estado de Osun. Tenho certeza que essa Dissertação irá corroborar e muito com os antropólogos quanto com a maioria dos sacerdotes de culto afro-brasileiro e seus adeptos.

Palavras Chaves: Antropologia. Etnografia. Nigéria. Religião Afro-brasileira. Orixá Orí.

Abstract

This dissertation aims to discuss my Ethnographic research carried out in the city of Ilè Ifé, state of Osun in Nigeria. I present a very rich research on Orí, the largest orixá among the 401 deities of the Yorùbá pantheon. The interviews took place with the sixteen chief priests of the Ifá temple in that same city by determination of his majesty the King of Ilè Ifé. I also visited for research the bàbálawò Kolapò son of the late priest who started the then journalist Pierri Verger, in the city of Ilobu, also in the state of Osun. I am sure that this dissertation will corroborate and with both anthropologists and most of the Afro-Brazilian cult priests and their adherents.

Keywords: Anthropology. Ethnography. Nigeria. Afro-brazilian religion. Orisha Orí

Sumário

Prefácio	11
Capítulo I	13
1 Apresentação - Quem são os Yorùbá	14
1.2 O que é Orí	15
1.3 Os Yorùbá no contexto da Nigéria Contemporânea	17
1.4 Encantamento para propiciar Orí	22
Capítulo II - A Coroação	24
2.1 A Visita do Ooni o Rei de Ilè Ifé à Minha Casa	25
2.2 A primeira Viagem desta Pesquisa	26
2.3 O Grande Festival	28
2.4 O Rei Timi	30
2.5 Os Agudás	31
2.6 Seguindo para Ilè Ifè	33
2.7 O Lobby	35
2.8 Rituais para Coroação	37
2.9 O Templo de Osun	38
2.10 O Templo de Obatalá	39
2.11. Chegamos ao Esú	40
2.12. O Templo de Ifá	40
2.13. O Templo de Oduduwa	41
2.14. O Palácio de Oduduwa	43
2.15. O que Significa um Título de Iyalodè	47
2.16. Primeira Reunião com o Ooni	53
2.17. No Benim	56
2.18. No Templo de Dan	57
2.19. Indo à Feira	59
2.20. Procedimentos para com o Morto	61
Capítulo III - Os Dezesesseis principais Odú Ifá	63
3.1 Conceituando Ifá	63
3.2 O que é Odú	64
3.3 Primeira Porta Èji Ogbe	68
3.4 Segunda Porta Òyèkú Mèji. O Povo Yorùbá e o culto a Egungun	69
3.5 Terceira Porta Ìworì Mèji	71
3.6 Quarta Porta Òdí Mèji	71
3.7 Quinta Porta Ìròsùn Mèji	72
3.8 Sexta Porta Ówórin Mèji	72
3.9 Sétima Porta Óbará Mèji	73
3.9 Oitava Porta Òkánrán Mèji	73
3.10 Nona Porta Ògúndá Mèji	74
3.11 Décima Porta Òsá Mèji	74
3.12 Décima Primeira Porta Ìká Mèji	76
3.13 Décima Segunda Porta Òtúúrúpon Mèji	77
3.14 Décima Terceira Porta Òtúrá Mèji	78
3.15 Décima Quarta Porta Ìretè Mèji	78
3.16 Décima Quinta Porta Òsé Mèji	79

3.17 Décima Sexta Porta Òfún Mèji	80
Capítulo IV	84
A Pesquisa no Templo de Ifá	85
Pesquisa na cidade de Ilobu	116
Considerações Finais	131
Referências Etnográficas	134
Glossário	135
Referências Bibliográficas	136
Anexo 1. Orações, Encantamentos e Louvores a Orí	137
Anexo 2. Caderno de Imagens	145

Prefácio

Esta pesquisa visou retomar em bases etnográficas e bibliográficas um tema que, apesar de sua centralidade para os povos de língua *yorùbá*, vêm ocupando pouco espaço tanto na literatura antropológica de língua portuguesa quanto no material mais amplo que trata das religiões de matriz africana: as características essenciais do culto ao Orixá “Orí”. Para tanto o trabalho coteja as dinâmicas rituais e as elaborações conceituais do povo da etnia *yorùbá*, na Nigéria; e mais precisamente daqueles residentes nas cidades de Osogbo, Ilobu e Ilé Ifé, situadas no estado de Osun. A pesquisa está assentada ainda numa reflexão sobre as próprias práticas da pesquisadora, na medida em que, como Iyanifá iniciada na Nigéria, mantenho uma relação complexa com um tema que me interessa não apenas como acadêmica, mas também como zeladora de um Ilê Asé. Pretendo, com isso, preencher esta lacuna e avançar sobre um tema central para uma melhor compreensão tanto das religiões de matriz africana como do pensamento do povo *Yorùbá*.

Esta Dissertação sobre Orí é resultado de uma prazerosa etnografia desenvolvida lá na Nigéria. Este trabalho sofreu impacto positivo direto com a visita do Ooni Rei da cidade de Ilè Ifé em minha casa em 16 de junho do ano de 2018, quando foi sinalizado por ele mesmo que eu seria coroada com o título de Iyalodè da cidade de Ilè Ifé, abrindo efetivamente portas de facilidades para o enriquecimento da minha etnografia de forma ostensiva. Tenho absoluta certeza de que se assim não fora, eu teria tido profundas barreiras para executá-la. Se não fosse isto certamente eu nunca teria entrado no palácio de Oduduwa e muito menos teria acesso aos dezesseis principais sacerdotes do Templo de Ifá com os quais boa parte do aprendizado sobre Orí foi alcançado por determinação direta do Ooni para o Aragba, ou seja, o sacerdote superior de todos os Bábálawó (s). Nessa oportunidade foi possível ampliar de forma inimaginável o parco conhecimento que eu tinha acerca deste Orixá adquirido aqui no Brasil. Sem essa imersão seria impossível conquistar tamanha riqueza.

Primeiramente descrevo a experiência de ser coroada na cidade de Ilè Ifé. Deixando claro o quanto nos fez mal o distanciamento com as nossas origens, levando-me a cometer vários erros de comportamento e emoções, exatamente porque no Brasil não fizeram questão de nos ensinar a História da África. Isso sem dúvida já nos causou um grande prejuízo intelectual. Foi necessário passar por grandes constrangimentos íntimos quando percebia que estava com pensamentos inapropriados, quando na verdade aquele povo só estava exaltando a minha pessoa enquanto afro-brasileira quando poderiam ter concedido esse título a uma nativa.

Em seguida os senhores poderão se deliciar com os milenares ensinamentos acerca desse primordial Orixá, Orí, descobrindo o seu poder, a sua dinâmica a sua supremacia e onipotência.

Esta Dissertação foi escrita em linguajar simples, pitoresca, porém respeitosa como tudo na tradição, que conduzirá o leitor a uma viagem suave e agradável. Procurei ter o cuidado para que a leitura não se tornasse enfadonha, facilitando assim a apropriação dos ensinamentos. É também meu desejo que esta Dissertação possa impactar positivamente todos os sacerdotes e sacerdotisas e também simpatizantes do culto das religiões afro-brasileiras com o propósito de facilitar a sua trajetória na direção de um Templo de Orixá.

Informações Importantes sobre a Língua Yorùbá

A língua Yorùbá não contem as letras C, Q, V, X, e Z, e as vogais são mais do que cinco apenas, a, á, à, e, é, è, é̄ i, o, ò, ó, ó̄ u, ú, ù, an, en, on, estas três últimas tem o som nasalado. Toda vez que as vogais a, e, antecederem as letras M, N, serão automaticamente nasaladas, como nana (nãñã). O acento grave (`) tem o som (^), por exemplo, a palavra Adè = adê, Aiyè = aiyê, ou seja, fecha o som da vogal. O acento agudo muda a tonalidade para cima, como no português, e a falta de acento tem o som médio, Na minha escrita por vezes eu utilizarei a escrita conforme o idioma e outras vezes posso grafar a palavra em português, por exemplo Aṣé, axé, Oríṣá, Orixá, o Ṣ com tracinho embaixo tem o som de X. Assim igualmente quando for o caso de pluralizar uma palavra, na língua Yorùbá é necessário acrescentar a palavra Awon antes daquilo que se deseja pluralizar, de forma que parece um pouco sem lógica eu escrever Odú, quando trato dos 16 Odú e não Odús. No final haverá um glossário para esclarecer a forma correta da pronúncia de cada palavra quando não encontrar correlação na língua portuguesa.

CAPÍTULO 1

Apresentação, quem são os Yorùbá?

Os Yorùbá (em português iorubá), também conhecidos como yorùbá (io•ru•bá) ou yoruba, são um dos maiores grupos etno-linguísticos ou grupo étnico na África Ocidental, composto por 40 milhões de pessoas em toda a região. Constituem o segundo maior grupo étnico na Nigéria, com aproximadamente 21% da sua população total. As comunidades iorubás que se desenvolveram principalmente no Sudeste da atual Nigéria constituíram um dos grandes centros civilizatórios da Guiné e chegaram a influenciar outras civilizações da região, como o reino de Benin. Esta irradiação cultural não se restringiu apenas ao continente africano. A maioria dos Yorùbá vive em grande parte no sudoeste da Nigéria; também há comunidades de Yorùbá significativas no Benin, Togo, Serra Leoa, Cuba e Brasil. Os Yorùbá são o principal grupo étnico nos estados de Ekiti, Kwara, Lagos, Ogun, Ondo, Osun e Oyo. Um número considerável de iorubás vive na República do Benin, ainda podendo ser encontradas pequenas comunidades no campo, em Togo, Serra Leoa, Brasil e Cuba.

“...Devido à estrutura colonizadora, emergiu um sistema dicotômico e com este surgiu um grande número de oposições paradigmáticas: tradicional versus moderno; oral versus escrito e impresso; comunidades agrárias e consuetudinárias versus civilização urbana e industrializada; economias de subsistência versus economias altamente produtivas. Em África é geralmente dada muita atenção à evolução implícita e prometida pela passagem de antigos paradigmas para o último. Isto propunha que um salto de uma extremidade (subdesenvolvimento) para a outra (desenvolvimento) era na verdade enganoso...” (Mudimbe V.Y, p 18)

A Nigéria passou pela colonização inglesa desde a época da revolução industrial até a sua independência em 1960. Como não poderia deixar de ser, toda colonização deixa marcas profundas de violência, desrespeito e prejuízos de toda sorte. Após, o colonizador segue o seu caminho com os louros fruto do sangue alheio, mas o colonizado fica com as marcas que dificilmente se dissiparão.

“Entre os dois extremos existe um intermediário, um espaço difuso, em que acontecimentos sociais e econômicos definem o grau de marginalidade (Bigo,1974, p 20; Shaw,1985, PP,33-36). Ao nível econômico, por exemplo, se a produtividade relativamente baixa dos processos tradicionais de produção (anteriormente adaptados aos mercados e tipo de comércio e trocas então existentes) foi interrompida por uma nova divisão do trabalho,

que depende de mercados internacionais, então a transformação significou uma destruição progressiva das áreas tradicionais da agricultura e do artesanato” (Mudimbe, P,19 S/D).

Hoje a Nigéria vive ainda sob o jugo do colonialismo invisível, as pessoas inconscientes de que suas vidas são frutos de um sistema de exploração. Vivem como se isso não tivesse passado, continuam dormindo sobre o sonho de que alguém de fora, aos quais pertencem, irá dar conta de suas vidas, de sua subsistência. Hoje transitam atônitos sem consciência de que a democracia chegou. Não sabem o que é isto. Todos eles vivem, não só os Yorùbá, mas os Haussá, Fulani, Igbo. Ijéjá, Ijegu e tantos outros num conformismo sem precedentes.

Nós brasileiros somos diferentes, não temos a mesma recordação da colonização, com exceção é claro dos racismos que continuam mais latentes do que nunca, na verdade é um estigma ser afro-brasileiro ou indígena. Carregamos outras dificuldades nos tempos atuais como a exclusão, vulnerabilidade, invisibilidade. Bruno Latour esclarece bem como isso se dá.

“...Nós, ocidentais, somos completamente diferentes dos outros”, este é o grito de vitória ou a longa queixa dos modernos. A Grande Divisão Entre Nós, os Ocidentais, e eles, todos os outros, dos mares da China até o Yucatán, dos Inuit aos aborígenes da Tasmânia sempre nos perseguiu. Não importa o que façam, os ocidentais carregam a história nos cascos de suas caravelas e canhoneiras, nos cilindros de seus telescópios e nos êmbolos de suas seringas de injeção. Algumas vezes carregam este fardo do homem branco como uma missão gloriosa, outras vezes como uma tragédia, mas sempre como um destino” ... (Latour, 1994: 96).

Fato é que nunca vimos nenhum país ocidental pedir desculpas a esses povos africanos. O que pudemos observar é que nos dias atuais, na Nigéria a colonização continua, de si para consigo, através de seus pares, aquele que entende que é superior, tem por objetivo subestimar o seu igual, como se assim não fora, porém com uma nova vertente, a da corrupção que hoje é sistêmica e normatizada alcança níveis de perversidade junto à população. Não importa quem sofra, o que importa é manter o padrão antes conhecido com a presença do homem branco. Alguém tem que subjugar alguém sempre, isso foi o que pude observar por ocasião das viagens feitas. Na minha experiência na Nigéria observei que tem sempre alguém querendo usurpar o que você tem, parece que eles entendem que aquele que vem de fora tem a obrigação de sustenta-los sempre,, diferentemente do que vivenciei no Benim.

O que é Orí?

Orí é um Orixá (ou seja, são espíritos cultuados) que não tem um assentamento em compartimentos de louças, barro ou ferros como nós religiosos de matriz africana entendemos. Ele está literalmente dentro do nosso crânio de forma não física, invisível, perceptível, porém potente, absoluto e onipotente. Podemos considera-lo por si só a Centelha Divina do Criador que habita em todos nós. Esse é Orí.

Orí é a divindade pessoal que, cultuada entre outras, é de fato a mais importante do panteão Yorùbá pois, seja qual for o empenho de outras divindades em favorecer determinada pessoa, todo e qualquer progresso dependerá sempre do que for sancionado por Orí. (Sikirù, Ribeiro p 171, 2015).

Quero esclarecer ainda que quando é citado que Orí é Onipotente quer dizer que mesmo que você seja uma pessoa de boa índole e que sempre utiliza a sua magia para o bem e por ventura se alguém te faz um grande mal, mesmo assim você entende que deve perdoar essa pessoa, se o teu Orí entender que deve punir aquela pessoa, ele juntará todo o seu axé, independente de sua autorização, e irá atrás da pessoa e a punirá. Outro exemplo é se uma pessoa em outro país me faz um grande mal, através de bruxaria ou não, o meu Orí ficará sabendo, mesmo que eu nunca tome consciência da ação daquela pessoa.

Ora, se o Orí é reconhecido como “o mais importante”, qual a razão para que os autores brasileiros deixem de pautar em suas literaturas tão importante divindade? Hoje eu sei que Orí tem mais de uma denominação. Orí Aperè é caixa craneana, a parte física externa, visível que está literalmente sustentada pelo pescoço, sua ponte de ligação com o restante o corpo. Nela estão situados os sentidos de nossa percepção. De forma que os olhos, nariz, ouvidos, e a boca fazem parte do Orí Aperè.

Apèréré, a cabeça com seu suporte, são modelados com porções de substâncias-massas progenitoras, mas o interior, o orí-inu, é único e representa uma combinação de elementos intimamente ligados ao destino pessoal. É esse conteúdo, o orí-inú, que expressa a existência individualizada” (Santos, Joana Elbain, p 204, 1975).

Existe de fato essa diferença entre Orí Inú e Orí Adè, Orí Odê ou àpéré, e têm papéis decisivos nas tomadas de decisões do dia a dia de uma pessoa, fazendo com que ela seja bem-sucedida ou não em seus intentos.

De acordo com Awo Fategbe Fatumbi (<http://www.egbeiwapelebom.com/the-yorubametaphysical-concept-of-Orí/>),

In Yoruba theology, perhaps nothing is more complex than the metaphysical concept of Orí, variously associated with the physical head (the cranium), personal orisa, consciousness, destiny, human soul, and ancestral guardian angel. It can be considered as the Yoruba theory of consciousness, or as the Yoruba theory of destiny, or both. In my conception, our Orí is our soul, which contains consciousness (knowledge, wisdom, thought and emotion) as well as our predetermined destiny and is our connection to source as well as all things containing consciousness. Within the mystery of Orí is another mystery, "Orí Inu," our inner self; the divine spark. A third component of the "Orí complex" is the "Iponri" - our higher self. It is our mirror image that resides in Orun, the Invisible Realm of the Immortals.

O objetivo central desta pesquisa é desenvolver o conceito, a importância e excelência do Orí através de pesquisa bibliográfica, experiência etnográfica e experiência da autora com o tema, bem como procurar respostas do porquê no Brasil não se exalta o Orí como fazem os povos Yorùba, Haussá, Ketu, Ígbo, Ijesa, Fulani e Jêje. Por que aqui no Brasil as religiões de matriz Africana focaram apenas com o culto aos 16 Orixás? Por que na bibliografia brasileira encontra-se pouca coisa sobre esse tema? E o que fazem os sacerdotes e sacerdotisas brasileiros, que pouco ou nada sabem a respeito?

Situando a pesquisa

Fui iniciada no Culto aos Orixás em 1982, em Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro. Sou Iyalorisa de uma Comunidade Tradicional de Matriz africana desde 1994, na cidade de São José da Lapa-MG. Em 2011 viajei para a cidade de Ibadan, na Nigéria, onde fui iniciada no culto de Ifá, obtendo então o status de Iyanifá. Durante o processo iniciatório, me foi *divinado* algo que tem relação direta com o tema da presente pesquisa: que minhas mãos foram preparadas exclusivamente para cuidar de Orí.

Diferença entre adivinhação e divinação

Adivinhação – É algo que é feito sem nenhuma ética, de forma irresponsável, sendo oportunista, pode ser até criminoso, por exemplo um hacker que advinha ou rouba senha de bancos.

Divinação - Divina ação, é uma ação da divindade que dá condições de ver o que está acontecendo e é capaz de dar as soluções de como agir, de como proceder, como pensar, de como raciocinar. Ação divina que te leva para uma evolução física, psíquica e espiritual. Normamente é utilizado um oráculo para fazê-lo.

Os Yorùbá no contexto da Nigéria Contemporânea

“Habitualmente, Ifá tem sido uma religião viva universal, de relevância contínua para a humanidade, não haveria necessidade de relaciona-la com o homem negro. A necessidade de fazê-lo surge apenas por, primeiramente, Ifá ser a primeira e mais antiga religião da humanidade que foi concedida por Olódùmarè (Ser supremo) à Orúnmilá, o primeiro messias da humanidade, e também pelo fato do homem negro estar protegido num estado desorientado de anomia, totalmente absorto de seu passado, ignorante sobre sua presença e desatento em relação ao seu futuro. Ele anda com ar de subserviência e se orgulha falando e pregando a visão religiosa global dos Árabes e judeus, dando a entender que elas são mais universais que o Ifá. Ele é fatalmente negligente ao fato de que Ifá existiu milhares de anos antes de Abraão (patriarca de Moisés, Jesus e Mohammed) e de que Ifá é a religião primordial na qual todas as outras foram desenvolvidas”. Salami Aiyó, 2009, p. 9.

Na verdade, Ifá não é espírito, não é Orixá, muito menos religião. Ifá é um modo de vida. É a consciência cósmica do povo Yorùba. Ifá é o verbo, é a palavra do criador em favor da criatura. No princípio era o verbo.

No ano 2017 fui convidada por pesquisadores da UFMG a participar do ‘Curso Catar Folhas’, realizado por uma equipe multidisciplinar no primeiro semestre. Este evento, somado ao meu interesse anterior pela antropologia, despertou ainda mais o meu desejo por uma tradução, em linguagem antropológica, de uma questão de importância central em minhas funções de sacerdotisa e conhecer o modus operandi desse ritual pela ótica da academia. Por exemplo, para o antropólogo britânico James Frazer a magia é imaginária, mas para uma sacerdotisa, ela é uma técnica eficaz.

Mas em si a magia não é nem benéfica, nem maléfica; é simplesmente um poder imaginário de controle sobre as forças da natureza, que pode ser exercido pelo feiticeiro para o bem ou para o mal, para beneficiar o indivíduo ou a comunidade ou para prejudicá-los. Sob esse ponto de vista, a magia está exatamente no mesmo plano das ciências, das quais vem a ser a irmã bastarda, também as ciências não são boas nem más em si. Embora possam gerar tanto o bem quanto o mal, conforme a maneira como forem utilizadas. (Frazer, p.8).

De acordo como a minha vivência posso afirmar que animismo é tudo aquilo que é produzido pelo homem, mas que não vem sozinho, é um duplo saber entre o criador das ideias associadas e corroborado pelos espíritos. O homem nunca poderá afirmar que o que foi produzido é fruto de puro intelecto. Mas com certeza tem sempre uma parcela de contribuição do seu produtor. Contudo, devemos considerar que a produção depende sim do grau de desenvolvimento intelectual do homem. E que os animistas em muitos casos são desprovidos de tal desenvolvimento. Nesse caso, o percentual maior daquilo que ele produz vem sim de fora, ou seja, parte das entidades. E por esta razão o animista não poderá ser responsabilizado pelo resultado da sua criação.

Como já possuo alguma familiaridade com a língua Yorùbá e mantenho, desde então, relações de proximidade com sacerdotes yorùbá, acredito que seja possível, apesar das dificuldades do campo e da amplitude do tema, desenvolver uma dissertação que aborde em linhas gerais o culto a Orí. Pesquisar o Orí de acordo com o povo Yorùbá é deveras delicado. Isto porque, apesar de ele poder ser erroneamente reduzido a uma noção fisicalista de “cabeça” ou a uma tradução culturalmente marcada do cérebro, para os Yorùbá ele excede em muito tais definições. Para os Yorùbá, sua importância e excelência residem, sobretudo, em sua capacidade de ser onisciente.

Levando isso em consideração, procuro neste trabalho abordar as tratativas para com o Orí como um ato não apenas religioso, mas também terapêutico. Sabe-se que aqui no Brasil o povo da diáspora africana que pratica os ritos dos seus ancestrais, tem por costume tratar e alimentar esse Orí através de um procedimento que consiste em alimentar a “cabeça”, ritual denominado Oborí.

De acordo com a visão de Estélio Gomberg:

“O ritual do borí tem o significado primordial de (re) construir a identidade social e religiosa do indivíduo dando uma nova dimensão à realidade vivida, referendando a sua Gênese e existência a partir de uma lógica que valorizará a concepção de vida e de corpo conforme a cosmo visão do grupo em questão.” (2011, p 146).

Tudo é passivo de ser pesquisado, não importa de onde vem a proposta de encontrar indagações.

Infelizmente aqui no Brasil, muitos sacerdotes e sacerdotisas entendem o borí como algo que possa manter o neófito sob os seus auspícios, dependente, isso é fruto exclusivo da ignorância.

Quando, de acordo com os Yorùbá, o borí é um procedimento ritualístico que tem por objetivo ser um paliativo para qualquer pessoa, quer seja ela do culto à tradição ou não. Esse ritual não vincula a pessoa nem ao sacerdote ou sacerdotisa, nem tão pouco ao templo de culto às tradições de matriz africana.

A definição de Voguel Mello é muito clara:

A palavra Borí designa o ato de dar comida à cabeça de alguém. Por extensão, significa ainda o procedimento ritual que engloba e regula esse ato. Um borí alimenta a cabeça, concebida como algo à parte, distinta do corpo, especial, sagrada, poderíamos concluir lembrando Durkheim. De fato, em Yorùbá encontramos duas formas: Bò Orí, que equivale a cobrir a cabeça e Bò Orí, com o sentido de sacrificar para a cabeça (Voguel Mello, 1993: 46).

Diferentemente dos ocidentais, esta é uma prática natural para o povo Yorùbá:

Todo Orí embora criado bom, acha-se sujeito a mudanças. Feiticeiros, bruxos, homens maus e a própria conduta de uma pessoa podem transformar negativamente seu Orí, sendo sinal dessa transformação uma cadeia interminável de infelicidades na vida de um indivíduo a despeito de seus esforços para melhorar. “Importante enfatizar que a qualidade do Orí de um Homem depende dos aspectos biológicos e espirituais de sua ancestralidade (Sàlámi, Ribeiro 2015, p. 34).

Quero chamar atenção para um pequeno detalhe: anteriormente eu escrevi que Orí é Onipotente, pois bem, logo acima é citado que o mesmo pode ser afetado por feiticeiros, bruxos etc. Vejamos agora o que diz Evans-Pritchard sobre essa onipresença da bruxaria em sua obra sobre os Azande:

A bruxaria é onipresente. Ela desempenha um papel em todas as atividades da vida zande: na agricultura, pesca e caça; na vida cotidiana dos grupos domésticos tanto quanto na vida comunal do distrito e da corte. É um tópico importante na vida mental” ... (Pritchard, Evans 2012, p 49).

Tanto quanto a noção de bruxaria na interpretação de Evans Pritchard é central para a compreensão do mundo Azande, também a noção de Orí é essencial para entender a tradição Yorùbá.

Após estudos dos mais respeitados autores da Antropologia no Brasil que trabalham com religiões de matriz africana, tais como Roger Bastide, Reginaldo Prandi, Marcio Goldman, senti a ausência de livros que tratam dessa temática especificamente. Talvez em decorrência

da ausência de conhecimento sobre esse tema nos terreiros estudados por eles. Assim sendo, percebo que há uma carência efetiva de estudos sobre Orí aqui no Brasil.

O início de todo procedimento para com o Orí pode acontecer de forma inusitada. Por exemplo: uma pessoa resolve fazer uma consulta ao Oráculo para as coisas corriqueiras de sua vida. E durante a consulta é revelado que seu Orí está exigindo comer. O Sacerdote ou Sacerdotisa explica a essa pessoa que todas as suas presentes dificuldades não são provenientes de mau olhado, inveja, feitiçarias e ou outras magias e muito menos cobrança de algum Orixá conhecido, e sim é uma exigência de sua própria cabeça, o Orí, considerado pelos Yorùbá o Orixá maior. Sabemos que isso é de difícil entendimento para um leigo. Mas assim é.

Pode acontecer também que, de acordo com o oráculo, toma-se conhecimento que é necessário elaborar um Borí para o Orí do pai ou mãe da pessoa, quer estes estejam vivos ou mortos, para que os eles possam propiciar bem-aventurança para o Orí de seu filho. Ou, no caso, o consulente.

Entendemos que conhecer melhor essa ciência através dos mecanismos da pesquisa bibliográfica e etnográfica nos dará conforto e reconforto para o reconhecimento dos saberes desse povo que hoje vive o ano de 10.061, enquanto que a doutrina cristã hoje data de 2020.

Todos nós que professamos o culto dos nossos ancestrais aqui no Brasil sabemos que, apesar de tantos saberes, tantas vertentes de uso da magia do povo Yorùbá no sentido de favorecer os seres humanos, chega um momento de um específico rito considerado o maior, que é o da Iniciação do Elegun (médium) para com aquele Orixá definido para ele mesmo antes da vinda dessa pessoa do céu para a terra. Esse momento é considerado o ato supremo dentro do Culto às Tradições. Esse é um momento de preparo do Orí da pessoa para receber os rituais antes jamais vividos, mesmo porque normalmente as pessoas vem de tradições judaico-cristãs para dentro da tradição de matriz africana.

Nesse momento são feitos os preparativos, Ebó, Sacrifícios, Rituais de magia para o Orixá Ossanha, devido à sua importância no processo de iniciação por ser ele o responsável pelas folhas que tem o poder que fará com que essa iniciação se efetive, trazendo o Orixá do além-Atlântico para as terras brasileiras, para o encontro definitivo com o seu escolhido.

Na minha casa o Oráculo é permanentemente consultado por mim durante todo o ritual de iniciação, com o objetivo de se ter a plena certeza de que não há nenhuma interferência negativa em todos os preparativos. Quer seja de Egungun (espírito dos mortos) ou de Iyámi Oxorongá (as grandes feiticeiras) ou mesmo dos Ajogun (espíritos de trevas). Ou Egbé Orún (sociedade do céu da qual o iniciante saiu para reencarnar aqui na terra). Todos são prontamente atendidos no sentido de apaziguar os seus ânimos e deixar em paz tanto a aldeia quanto o candidato à iniciação.

Enfim, tudo a postos, é chegada a hora de usar o Obé Ifari (navalha), os cânticos começam a ser entoados, o gan (agogô) é sonado. O momento requer plena atenção, seriedade e respeito. Tudo isso para se tocar a mão no Orí (cabeça) dessa pessoa que, por uma razão ou outra, é levada a esse momento. O Ritual é executado por mãos firmes e saber incontestável do sacerdote ou sacerdotisa e por todos os presentes. É inadmissível um erro nesse momento, como se fosse uma cirurgia da maior e extensa complexidade que nós ocidentais possamos conhecer na atual medicina. Uma vez concluído este ritual, o Orixá sai na sala, dá o nome e ponto final. Após isso, na maioria nos terreiros brasileiros, não se fala mais em Orí. A partir daqui especificamente torna se comum o trato do Orí e Orixá que o escolheu como se fossem apenas um. Para mim, é exatamente aqui que o culto a esse Orixá se perde aqui no Brasil

Entretanto, o que mais se tem notícia aqui no Brasil é que “fizeram o santo errado na pessoa”, referindo-se ao ritual de iniciação no culto ao Orixá. A propósito, quero pautar que não aceito essa expressão “santo” dentro da Tradição. Porque quem tem santo é a igreja católica, Religião de Tradição tem Orixá. A partir daí essa suposta vítima está predestinada a uma vida de infortúnios inimagináveis. Ele é estigmatizado por uma magia que deu errado. Até que o mesmo encontre um sacerdote ou sacerdotisa com expertise suficiente para harmonizar o Orí dessa pessoa e esclarecer que ele e o seu Orixá são individualidades distintas. Mas isto não é tudo, é importante também lembrar que para a religião de tradição lá na Nigéria é comum a pessoa ser iniciada para vários Orixás, tantos quantos forem necessários. Essa prática ainda não chegou por aqui, salvo algumas casas dirigidas por Bábálawò (s) e que professam o Isese Lagba (ou seja, aquele que cultua a tradição). Isso põe fim a essa história de Orixá errado. Na realidade o que está faltando é a pessoa ser iniciada em mais um ou mais alguns Orixás. O que falta ao povo de candomblé na diáspora brasileira saber é que: 1º) Orixá não coaduna com coisa errada. 2º) uma pessoa pode até nascer com boa sorte, mas o seu Orí, juntamente com a má conduta, pode desviar essa boa sorte. Por exemplo, quando a gente faz de tudo para uma pessoa adquirir a boa sorte e isso não acontece, costumamos dizer: o Orí não ajuda. Ele é ruim

para a pessoa. Nesses casos, é possível propiciar o Orí com orações, como por exemplo neste encantamento abaixo.

Encantamento para propiciar o Orí

“Orúnmilá que fortifica os tristes, fortifica me, eu estou triste, fortifica o meu coração triste. Senhor da comunidade, aquele que é honrado e respeitado, é a cabeça de alguém cansado que invoca a tua ajuda. Senhor da comunidade, esteja conosco, me acompanhe, que as coisas boas me encontrem, e que obtenhamos coisas boas, é a cabeça de alguém cansado que invoca tua ajuda. Minha cabeça, venha cobrir a casa e minha retaguarda. Duzentos, duzentos, que orobô cresça na floresta; duzentos, duzentos, que ataré cresça na floresta, duzentos, que o poder do dinheiro adentre a minha casa. Que as feitiçarias, as doenças, os problemas, as aflições, a morte, a fome, a sede, desapareçam da minha vida. Quando efún entra no ossún ele desaparece. Que todas as minhas aflições desapareçam. Que a palavra de Ifá se realize, e a de Orúnmilá também, como um encanto. E ao encontrarem Alagemô realizem-se através dos Orixás, que aceitam do alto todos os meus pedidos. A folha no fogo queima rapidamente, que meus pedidos se realizem assim. Leite, leite, escorra para as crianças em quantidade como é na fazenda de Esisi. Que minha casa, meus caminhos, meus conhecidos se engrandeçam. Que todos os meus votos façam desabrochar, e transformar-se para mim, a fim de que ao nascer do dia eu encontre facilidades, axé ô, axé ô, axé ô!” (Autor desconhecido).

Mediante o exposto, mostra-se necessário aprofundar na pesquisa bibliográfica e principalmente etnográfica na Nigéria para efetivamente preencher esta lacuna na Antropologia e, porque não, suprir a carência de conhecimento entre os povos praticantes do culto às Tradições aqui no Brasil.

Por fim, gostaria de destacar que de um lado, esta pesquisa é uma investigação antropológica do tema, através de conceitos próprios da disciplina, bem como uma reflexão sobre a complexa cosmologia deste povo, mas também está profundamente marcada pelo meu papel como sacerdotisa e praticante da tradição de matriz africana no Brasil. Tendo isso em vista, minha atuação como pesquisadora produz uma

“antropologia implicada”, interessada em disponibilizar conhecimento aprofundado sobre Orí, um tema de relevância e interesse dos que seguem a tradição no Brasil.

A pesquisa etnográfica foi realizada na cidade de Osogbo, estado de Ilobu - e na Universidade de Oba Femi, cidade de Ilè Ifé, estado de Osum, na Nigéria, no período de janeiro a fevereiro de 2019. Foram realizadas entrevistas com Babalawós, Iyanifás e Olorisa,

sacerdotes yorùbá, bem como acompanhamento do cotidiano da prática religiosa destes, ao longo de minha permanência em campo. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, inclusive com levantamento de fontes sobre o tema na Universidade de Ilè Ifé e conta também com a minha própria experiência enquanto Iyalorisá de uma Comunidade Tradicional de Matriz africana iniciada em 1982, Iyanifá em 2011, e coroada Iyalodè em 2018.

CAPÍTULO II

A COROAÇÃO

Em uma tarde de maio de 2018, recebi um telefonema do amigo Olusegun, Yorùbá radicado por muitos anos em Belo Horizonte, com um discurso estranho. Dizia ele: “Já há muito que venho tentando fazer de tudo para reatar os laços do povo do Brasil com a minha terra a África, mas foi em vão, quebrei tanto a minha cabeça que já há algum tempo que estou tentando juntar os cacos e retomar esse sonho. Pois bem: O que quero dizer para a senhora é que no mês de junho deste ano 2018, virá ao Brasil o Ooni ou Rei de Ilè Ifé. Ele visitará Salvador, Rio de Janeiro, Espírito Santo e por último Belo Horizonte. Aqui ele terá uma agenda com o governador, com empresários, economistas e ele deve visitar uma Casa de Tradição. E eu pensei na senhora, ele virá com uma comitiva de 120 pessoas”.

Eu ouvi tudo aquilo com muita naturalidade, porque de fato não tinha noção do peso que é receber um Rei em casa, mesmo porque não tenho no imaginário o que é viver num país com Presidente da República e Rei. Na verdade, nem sei para que serve isso. Enfim, agradei a consideração e, sem avaliar, me predispus a receber tal Rei. Deveria ser uma grande festa à sua altura, deveria servir almoço, bebidas, música, presente, decoração, eu deveria espalhar convite para toda a cidade e que a autoridade máxima da cidade deveria estar presente, porque essa visita tinha que ter conotação política. E que eu não precisava me preocupar, porque o governo deveria pagar todas as despesas. Não havia pensado nisso, mas é óbvio que me senti confortável. Eu seria apenas a cicerone. Chegou o dia de visitar o prefeito da cidade de São José da Lapa, expor a agenda, mas que eu não me preocupasse porque a ordem de receber o Rei partiria do gabinete do senhor governador, que na ocasião era Pimentel. Coitado, estava chafurdado num miserê como nunca tinha visto na história desse estado de Minas Gerais.

Logo dei pressa em comunicar à comunidade, encomendar tecidos, elaborar convites, *coffee break*, almoço, sobremesa, lembrancinhas, decoração. Era também necessário construir um simpático jardim no lugar onde ficava o viveiro da arara, tudo deveria estar milimetricamente perfeito. Afinal, teria dinheiro com fatura! Tivemos vários encontros com o advogado que era o Secretário de Cultura, mas de Cultura nada sabia, vinha à minha casa, fazia planos, projetos e etc. Levaram-me a um restaurante para experimentar a feijoada, para ver se estava do meu agrado. Tudo corria perfeito demais para ser verdade. Os dias foram passando, até que

chegou na segunda feira que antecedia tal evento. Recebi, no final do dia, a visita do senhor secretário e sua assessora, dizendo que a prefeitura não pagaria mais nada. No máximo um café somente para o Rei e a sua comitiva, e o povão ficaria do lado de fora. Achei aquilo um despropósito. Perguntei se ele tinha noção do perigo. Enfim... resolvi que eu faria tal festa com o meu dinheiro e do meu jeito, comuniquei à comunidade, vi quem poderia contribuir etc.

Nesse meio tempo, o meu amigo Olusegun começou a me pedir fotos, mais fotos, fotos de corpo inteiro, fotos atuais, vídeo falando para o tal Rei. Eu achei tudo muito estranho. E lhe disse, para mim soa muito estranho tudo isso, por acaso tem alguém dessa comitiva interessado na minha pessoa? Ele sempre se esquivava, mas informou que já haviam entrado na minha conta do Facebook e revirado toda a minha vida. Achei engraçado, nada mais. É chegado o dia da visita.

A Visita do Ooni – Rei de Ilè Ifé à minha casa

16 de julho de 2018 – Recebemos o Rei com o que tínhamos de melhor, até banda de música tinha, grupo de pagode da pior qualidade pagos pela prefeitura e o tal Secretário de Cultura também. Tinha policiais batedores para alegria das solteironas e divorciadas, tinha de tudo, inclusive os nigerianos. Tudo correu como esperado, tudo muito lindo, houve discursos de ambos os lados, a sacerdotisa da comunidade de Osún em Ilè Ifé entrou em transe, incorporando Osún, como que dando um atestado do nosso Axé. Até então tudo bem. Chegou a hora do almoço, havia arroz branco, carne de 13 cabritos do Itéfá que tinha acontecido uma semana antes (Itéfá é o ritual de iniciação para Ifá), 50 frangos caipira fruto das oferendas, e a tradicional feijoada, regada com 300 unidades de cerveja Skol. Porém, dias antes o amigo Olusegun disse-me que os nigerianos não comem feijão preto, só mesmo por ocasião de rituais de morte, mas que eu poderia fazer para servir para os brasileiros. A notícia que correu é que o tal Rei não comia em público, sei que aqui ele comeu sim. Acomodei me ao seu lado durante o almoço, e não sei por que razão lhe disse: “hoje, exatamente hoje faz dois anos que foi enterrado o meu falecido marido”, e lhe mostrei a foto de Giuseppe. Ele disse: “Minhas condolências, você quer um marido nigeriano?” Respondi de imediato: “Não, muito obrigada”. Ele me disse: “então serei o teu pai. E vou lhe conceder o Título de Iyálodê”.

Disse ele, “é um título muito importante”. Nada entendi, mas estava tudo certo. A bem da verdade não dei muita importância, porque pensei que seria um título igual ao de cidadão honorário que temos aqui, recebe uma placa e ela fica sobre a mesa ocupando espaço e

enchendo de poeira. Na oportunidade disse que iria à sua cidade para fazer pesquisa etnográfica sobre Orí, ele ficou contente e disse: “a tua pesquisa vai começar no meu palácio”. Já me dei por satisfeita, enfim uma porta se abriu de fato. Durante tal almoço eu corria os olhos em tudo, e de repente vi um Yorùba sentado à mesa de minha cozinha pedindo amendoim, ou castanhas, as meninas que serviam as pessoas providenciaram um pacote de amendoim lá na dispensa de material de ebó, torraram um pouco e entregaram para ele, que comia com farinha de mandioca e água, achamos aquilo tão estranho, mas enfim era o seu desejo. Fato é que quando esse Rei saiu da minha casa eu já tinha o coração ameno, pois já sabia onde ficar, e por onde começar por ocasião da etnografia. Nessa hora já o informei que iria para Nigéria no mês de agosto, para o festival de Oxún em Osogbo e também fazer o mapeamento de onde eu queria pesquisar. Terminado tal almoço a comitiva foi embora, a maioria do pessoal também. O grupo de pagode da pior qualidade também se antecipou. Passamos o resto do dia com o pessoal do Ilè Asé, poucos amigos e parentes, fazendo a resenha do evento.

Em geral, os nigerianos nos parecem ter uma relação muito estranha com dinheiro, coisa que foge um pouco ao nosso entendimento, parece uma tara, mas enfim... não demorou muito Olusegun me pediu para enviar cerca de R\$1.200,00 e também a medida do meu Orí para pagar a confecção da coroa que receberia por ocasião de minha visita em agosto de 2018, não fiz de rogada, logo enviei.

A Primeira Viagem dessa Pesquisa

Não tardou muito é chegado o dia de viajar, dia 13 de agosto embarquei para Dubai nos Emirados Árabes, viagem agradável, confortável. Chegando em Dubai fui revistada pelos agentes locais. Depois de três horas segui pela mesma companhia para Nigéria, ali sim o pior me aguardava, quando viram que eu portava um passaporte do Brasil, bastou para ser parada, revirarem todas as minhas bagagens, até os parafusos do puxador foram retirados, a esse ponto pedi ao policial que ligasse para Taiwô, que me aguardava lá fora, coisa que fez com boa vontade, porque Olusegun não havia chegado, chegaria mais tarde, porque viajou de *Ethiopian Airlines*. A revista continuava, como se não bastasse fui revistada por uma mulher, em seguida tive que fazer xixi no copo plástico, para ver se tinha resíduos de cocaína nas intimidades. Fiz tudo isso sem reclamar e sempre com muita leveza. A conversa rendeu, teve um policial que chegou a sambar na minha frente para mostrar que estava habilitado para o carnaval no Rio de Janeiro, achei graça, o cumprimentei, sei que a sala virou um fuá. Até que

o chefe da segurança me convidou a ir embora, porque já estava passando dos limites. Ao sair, uma daquelas mulheres que ali estava se prontificou para levar minha mala, lá fora já passou para outro cara, questionei, solicitei que deixasse que eu mesma conduziria minha mala, mas foi em vão. Aguardei um tempo para ver se encontrava quem me aguardava, até que o policial que me parou lá atrás, passou por mim e disse: “a senhora ainda está por aqui?” Disse sim, ele imediatamente se dispôs a ligar para Taiwô, que em seguida chegou ao meu encontro. Mas minutos antes começou o embate, aquele casal queria que eu desse dinheiro para eles, disse-lhes, “por que eu haveria de dar dinheiro para vocês, se eu já passei por todo tipo de constrangimento lá atrás, eu ainda tenho que lhes dar dinheiro, não vou dar e vai se danar”. Quando Taiwô chegou com o motorista, pegou as minhas malas e saímos, acreditam que esses dois continuaram nos seguindo, até que Taiwô deu a eles um dinheiro. Seguimos para um hotel não muito longe, ali deveria aguardar Olusegun, acomodei-me em um quarto com muito cheiro de mofo. Por volta de 15h30 saí do quarto e encontrei Olusegun, que me aguardava ao lado da piscina, nos cumprimentamos alegremente, lhe contei o ocorrido, e logo decidimos pedir o almoço, pois o dia já estava indo embora e não havia comido nada até então. Seguimos para o restaurante nós três, em seguida chegaram dois empresários, que também não tinham almoçado, juntaram-se a nós. De imediato Olusegun lhe entregou um pacote de aproximadamente dois quilos de sementes de mamona com a logomarca da Emater, eram sementes selecionadas e que um desses empresários, que fora vereador em Lagos e hoje tem fazendas, testaria, com o objetivo de produzir mamonas para fins industriais. Minutos depois chegaram mais três amigos de Olusegun, um deles deveria embarcar para o Brasil naquela noite para fazer uma turnê junto com Idowu, irmão de Olusegun que reside em Porto Alegre, eles foram visitar Olú, porque o mesmo havia providenciado essa passagem para esse rapaz, que havia lhe pedido mil dólares, mas Olú me disse: “se eu lhe desse esse dinheiro daqui a dois meses ele voltará a me pedir novamente; ele é como meu irmão, fomos criados juntos durante a nossa infância, quando morávamos no interior, ele é um grande músico, tem muito talento, mas aqui na Nigéria não tem chance de crescer. Essa foi a forma que tive para ajudá-lo, enviando ao Brasil, onde fará shows em São Paulo, Porto Alegre e São Luiz do Maranhão”. Ouvi em silêncio e observando que todo mundo comia e bebia o que queria, mas na hora de pagar, somente Olusegun é quem bancava a conta. É bem verdade que eu havia pago uma quantia de dez mil reais por essa turnê, fora a passagem é claro. Não somente eu, mas também todo o restante do pessoal de Porto Alegre que chegaria no final de semana e se juntariam a nós, em número de quatro pessoas. Essa viagem tinha sido acertada em março do mesmo ano, nem sonhava com visita de um Rei à minha casa. Quando tive oportunidade

reclamei com Olusegun sobre o aspecto do meu quarto, ele foi até lá, verificou e constatou que de fato esse hotel não servia para nós, mandou que preparasse as minhas coisas pois mudaríamos de hotel naquele dia mesmo. Assim fizemos, saímos visitando os demais hotéis e conferindo os quartos se estavam de acordo, depois do terceiro decidimos nos hospedar. Era parecido com as estruturas do que conhecemos como Sesc no Brasil; era utilizado por delegações de outros países africanos para grandes eventos. Nessa mesma noite chegou o irmão de Olusegun, Idowú, que reside em Porto Alegre. No dia seguinte seguiríamos para Osogbo com mala e tudo, seria o grande festival de Osún.

Dia 16 de agosto partimos por cerca de 8h da manhã. No meio do caminho paramos para apanhar o Sr. Akani, amigo de Olú, que seguiria de carona com a gente. Sr. Akani é um simpático yorubá que tem casa em Osogbo, mas reside em Salvador há cerca de 30 anos. Foi ele quem nos acolheu em sua confortável casa, aos modos das nossas casas no Brasil, casa com cortinas, sofás, TV tela plana, ar condicionado, suíte, sala de jantar etc. Conforto muito distante da realidade daquela cidade. A estrada estava cheia de romeiros que seguiam no mesmo sentido. A viagem durou cerca de duas horas e meia; lá chegando Olú mandou que eu trocasse de roupa, colocasse roupa branca. Fiquei me perguntando, por que não me avisou lá em Lagos? Pedimos a cortesia a um pessoal de uma casa e lá me troquei, era uma casa escura, com aspecto de sujeira, não havia porta no quarto, só mesmo um pano estendido que fazia o papel e cortina. Lá fora as pessoas se acotovelavam porque o cortejo com a Arugbó Osún (uma jovem virgem, escolhida pelo Rei local para carregar o presente de Osún até a beira do rio Osún) já estava saindo.

Ufa, chegamos bem na hora.

O Grande Festival

Olusegun, seu irmão e o Sr. Akani me conduziam, de forma que sempre me mantivesse ao lado da Arugbo Osún e das sacerdotisas do Templo de Osún de cidade. Devia ter cerca de um milhão e meio de pessoas, me lembrava o carnaval de Salvador, onde cada um levava o seu batá (tambor dedicado a Sangô) e todos tocavam ao mesmo tempo, porém cada um com seu toque particular. Na frente de todos tinha um grupo enorme de centenas de rapazes que carregavam longas varas brancas porque tinham sido descascadas, chamadas de Ixan, ou varas para controlar egungun, ao lado uma corda humana de soldados de mão dadas para proteger aquele cortejo, difícil de controlar, devido ao empurra-empurra, e de vez em quando formava uma grande confusão, nesses momentos a polícia não fazia de rogada, descia o cacete com

força. As pessoas que não seguiam a procissão colocavam na porta de suas casas barracas com poltronas, mesas, cadeiras, caixas de som com volume nas alturas de músicas que mais pareciam recitação de Oríkìs (tipo salmos), outros ficavam em suas varandas, saudando os que passavam. Era um mesclado de procissão de fé, carnaval, arruaça, alegria, desatino. Apesar de o povo africano ter por costume usar roupas muito coloridas, nesse dia predominava o branco, eu inclusive, porém havia um detalhe, eu trazia na cabeça o meu ojá branco, não tardou que uma daquelas mulheres me solicitasse para retirar o pano da cabeça, de fato não tinha ninguém com ojá na cabeça, no máximo os cabelos eram trançados e adornados com búzios, era deveras bonito. Havia pessoas de todos os credos religiosos, mulçumanos, cristãos católicos, evangélicos, sem contar que a festa é do povo de tradição, não há conflitos quanto a isso, eles têm um modo de pensar mais inteligente do que nós brasileiros, eles pesam assim: “se eu concordo em participar em todos os credos, então eu aprendo um pouco de todos eles” e assim respeitam todas as vertentes religiosas, salvo as exceções no norte do país. Tinha muitos rapazes bêbados em meio àquela turba. De repente formou uma confusão e me envolveram naquele tumulto, sei que nesse momento levaram meu iPhone, que havia comprado justo um ano atrás por preço módico. Não me entristeci e nem fiquei irada como era de costume se fosse tempos atrás, fiquei serena pensando: “Exú deve estar me testando, melhor ficar na minha”, o Sr. Akani nesse momento disse: “eu já havia dito para eles vocês arrumam essa confusão só para roubar as pessoas” ele me pediu desculpas muitas vezes, como se fosse o culpado. Seguimos aquele cortejo até entrar nas cercanias da floresta por onde passa o Rio Osún, era uma subida forte e as pessoas começavam a correr morro acima, para ter condições de chegar próximo à margem do rio. Como eu já conhecia, preferi voltar, eu não ia subir morro correndo para ver águas como o nosso Rio das Velhas daqui. Abandonamos o cortejo e retornamos, dessa vez para casa do Sr. Akani. Ele fez questão de me colocar num quarto que era uma suíte, porque eu era a única mulher naquele grupo, mas a permanência seria pouca. No dia seguinte retornaríamos para Lagos porque deveria chegar o restante do pessoal do Brasil proveniente do Rio Grande do Sul. Nessa casa tinha uma moça chamada Kemi que cuidava dessa casa. Encontramos o almoço pronto, tudo muito limpo. Por volta de quinze horas, Olusegun me disse que visitaríamos o Rei da cidade de Edé, ficava não muito longe, estava dentro do Estado de Osún também, e que ele havia estado em minha casa por ocasião da visita do Rei. Depois de uns quarenta minutos, lá estávamos na porta de seu palácio. Como não era de se estranhar havia uma grande feira nos dois lados da rua, chamada de feira do rei, sempre as mesmas coisas, inhame, frutas, dendê, sal, igbin, peixes defumados etc.

O Rei Timi

O sol já ia alto quando fomos recebidos por um súdito, disse que o seu rei estava descansando. Do lado de fora estávamos, do lado de fora continuamos ali no pátio do palácio, esperamos bastante tempo, até que começamos a andar pelas cercanias do palácio. Nos deparamos com uma imagem enorme de Sangò, uma bela escultura na cor vermelho, disseram me que esse Orixá é o patrono daquela cidade. Enfim o Rei Timi apareceu, tinha um aspecto de quem estava de fato dormindo naquela bucólica tarde, não se importava com o festival em Osogbo. Nos recebeu com sorriso largo, nos convidou a entrar para uma modesta sala, Olusegun deu pressa em me explicar que ali não era o seu palácio, e sim dependências, e que o seu palácio estava em reforma. Ele lembrou com satisfação de como eu os recebi em minha casa, que foi o lugar que ele se sentiu mais à vontade no Brasil, disse que tinha muita comida, tinha samba, tinha lembrancinhas em forma de coroa, confesso que fiquei admirada com tanta observação. Tratou de nos servir vinho tinto suave. De vez em quando chegava uma pessoa e estirava o corpo no chão, era a forma de reverenciar. Depois entrou um rapaz que ofertou ao rei um pequeno presente, de imediato o monarca mandou que lhe dessem algum dinheiro, achei aquilo muito estranho, parecia que a pessoa tinha ido ali com desculpa de presenteá-lo somente para ganhar algum dinheiro, percebi que isso acontecia de forma natural, ninguém comentava nada, conforme já havia dito antes, a relação dos Yorùbá com o dinheiro é muito diferente da nossa e nos causa estranhamento. O Sr. Akani conversava de forma muito descontraída e sorridente, falavam em yorùbá, a certa altura da conversa o rei ofertou ao Sr. Akani dois lotes em área nobre da sua cidade e continuava a dizer, “você não tem que morar em Osogbo, você tem que vir morar aqui em local nobre”. Como de fato havíamos passado por um local que parecia um condomínio de mansões, ao estilo das mansões do bairro do Morumbi em São Paulo, fiquei admirada. Não demorou muito Olusegun o convidou para a minha coroação na quarta-feira seguinte na cidade de Ilè Ifé, pois receberia o Título de Iyalodè daquela cidade. Aproveitei para falar sobre a pesquisa que faria em seu país sobre Orí. Ele ficou muito satisfeito e lembrou que antes de se tornar rei dessas cercanias ele era professor universitário, se colocou à disposição e foi além, disse que colocaria à minha disposição o Aragba (sacerdote de todos os Bábálawò) e que ele abriria para mim tudo sobre Orí. Fiquei feliz e acreditei. Falou que se soubesse da minha visita teria mandado confeccionar uma roupa para mim. Logo deu pressa de solicitar a presença de um costureiro que chegou, tirou minhas medidas e o rei me assegurou que no dia de minha coroação essa roupa chegaria em minhas mãos na cidade de Ilè Ifé. O dia chegara ao fim, a noite caíra, nos

despedimos. Ao sair vi que a tal feira estava fervendo de gente, é quando fiquei sabendo que a hora de maior movimento é sempre à noite, apesar de as ruas serem escuras por falta de energia elétrica, as pessoas colocam lanternas, lampiões, o que dispunham para clarear. Achei muito estranho, mas depois pensei, deve ser porque o sol é causticante durante o dia e o sofrimento é maior com certeza. Retornamos para cidade de Osogbo. Lá chegando ainda passamos numa grande loja de CD e DVD, eu queria muito comprar alguns, nesse local tinha luz elétrica. Quando enfim chegamos na casa do Sr. Akani, a Kemi chegava junto com a gente, montada numa moto com um galão de gasolina para abastecer o gerador, pois já não mais tinha luz, a casa estava no escuro. Achei aquela moça muito dinâmica e resolvida, logo disse: gostaria de ter uma dessas na minha casa, uma pessoa resolvida que não fica esperando por ordens. Propus a ela vir comigo para o Brasil, ela sorriu acanhada e disse que não saía da Nigéria não. Jantamos, dormimos e durante a madrugada seguinte despertei com tanto movimento nessa casa, era Sr. Akani que devia partir para Lagos, pois deveria voltar para o Brasil às 13h. Ele trazia sacos e sacos de mercadorias, muambas que seriam vendidas na sua loja em Salvador, pois tem um negócio de produtos africanos. Tinha de colares, Obí, orogbo, tecidos, esculturas e pequenas magias. Por volta de 11h retornamos para a cidade de Lagos. Chegamos ao hotel já no final do dia, descansamos e à noite chegou o rapaz de Porto Alegre. Domingo é chegado e com ele o restante dos gaúchos, era um casal de zeladores de casa de axé, marido e mulher e mais um babalorixá. Eram mais tranquilos, mas também foram extorquidos no aeroporto.

Os Agudás

Na segunda feira dia 20 de agosto 2018 a programação era visitar a Embaixada do Brasil, conhecer o embaixador Flávio Manzzarini, que nos recebeu com cortesia, e lá também estava um senhor bem velho, cabelos e barba branca de nome Sr. Martins. É um negro esguio, vestido elegantemente à moda dos brasileiros, calça jeans, camisa de colarinho e vincos. Ele é uma liderança lá, e faz questão de se vestir como um ocidental, com cores neutras, diferentemente dos nigerianos que sempre vestem roupas muito coloridas. Ele é um descendente dos Agudás e nos levaria para conhecer um bairro de mesmo nome, ou seja, os retornados do Brasil por ocasião da libertação dos escravos ou que fugiram.

“Seja como for, durante todo o período consular, os retornados marcaram distância em relação às autoridades tradicionais de Lagos. Se acaso se valerem do apoio britânico, isso não significa que tivessem investido em

bloco suas lealdades políticas com os ingleses. Na verdade, as opções políticas dos brasileiros eram comandadas pela política das cidades do interior e por interesses clientelísticos em Lagos. Assim havia uma forte facção pró-inglesa, da qual fazia parte Antonio Martins, um dos negreiros mais ricos do período consular, senhor de mais de duzentos escravos, várias concubinas” (Cunha, 2012: 171).

O bairro hoje é muito populoso, todo construído por casas no estilo das casas de Salvador, ou seja, casas com telhado com duas águas com eira e beira. Logo abaixo do telhado era cunhado o sobrenome do dono da casa para informar de que família descendiam, a maioria era Silva, Souza, Oliveira, Martins, Fernandes. Esse detalhe era muito importante para eles, pois informa de qual clã são descendentes, dentre outros nomes que nós brasileiros costumamos assinar. No geral são casas que ostentam um poder aquisitivo expressivo. E eles trazem com orgulho esses nomes, os moradores ficavam felizes em saber que éramos brasileiros, nos cumprimentavam contentes.

“A dificuldade de adaptação dos que foram do Brasil para Lagos é sempre mencionada: quase todas as entrevistas lembram uma mãe, uma avó, um tio definhando de saudades do Brasil e eventualmente empreendendo a viagem de volta. “Que terra excomungada”. Diziam de Lagos. O Brasil ao contrário era uma terra paradisíaca, onde todos eram alegres, os senhores benevolentes, a fartura grande”. (Cunha, 2012: 179).

E por essa razão eles acreditam que tem direitos de serem reconhecidos como brasileiros e travam uma briga junto à embaixada do Brasil porque querem dupla cidadania, sem sucesso é claro. Achei muito interessante isso, porque eles têm noção de pertencimento, diferente de nós negros brasileiros que nem sequer de qual país nós não sabemos de onde descendemos, quanto mais sobrenome.

No bairro dos Agudás foi onde comi a melhor comida na Ilha de Lagos, comida tipicamente brasileira, arroz, feijão, macarronada, peixe frito e salada, o mais incrível é que tudo era sem pimenta! Atendiam a gente muito bem. A nossa tendência era logo pedir uma salada por causa do calor e sol causticante, porém recomendei ao pessoal que havia chegado de Porto Alegre que evitassem as saladas, devido o risco de adquirirem malária.

“As comidas, carne do sertão e bacalhau sobretudo, serviam uma culinária dita brasileira, que depois se popularizou em Lagos, onde os brasileiros eram vistos como uma burguesia requintada.” (Cunha, *op.cit.*: 148).

“ Alguns pratos eram especialmente preparados para essas ocasiões: o feijão de leite era comido na Pácoa, por exemplo. As brasileiras ficaram conhecidas em Lagos por venderem grude, mingau, munguzá, pirão de carangueijo, pratos que na Bahia são tidos por africanos e que em Lagos eram apanágio dos brasileiros”. (Cunha, *op.cit.*: 182).

Até os dias atuais acontece no bairro dos Agudás em Lagos o festival de culinária brasileira, que recebe ampla divulgação pela Embaixada do Brasil nas redes sociais.

A visita terminou já no fim do dia. Como anda esse Sr. Martins! Eu estava exaurida. Quando retornamos ao hotel ainda enfrentamos um trânsito caótico, para descansar e seguir no dia seguinte para a cidade de Ilè Ifé.

Seguindo para Ilè Ifé

Olusegun havia avisado a todos que estivéssemos prontos de café tomado para embarcar às 10h. Na hora aprazada eu estava pronta, vi que tinha uma van já com as portas abertas na porta do hotel, logo próximo tinha um militar que tinha em suas mãos um fuzil, usava roupas verdes como as do exército do Brasil, pensei que ali estivesse por causa da segurança de algum hospede importante, pois sabemos que a Nigéria tem sérios problemas com grupo terrorista Bokoharam, mulçumanos radicais, que atua particularmente no norte da Nigéria e por lá comete barbárie contra os cristãos. Esse é um ponto a ser observado. Por que será que eles promovem chacinas, matam mulheres e crianças de vilarejos inteiros, depois ateam fogo no que resta? Essa pergunta tem que ter resposta, uma vez que eu disse que não há conflito religioso no país. De fato, esses são casos isolados. Mas penso que se os evangélicos ocidentais estão invadindo aquele país com o mesmo discurso de ódio com que fazem aqui no Brasil, estão recebendo como resposta, a morte. Porque desde que tempo é tempo blasfemar contra o profeta Mohamed é o pecado mais hediondo que pode ser cometido, isso para os seguidores do islamismo. Já até havia me esquecido desse detalhe, mas fato é que todas as vezes que saíamos do hotel, quando retornávamos, o veículo era revistado com detector de bombas, e assim era com todos os hóspedes. Resolvi perguntar para aquele militar se ele se

incomodaria de fazer uma foto comigo, sem mudar o semblante ele concordou, ato que eu fiz sorrindo, na verdade não sei do quê. De repente observei que na lateral da van estavam as insígnias do Ooni Palace, entendi de pronto que o veículo viera me buscar. Quando já estávamos prontos para partir, observei que aquele militar estava sentado no banco da frente com aquela arma, pensei: o que faz aqui? Em seguida, de dentro da van vi que tinha na nossa frente uma camionete Toyota branca com *giroflex* ligado. Foi nesse momento que entendi que tudo aquilo era por minha causa, estavam transportando a futura Iyalodè de Ilè Ifé. “Meu Deus, em que mundo eu estou?”, perguntei para Olusegun, ele com sorriso largo dizia: “é, o Rei mandou buscar a senhora, a senhora é pessoa muito importante”. Só eu não sabia disso. Deram partida, qual não foi minha surpresa, esses dois veículos com a sirene ligada, andando pela contramão, em alta velocidade, parecia um piloto em fuga, parecia não, era o próprio, não recorro de me sentir tão vulnerável num trânsito caótico como naquele dia. O trânsito era simplesmente infernal, nada andava porque era o último dia do Ramadan, dia sagrado para os muçumanos, e a cidade de Lagos ficaria vazia porque todos queriam passar esse dia junto com seus parentes no interior. Às margens da estrada, ainda nas cercanias do estado de Lagos, viam-se filas e filas de carretas dos Haussá que traziam carneiros e cabritos do norte do país para serem vendidos aos fiéis; nesses locais havia feiras a céu aberto de animais à espera dos clientes, afinal era o dia de sacrificar em oferta a Alá, o Deus dos muçumanos. Quando fomos nos aproximando de Ibadan, aí que o trânsito travou mesmo, porque lá é o reduto dos muçumanos. Esses caminhões ficavam à beira da estrada porque eram proibidos de transitar dentro da cidade de Lagos, portanto o governador fez um local para que estacionassem, como se fosse um entreposto, mas eles não se interessaram. Como o Presidente da República é da etnia Haussá, eles se sentiam com poder e direito de fazerem o que bem entendem. De imediato pensei, se eles conhecessem a indústria de multas que temos no Brasil, jamais fariam isso. E assim seguiu essa viagem, fato é que uma viagem que deveria durar de três a quatro horas, durou o dia todo. Chegamos no Resort em Ilè Ifé no final do dia, mal acomodei as malas no quarto Olusegun já me levou para a Universidade federal, pois o dia estava acabando e o professor Félix, docente lá e também na UFBA, me aguardava a tarde toda.

O professor Félix nos recebeu com pouco-caso, nem me olhar direito ele olhava, fazendo cópia ele estava fazendo cópia ele continuou, e assim continuava conversando com a gente. De imediato percebi a sua má vontade. Olusegun fez as apresentações, informou que ele também é um Bábálawò, então ele disse me: “você faça as perguntas que você quer fazer e

envie para mim, na ocasião você entra em contato comigo, porque aqui tem muitos alunos que já moraram em Salvador, falam bem o português, e eu posso designar alguém para lhe acompanhar, senão você virá aqui fazer turismo”. Nesse momento, eu que já estava cansada daquela viagem estressante, sem almoço, com fome, me vi no direito de fazer a minha primeira colocação e lhe dizer: “Ahhh, fazer turismo eu não vou mesmo senhor! Sabe o porquê? Porque eu sou uma mulher muitíssimo ocupada, diferente de muita gente, eu não tenho tempo a perder senhor!” A partir desse momento ele passou a olhar para mim enquanto falava. Olusegun, que mais parece um veludo de tão educado, não sabia o que dizer, de forma que, dali por diante o diálogo ficou mais amistoso. Ele comentou sobre a visita do Ooni ao Brasil e que já estava dando frutos, e era exatamente o que ele queria, esse intercâmbio entre as nações. Retornamos ao hotel já com noite, fomos cuidar de tomar um banho e jantar, pois a hora do almoço já havia passado e muito.

O Lobby

Quando eu pensei que estava tudo no seu devido lugar e agora eu teria o descanso e o sono dos justos, Olusegun bate a minha porta e me diz: “O Ooni disse para a senhora preparar para amanhã o valor de 500.000,00 nairas.” Perguntei, “mas para quê?” “Para a cerimônia de amanhã”, “e quanto isso significa em dólares?” “Cerca de \$ 1.600,00”, eu disse: “cerca de seis mil reais? Você ficou louco? Esse é todo o dinheiro que eu trouxe para essa viagem!” A partir desse momento eu não me fiz de rogada e incorporei a dona Maria do Balaio, virei a roupa toda no chão, para começar a lavar. “Veja bem, Olusegun: Eu não estou pedindo título para ninguém, esse cara (o Rei) que inventou isso, agora eu ainda tenho que dar dinheiro, vá se danar todos vocês! E te digo mais, amanhã eu não dou as caras em lugar algum!” Olusegun, como um bom diplomata, nada me disse, primeiro por causa do título de sacerdotisa, como um bom yorùbá jamais ele me enfrentaria, depois porque ele é educado mesmo. Fechei a porta do quarto na cara dele e tratei de relaxar. Pense numa situação, eu num país estranho, às vésperas de ter com o Rei, arrumei uma arenga desse tamanho. Tratei de abrir as malas, encontrar meu Ifá e optei por fazer orações, pedindo que me elucidasse se eu deveria mesmo ou não dar todo o meu dinheiro. Imagine você para quem eu fui rezar, justamente Ifá, sendo que ele é que diz que sem òwò (dinheiro) não tem Orò (oração). Fui dormir lá pelas 2h da madrugada, mas ainda engasgada com essa história. É claro que custei a pegar no sono. Mas depois dormi. Imagino Olusegun, como não ficou com a cabeça quente sem saber o que faria com o Rei se de fato eu não aparecesse, mas nem essa chance ele teve, porque por volta de 22h o Rei mandou chamá-lo no palácio, ele esperou o carro chegar, partiu

e só retornou às 4h da manhã. Quando amanheceu, tomei banho frio, porque era o que tinha naquele resort de luxo, estava calma quando fui tomar o café. Nem imagino quanto esse Olusegun rezou para o meu Orí naquela noite. Nos encontramos durante o café da manhã, ele como sempre muito cortês, contou o acontecido na noite anterior. Eu resolvi lhe dizer: “Olusegun, qual é a minha contrapartida? O que é que eu ganho com isso?” Ele não sabia como me explicar que fazer parte daquela corte era uma honra para mim e que as pessoas costumam pagar lobbys altíssimos para ter qualquer título dentro da coroa. Nem assim eu me dava por satisfeita. Por sorte ou não, chegou o homem Haussá com a sacola de dinheiro que seria trocado pelos meus dólares. Não pensei. Entreguei o meu dinheiro para lá. Fui me arrumar, porque disse que deveríamos nos apresentar ao meio dia. Estava para pouca conversa nesse dia, emburradinha, como diz minha irmã Daluz. Na hora certa lá vem o coitado do Olusegun me chamar e me ofertou aquela sacola de supermercado cheia de pacotes e pacotes de dinheiro até a boca. Eu lhe questionei: eu vou sair por aí com essa sacola de dinheiro? Mas não vou mesmo. O coitado pegou sua mala de executivo, acomodou todo dinheiro ali e partimos. Chegando ao palácio um sacerdote nos aguardava, disse-nos que tinha sido designado pelo Ooni para nos acompanhar.

Rituais para Coroação

O tal sacerdote primeiramente me levou até onde tem uma fonte que, segundo a crença deles, pertence a Yèyè Moolu. Ela foi uma rainha do primeiro rei de Ilé Ifé, e de todas as esposas ela era a única que não tinha tido filhos. Vivia triste porque gostaria de deixar algo para que pudessem lembrá-la para sempre quando morresse. E um belo dia ela desapareceu nesse local onde surgiu a fonte de água. De forma que todos os reis que por aqui passaram têm por hábito visitá-la pela manhã. Quando vão viajar, vão lá avisar e quando chegam de viagem, vão dizer a ela que chegaram. Contou-nos dois curiosos casos, que uma vez chegou à beira da fonte um homem, mas ele não tinha autorização, e por uma desventura o seu relógio caiu lá dentro, mas a fonte encheu tanto de água ao ponto de jogar para fora o seu relógio. E que em outra ocasião, um homem caiu lá dentro e foi encontrado num rio lá bem abaixo do nível da cidade.

Um dos súditos tirou água através de um vasilhame em formado de balde, mas que é feito de borracha, mais parecendo câmara de ar de pneu, lavou e enxaguou os copos que ali estavam e serviu a todos nós, mas antes mandou que eu me aproximasse da beira e fizesse todos os meus pedidos. Em seguida, nos levou a um outro espaço onde tinha cerca de cinco assentamentos, o espaço era aberto, porém coberto por telhas de amianto. Nesse local o sacerdote disse: “Aqui

é o local onde Ogun pisou pela primeira vez quando veio do céu para terra. O seu nome é Ogún Ladê, e quando ele morreu, na verdade ele entrou por terra adentro exatamente aqui, e mostrou um dos assentamentos. E tudo o que se pede aqui é realizado. Quando o homem branco aqui chegou, lhes contaram essa história, então decidiram cavar o local, retiraram muita terra, quando o dia acabou, suspenderam a escavação para voltar no dia seguinte. Quando chegaram na manhã seguinte a terra estava toda no mesmo lugar como se nunca tivesse sido removida, e assim seguiram muitos dias. Até que a esposa de um deles precisou de uma grande graça, veio aqui, pediu e alcançou de imediato, só assim eles pararam de cavar, e ainda fizeram esse telhado que vem sendo mantido ao longo de centenas de anos.”

Sáimos do Templo do Ogún Ladê, seguimos para um dos salões do palácio, lá estavam alguns sacerdotes do Templo de Oduduwa, muitos deles estiveram em minha casa, reconheci logo o líder, porque lembrei do seu sorriso suave e rosto sereno, nos cumprimentamos, e ele me disse: “Tudo o que é coroado aqui na terra, é também coroado no céu”. Ali Olusegun mandou que entregasse um pouco de dinheiro, assim o fiz. É preciso saber que esse ritual é de profunda relevância, porque sabe-se que quem recebeu esse título foi Osún. E para cada Iyalodè de grande relevância foi construída uma estátua em bronze e que fica em praça pública.

O Templo de Osún

No pátio do palácio tomamos um carro de luxo, já era outro motorista, que me conduziria até o Itá Osún. Ou seja, o lugar onde Osún pisou pela primeira vez quando veio do céu para a terra, o Templo de Osún. Lá chegando, a comunidade toda já me aguardava, era muita gente, muitas crianças de todas as idades, cantavam, dançavam com alegria, retiramos os calçados, entramos, me colocaram sentada numa cadeira de plástico branco, aliás lá tudo era branco, as paredes, o teto é forrado com PVC branco, porém o local do público sentar são bancos de madeira, tudo muito modesto, no canto há um assentamento de Osún a certa altura do chão. Enfim começaram os rituais, que foram processados pela Oolori Osún, primeiro me levaram do lado de fora que tem um enorme e profundo tanque de água, uma água na cor verde, porque não tinha oxigenação, certamente quando fizeram aquilo tinham ideia de que fosse uma fonte, com a água dali foram lavados os meus pés, os meus olhos, minhas mãos, diante de todos, tudo com muita reza. Pensei bastava um motor para fazer essa água movimentar e a fonte ficaria simplesmente linda. Retornamos para dentro do templo e o ritual continuou, tinha como ingredientes, água num pote, *ekurú*, (um bolinho feito com a massa de feijão fradinho

moído) *òbi*, (nóz de cola, que é também usado como oráculo) laranja e cana de açúcar, à medida que ela ia rezando compartilhava comigo esses ingredientes, achei bastante estranho não ter *akassá*, (bolinho feito com a massa de fubá branco) porque aqui no Brasil a gente costuma tratar Osún com *akassá*, somente Orisá Ajé é que eu sei que não come *akassá*. Nesse momento a Oolori Osún colocou a coroa de Iyalodê Osún Ifé no meu Orí, mas antes o sacerdote que nos acompanhava abriu o seu agbadá para que eu tirasse o *Ojá*, (pano que usamos para cobrir a cabeça), da cabeça em público e em seguida fosse coroada. Desse momento em diante o meu Orí não poderia mais ser exposto em público, assim a Olori Osún terminou a parte ela. Foi a vez de me ajoelhar diante da Yèyè Gbogbo, ela proferiu uma oração muito longa e profunda em meu favor, pude perceber pelo seu olhar fixos nos meus olhos. Depois foram *alàáfidos os Obí*, (É o sistema utilizado para saber se os orixás estão ou não de acordo com o que está sendo feito). Dançamos juntos, eu, as autoridades, o público e visitantes. Nessa casa de Osún sei que ficou cerca de 250.000,00 nairas aproximadamente, segundo me disse Olusegun posteriormente.

Seguimos para os pés da estátua de Morèmi. Moremi foi uma das Iyalodè de Ilè Ifé séculos passados e também foi uma guerreira que libertou os Yorùbá de Ilè ifé da escravidão do povo da etnia Igbo. Ela se permitiu ser capturada e viver no meio deles para entender o poder do povo Igbo e descobriu que não era nada demais. Depois fugiu de volta para Ilè Ifé onde ajudou a formar o exército para combatê-los. Hoje é reverenciada como uma das poucas mulheres guerreiras Yorùbá. Diante dessa estátua dourada me aguardava uma guardiã. Ali também foi rezado *òbi e alàáfido*, também foi deixado dinheiro, não sei precisar o valor, porque Olusegun pegava o dinheiro que achava que devia dar e colocava em minhas mãos para ser entregue. Ainda no Resort ele havia me dito que o Ooni é quem estipularia qual valor a dar em cada templo que eu deveria passar, e assim foi feito.

O Templo de Obatalá

Seguimos adiante, eu sempre ia de carro e o povo seguia atrás a pé, e a cada local que passava ia acumulando gente. Nesse templo tinha tantos sacerdotes que não sei precisar quantos. Só sei que o sacerdote mor mais parecia um cantor de *soul music*, estava sentado no seu trono com uns óculos *Ray-Ban*, muito bem-humorado, não me recordava de tê-lo visto em minha casa, mas ele esteve aqui, é mesmo uma figura particular. Ali também era preciso dinheiro para rezar o *òbi* em meu favor, depois entrou por uma porta que mal dava para uma criança de seis anos passar em pé, lá deveria estar Obatalá, penso eu, e por lá alàáfio o *òbi*. Esse

Templo era bem diferente do demais, não tinha janelas, tinha em vários pontos daquele salão ornamentos como se fosse cones de giz branco, chamado *efún*, mais parece com uma argila branca, mas não era de cal, da altura de um homem, com diâmetro quase dois metros na sua base, deve chegar a dois metros e meio de altura, que vai afinando até o topo. Depois tive que dançar diante dos tambores de Obatalá, que divergem e muito dos nossos atabaques daqui primeiro porque são feitos com couro de boi cru, e fixados em troncos de madeira, que é oca por baixo, como se fosse um pilão de boca para baixo, e fixado em três pés apenas, junto seguia uma grande orquestra de um instrumento que libera o som de um agogô, só que em formato próximo ao de uma foice, e o ritmo é dançante e suave. Aqui demoramos muito tempo, foi entregue dinheiro, mas o sacerdote reclamou que era pouco, Olusegun entregou mais, quando saímos já havia notícias de que o Ooni já reclamara que estávamos demorando muito. Quando saímos do templo me aguardava no pátio interno as mulheres de Obatalá que confesso não tinha o mesmo entusiasmo, pensei que estavam ali à espreita só para levarem algum também, mais reza, mais *òbi* e mais dinheiro. Enfim conseguimos sair, agora de forma acelerada. Nesse ponto já me sentia, enfarada, enjoada, cansada de tudo aquilo, até mesmo porque não sabia o porquê de tudo aquilo, ninguém me explicava nada, a razão de ter que passar por todos aqueles pontos com histórias milenares, local onde o homem andou sobre duas pernas pela primeira vez na história da humanidade! Ali, que é cientificamente comprovado o berço da humanidade! Fato é que naquele momento eu não era capaz de ter o raciocínio lógico para entender que eu deveria viver tudo com grande honra para mim. Eu não era capaz!

A falta de sabedoria não me permitia! A ignorância preponderava!

Chegamos ao Esú

Era um assentamento na rua mesmo, sem nada que o guardava, e sem ninguém que me esperava além do próprio Esú, ali apenas coloquei o *òbi* e o dinheiro no chão. Fiquei pensando: quem pegará aquele dinheiro? Seria algum transeunte? Ou fariam como na igreja católica em que quem pegava o dinheiro que o fiel colocava debaixo das imagens dos santos, como que pagando pela graça a ser alcançada, eram as zeladoras da igreja mesmo.

Templo de Ifá

Nesse ponto só havia um Bábálawò que me aguardava, tinha o semblante de quem estava cansado de tanto me esperar, a tarde já ia alta, e eu sem almoço e emburradinha. Ele me

mandou colocar o Orí no chão bem no centro do templo onde tinha um buraco, e recitou um oríki (são versos que são falados de forma cantada como os salmos de Davi), de Osún para mim, que conta a seguinte história: “Um dia Oxún acordou e viu que estava toda molhada, porém não se lembrava de nada, saiu de casa e começou a perguntar quem havia dormido com ela na noite anterior, porque havia despertado molhada, e para tanto alguém teria feito sexo com ela. É claro que o silêncio preponderava, e ela continua a perguntar, se alguém sabia informar qual homem havia dormido com ela na noite anterior, sem sucesso, ela resolveu fazer uma tratativa com as senhoras (Iyámi Oxorongá ou as grandes feiticeiras) da seguinte forma: que elas fizessem um grande mal ao homem que tinha feito sexo com ela. Na verdade, quem tinha dormido com ela tinha sido Orúnmilá, ele com receio do feitiço e dos poderes de Osún, procura Ifá e solicita também uma magia, para que se Osún lhe fizesse algum mal, que ela também fosse atingida em igual poder. Fato é que quando as duas magias partiram, se encontraram no meio do caminho e foram neutralizadas, e dessa relação nasceu Oseturá, também conhecido por Exú”. Nesse ponto rezei o *òbi*, ele *alàáfíou*, entreguei o dinheiro e seguimos para o Templo de Oduduwa. Ouvindo esse conto mitológico fico pensando como é próximo do homem a crença nos Orixás; eles não são como os santos do catolicismo, puro, sem máculas envoltos numa auréola de luz. Aqui o Orixá se parece com o humano, portador de prazeres e desejos, sentimentos variados como raiva, arrependimentos, dentre outros.

No Templo de Oduduwa

Nesse templo foi diferente dos anteriores, tinha algo particular, uma energia sutil, serena, até mesmo o olhar e a expressão dos sacerdotes que ali estavam diferia e muito dos anteriores. Era particular! O que também me impressionou foi a participação efetiva das crianças naquele ritual em particular, era inovador para mim, que até então só tinha visto adultos participarem e comandarem tudo. Ali não, aquelas crianças tinham papel definido, não eram participantes, eram atuantes. Mauss nos traz outros exemplos etnográficos da presença de crianças em ritos mágicos:

Na magia, sobretudo nos ritos divinatórios, as crianças são muitas vezes auxiliares especialmente requisitados. Às vezes, praticam mesmo magia por sua conta, como entre os Dieris australianos e como na Índia moderna, quando se cobrem de pós recolhido nas pegadas de um elefante, cantando uma fórmula apropriada. Como se sabe, detêm uma situação social muito particular; devido à sua idade, e como ainda não se submeteram às iniciações definitivas, possuem um caráter indefinido e perturbador. São

também qualidades e classe, que lhes conferem as suas virtudes mágicas (Mauss, edição 70, p. 30).

Fui recebida por uma orquestra de gãñ (instrumento sonoro de metal conhecidos aqui no Brasil por Agôgô, só que esses tinham formato de foice) formada só por meninos que em idade não passavam de 10 anos, uma coisa maravilhosa. Estavam do lado de dentro do portão, à espreita. Assim que cheguei começaram a cantar e tocar, cantavam com tamanho vigor que me impressionaram. Eles seguiam à minha frente, até me conduzirem ao interior do Templo. Quanta surpresa! Ali se encontrava todos os conselheiros de Oduduwa, na verdade é uma corte de sacerdotes que tem por uma das atribuições escolher o novo Rei de Ilè Ifé por ocasião da morte do antecessor. São extremamente respeitados. O sacerdote do Ooni que me acompanhava se deu o trabalho de me apresentar um por um, nomeando o cargo de cada um. Lembro-me bem de quando ele citou: este é o responsável pela chuva, porque nesses dias havia chovido muito e naquele momento não chovia mais, e a chuva voltou torrencialmente no dia seguinte.

Lembrei-me da ocasião que eu fizera Itefá em 2011 na cidade de Ibadan, quando foi para iniciar o ritual do Itefá, o céu estava estrelado, não se via uma única nuvem e começou a chover sobre as nossas cabeças, então pararam a procissão que seguia para o igbodú, conversaram com o meu oluwó mais um outro bábálawó e nos disseram que iriam prender a chuva; demoraram cerca de quinze minutos, quando voltaram já não chovia mais, e a chuva só voltou no último dia do ritual, quando já estava dentro do carro para voltar para a cidade de Lagos e partir para o Brasil.

Retornando ao Templo de Oduduwa, os sacerdotes eram todos diferentes dos demais. Tinham uma postura particular; ali o ritual foi concluído de forma diferente dos demais porque o sacerdote maior, aquele que lá no palácio havia me dito que quem é coroado na terra é coroado no céu, foi quem rezou o obí em meu nome, e não eram somente dois obís, era um conjunto de seis, porém eram as crianças que abriam e jogavam, para que este senhor fizesse a leitura. Tudo era acompanhado de muito perto pelo sacerdote do Rei. Quando alááfiam, (quando é lançado ao chão as partes do oráculo òbí), este sacerdote disse para Olusegun; “quem é essa mulher, que todo obí que é jogado para ela abre?”, referindo-se à minha pessoa. Fiquei bastante intrigada com essa frase, e depois questionei com Olusegun sobre essa fala do Bábálawò do Rei. Ele apenas me respondeu, “a senhora tem alguma dúvida de todos esses

sacerdotes consultaram Ifá para saber se o Ooni poderia lhe conceder esse Título?” Fiquei em silêncio. Quando tudo terminou, pensei, agora já posso voltar para o Resort e descansar e comer algo. Qual nada! Nisso saiu todo aquele povo, mais os que foram agregados durante os rituais anteriores, e seguimos dessa vez à pé para o Palácio de Oduduwa, onde mora o seu representante, o Ooniorisá, aquele que é tido como Orixá que comanda as outras 400 divindades. Eu não sabia que aquele Rei que havia visitado a minha casa é um Orixá! Hoje sei que aquela visita à minha casa não foi pouca coisa, ele sentou-se na cadeira de Osun, lugar que ninguém no Ilè Asé ousa assentar-se, além de mim, a sacerdotisa. Imaginem aquele mundo de gente cantando e dançando pelas ruas ao meu redor e andando a passos largos – uma hora eram as mulheres do Itá Osun e crianças que cantavam e tocavam, outra hora eram os sacerdotes de Obatalá, outro momento eram os meninos de Oduduwa, e assim seguia aquela orquestra pelas ruas afora, sempre aplaudida pelas pessoas nas portas de suas casas, o sol ainda estava quente apesar do dia estar quase indo embora. Tudo isso numa tremenda quarta-feira.

Hoje posso compreender que era algo muito grande, e que não acontecia todos os dias, e era eu a mulher que passava por aquele ritual, considerando que o povo de Ilè Ifé só sai às ruas por ocasião de grandes festivais quando o Ooni deixa seu palácio, e anda pelas ruas da cidade. Hoje compreendo que é honraria demais uma afro-brasileira ser condecorada em terras Yorùbá. Fico imaginando quantas centenas de mulheres daquele país dariam tudo para estar em meu lugar, talvez nem para se tornar uma Iyalodè, mas para fazer parte daquela corte apenas, ou estar ao lado do poder! Eu não tinha realmente noção do grau de importância de nada daquilo que estava acontecendo. Seguia apenas o destino traçado pelo meu Orí!

No Palácio de Oduduwa

É nesse palácio que reside o Ooni de Ilè Ifé. Não é um palácio nos moldes neoclássicos como estamos habituados a ver nos seriados da TV. Em sua aparência é até muito simples, todas as construções no *compound* são na cor branca. As grades e portões principais ostentam a escultura de Oduduwa, tudo na cor dourada. Não posso dizer que é excessivamente grande, mas também não é tão pequeno, O palácio principal tem dois andares, porém muito longo, pude observar por trás dele. No entanto, a decoração interna exhibe um certo requinte e bom gosto. Por onde você tem acesso exhibe guepardos empalhados, grandes e bonitos lustres, o tapete é todo decorado com o brasão do Ooni. As cores que prevalecem no interior é o lilás nos tapetes, branco e dourado nas paredes e mobílias, é lindo! Não tive acesso a este segundo

andar, onde tem os aposentos do Rei, e é onde também estão os dezesseis quartos dos principais *Odú Ifá*, (vou tratar de Odú Ifá no capítulo III). E também as 400 divindades, (na verdade esse número é dividido entre 200 positivas, e 200 negativas), haja visto que é sabido que o Ooni é o I dentre essa categoria, no total de 401, e ele dorme com essas divindades, e sua esposa tem a sua própria casa. Quando ele chama, ela passa a noite lá. Tive a oportunidade de vê-la descendo a escadaria por duas vezes na parte da manhã, retornando rapidamente para a sua residência. O interessante é que o palácio é administrado única e exclusivamente por homens, a esposa não tem poder de mando, não interfere em nada, nem na decoração, nem na comida que é servida. Por várias vezes pude ver pessoas entrando na residência da rainha portando *marmitex* comprado num restaurante próximo à universidade Obá Femi.

Chegando ao palácio fui conduzida pelo sacerdote do Rei até o grande salão de festas que eles chamam de hall. Pense em lugar maravilhoso, o piso é atapetado na cor lilás, com a logomarca da Coroa e o nome do Rei, as poltronas luxuosamente confortáveis com os estofados coloridos num tom ocre e as partes em madeira no tom dourado, as cortinas também em tons dourado e *nude*. A parte onde fica o Rei é tudo na cor branco, ao centro diante o Rei tem dois belíssimos guepardos minuciosamente empalhados, um de pé, outro em posição de descanso, à esquerda e a direita quatro grandes tronos em couro branco, a iluminação moderna e perfeita. Nunca havia passado pelo meu imaginário encontrar tamanha ostentação. Fui conduzida a um trono à direita do Rei. Ali sentei-me, não sei precisar por quanto tempo. Enquanto aguardava pela sua majestade, esse povo tocava, cantava e dançava sem parar, com uma alegria inexplicável, mas também tinha um infeliz que tocava uma trombeta que devia ter uns três metros de comprimento diante de mim, o som era tão alto que me deixava surda e irritada, juntava com o estresse do dia todo, mais a fome, mais a espera infundável, mais os meus dólares que tinham sido distribuídos etc. Vez por outra Olusegun chegava a mim e dizia “a ficha da senhora já caiu?” Eu respondia, para mim está tudo normal, não era capaz de mensurar, somente achava tudo muito exótico, tudo me fazia lembrar da minha mocidade quando assistia aos filmes de Tarzan em preto e branco, era a mesma coisa. O engraçado é que o tal trono era tão alto para mim, que minhas pernas ficavam balançando ao ar, sentia-me como uma boneca de pano com as pernas que balançavam, não poderia estar mais ridícula, na verdade estava cansada de esperar o tal Rei, penso que esperei por mais de uma hora com certeza. Sentia sede. A noite começava a cair. Quando de repente as portas se abriram e entrou correndo um homem vestido de Exú, negro ele já era, normal, porque lá não tem gente branca,

uma metade do seu corpo era pintado de vermelho, a outra de preto, mesmo sendo ele negro, descalço, sem camisa e sobre a cabeça um adôxo (um preparado que se faz na forma de pirâmide que se coloca no Orí de um iyawò por ocasião de sua iniciação para Orixá, quando vai sair na sala antes de dar o nome), veio correndo em minha direção, depois voltou, enquanto isso o Rei entrou com toda a sua comitiva, que não era pequena, todos se levantaram até que ele ocupasse o seu trono. Todos tocavam e cantavam efusivamente, agora ainda mais. A única coisa que passava pela minha cabeça era: como essas crianças podem ficar o dia inteiro sem nada comer e nem beber, não vejo nenhuma delas com mau comportamento, nenhuma mãe chamando atenção, nunca vi nada igual, cada qual no seu lugar e ao seu tempo dançavam e cantavam, era algo fascinante de se ver. Depois de mais um longo tempo o chefe do cerimonial, chamado Idowu, resolveu dar início à cerimônia que deveria ser coroada com a fala do Rei, afinal era ele quem estava me dando aquele título. Ele começou dizendo: “Hoje o nosso Rei acaba de dar à luz a uma filha, considere-se filha legítima do Rei, a partir de hoje a senhora pertence a essa corte”... Confesso que nesse momento só o que passou pela minha cabeça foi o seguinte: bom, pai paga os boletos né? Vamos ver até onde isso vai dar. E o discurso continuou. Em seguida deram a palavra para mim, recordo que cumprimentei a todos e agradei a acolhida, sentia por ser a Nigéria tão distante do Brasil, para que meus compatriotas pudessem participar de tamanha riqueza, mas também disse a Olusegun que ele tinha me traído por não ter me elucidado sobre toda a experiência que eu teria que passar, esquecendo que ele coitado era apenas um simples mortal diante daquele reino, como a maioria de nós no Brasil, morrem sem nunca terem conhecido a capital do Brasil, quanto mais entrar no Palácio da Alvorada; certamente que ele também não sabia de nada daquilo. Depois disse para o Ooni, o senhor também me enganou, quando me disse que me daria esse título, poderia ter me explicado algo, enfim agradei e ficou por isso mesmo. Mas o pior estava por vir. Quando chegou a vez do Rei falar é que de fato as

coisas se complicaram, ele começou dizendo: “Por ocasião da minha visita ao Brasil, pude observar como a senhora se organizou para nos receber, com esmero e delicadeza, percebi também que a senhora é uma mulher articulada politicamente, e conhece muitas pessoas de influência, portanto gostaria que a senhora construísse uma escola aqui e fizesse um trabalho de empoderamento das mulheres e das crianças e jovens...” nesse ponto a minha cabeça já desorientou, como eu iria construir uma escola para aquela gente? Meu Deus! Já me via comprando caminhão de cimento, areia, tijolo com que dinheiro não sei, vou ter que fazer campanha pedir dinheiro para ONG e tudo mais, nesse momento o pouco de encanto que eu havia conseguido com a presença daquele

Esú acabava de descer ralo abaixo. Já pensava: “entrei de gaiato no navio e entrei pelo cano”, que roubada, enquanto isso o Exú continuava de pé lá na porta, que estava fechada, porque o ambiente era climatizado, é claro! E enquanto a turba aplaudia, o Esú de vez em quando soltava uma gargalhada, que é da sua natureza. Mas esse ponto eu não sabia se ele estava rindo para mim ou de mim. Mas não estavam satisfeitos, o chefe do cerimonial disse, o nosso Rei falou que é para a senhora dançar, para mostrar que estás satisfeita e feliz. Pensei não há opção, fui dançar sob o som dos tambores, agogô, e etc., mas sempre assessorada pela Oolori e pela Yeye Gbogbo, que de agora em diante seriam as minhas assistentes, porque segundo o Ooni, Osún teve três assistentes e me faltava uma. Não sei precisar quanto tempo durou essa cerimonia, por fim veio o convite esperado. O Rei convida a todos para um jantar no salão ao lado. Tudo perfeito. Quando adentramos nesse outro salão, encontramos uma longa mesa muito bem-posta com requinte de detalhes, tinha saxofonista tocando ao som de um instrumento que não sei o nome, parecia uma bacia de metal inox, que soltava um som de piano, quanto luxo! Daí começou a demanda de quem senta onde, eu como não sabia das normas palacianas, aguardava com aquela coroa esquisita na cabeça, com dois grandes galhos de folhas verde, parecida com *akoko*, (é uma erva dedicada ao orixá Xangô), cada um do lado de cada orelha, não sei porquê, mas me sentia parecida com uma cabrita, para não dizer ridícula. Hoje sou capaz de compreender perfeitamente Evans-Pritchard quando chegou para pesquisar os Azande. A Oolori Osún, penso eu, acostumada a reinar sozinha, logo tratou de se acomodar na ponta da mesa bem próxima da cadeira do Rei, para imediatamente ser retirada por um dos imediatos do palácio que organizava a mesa e me ofereceu o lugar para me sentar, eu nada disse, calada estava, calada continuei, ocupei o meu lugar e ela o ao meu lado, defronte a nós os sacerdotes do Templo de Oduduwa. Não tardou para a luz apagar, porque lá tem esse problema de falta de energia elétrica. Aguardamos alguns minutos, certamente ligaram o gerador e logo tudo clareou. O pior ainda estava por vir. Não demorou muito começaram a servir o tal jantar, era um arroz colorido frio extremamente apimentado e dois pedaços de musculo frito e frio. Enfim, eu nada comi, porque a pimenta não deixava. Finalmente chega a sua majestade, todo mundo se levanta e em seguida se sentam. Ele me disse em inglês. “Iyalodè, tudo bem, satisfeita, ou precisa de algo mais? Como não poderia fazer desfeita, agradei e disse que estava tudo ótimo. Aproveitei esse único momento de proximidade e lhe disse: eu preciso falar com você, ele respondeu “*tomorrow*” e também lhe falei do constrangimento vivido no aeroporto de Lagos, de imediato mandou chamar um policial federal, relatou o ocorrido e logo me disse: “Da próxima vez que você vier a Ilè Ifé, meus policiais irão buscá-la na porta do avião”. Fiquei satisfeita. E para fechar a noite com

chave de ouro, ouvia uma música que me agradava e perguntei a Oolori Osún se a gente podia dançar; até então não sabia que ela não falava inglês; ela concordou, então a chamei para dançar, assim que eu levantei, todos aqueles sacerdotes levantaram, não sabia o que fazer! Continuei o meu intento, como uma boa filha de Osun, fomos para frente dos músicos e dançamos o quanto quis; quando retornei ao meu lugar o Rei deu pressa de se retirar. Com certeza eu não quebrei, mas estilhacei todos os protocolos com essa atitude. Lá se foi ele! E eu também dei pressa de ir embora para o Resort, cansada, com fome, com sede de uma água fresca, e mau humorada, e como se não bastasse, fazendo papel de madre Tereza, distribuindo a bagatela e seis mil reais (\$1.600) para o povo, como se rica eu fosse.

Tomei um bom banho gelado e fomos jantar, mas antes do banho tratei de comer aquela banana e aquela laranja que havia recebido no início do dia no Templo de Osun. O pessoal foi jantar e fazer a resenha e eu escrever o diário de campo, afinal era muita informação a ser registrada. Nessa mesma noite ficou decidido que não mais seguiríamos para o Benin no dia seguinte, pois eu deveria ter uma agenda com a sua majestade. Percebi que todos esses rituais vividos, todos esses envolvimento sociais edificados teriam impacto direto por ocasião do meu retorno para a pesquisa em si. Mas até aqui era público e notório até onde um bom Orí é capaz de levar o seu devoto.

O significado do Título de Iyalodè

Vou copiar abaixo um texto escrito por Michael Olusegun Akinruli que foi entregue a jornalistas de Belo Horizonte, por ocasião do meu retorno ao Brasil, que certamente ajudará a todos a ter uma noção do significado desse título, que também a mim surpreendeu.

Apresentação

“A Instituição de Iyalode sintetiza o papel das mulheres na governança e ativismo na construção da nação entre os povos Yorubás. A Iyalode, como monarca do sexo feminino, representa as preocupações das crianças e mulheres que são frequentemente no estrato inferior da maioria das sociedades. O feminismo é o termo científico para o estudo das preocupações com as mulheres. Em todas as culturas ao redor do mundo, algumas mulheres conseguiram alcançar proeminência como resultado de sua resiliência e dedicação para se libertar e seus contemporâneos do domínio masculino.

Na África e entre os Yorubás, algumas mulheres mais notáveis eram a senhora Efunroye Tinubu – a Iyalode de Egba. Moremi Ajasoro - a Iyalode de Ile-Ife e Efunsetan Aniwura - a Iyalode de Ibadan. Historicamente, um

monarca altamente respeitado é quem confere esse título a mulheres de destaque na sociedade. E pela primeira vez na história da África e sua diáspora, o Ooni de Ile-Ife, Oba Adeyeye Babatunde Enitan Ogunwusi e seu conselho de chefes decidiram conferir esse título a uma mulher afrobrasileira - Senhora Nilsia Lourdes dos Santos. Ela é agora o Iyalode de Illefe, em todo o mundo. A Iyalode anterior de Ile-Ife é a chefe Cecelia Aramide Awolola.

A cidade de Ile-Ife, Estado de Osun, na Nigéria, é o berço da civilização de mais de cem milhões de Yorubás espalhados pelo universo.

Tradicionalmente, a Iyalode significa "rainhas de damas" e é dado à mulher mais proeminente e distinta da cidade. A Iyalode tem assistentes tenentes como 'Otun Iyalode, Osi e Ekerin'. A chefe Nilsia Lourdes dos Santos é estudiosa, empresária, filantropa e líder de um dos mais respeitados santuários de Oxum no estado de Minas Gerais, Brasil. Como monarca em Ile-Ife, Estado de Osun, seu papel agora é promover a educação das crianças, o empoderamento das mulheres e o desenvolvimento da juventude. Ela é membro do Conselho de Chefes e líder feminina no Tribunal Real de Ooni, em Ile-Ife, Nigéria.

A instituição monarca

Pouco é publicado sobre as instituições dos reis e instituições tradicionais na consolidação da formação do Estado na África, manutenção da paz e a legitimidade da autoridade estatal em países multinacionais como os da África - a Nigéria em particular. Antes da incursão colonial na África, o poder dos reis era significativo na organização da sociedade, na distribuição de recursos e na proteção dos cidadãos. O rei extrai sua legitimidade dos apoios populares dos cidadãos. A instituição dos reis e chefes tradicionais é a mais próxima das pessoas.

A partição da África, a imposição de fronteiras, o colonialismo e a importação do sistema estatal europeu, e a implementação do governo unitário na África, na credencial do sistema de Estado-nação europeu, erodiram os poderes das instituições políticas tradicionais. Na Nigéria, o sistema político e os poderes tradicionais foram destruídos pelo governo colonial e pelas elites políticas pós-coloniais, especialmente a administração militar de 1966 a 1975. A Constituição de 1979, que marcou a segunda República Federal da Nigéria, também reduziu o papel pré-independência prescrito para os governantes tradicionais para apenas um papel consultivo. A partir dessa constituição, os reis estão sobrecarregados com a responsabilidade de aconselhar o Presidente da República sobre questões de manutenção da ordem pública e, em qualquer outro assunto, seus conselhos são solicitados.

No entanto, os desafios que a Nigéria enfrentou e ainda enfrenta após a independência devido à implementação de uma política de Estado-nação é que a centralização excessiva de poder e recursos no governo central, em um sistema de Estado-nação, não atenderam às demandas da representação regional. Assim o estado se tornou gradualmente precário e faltou virtude política com corrupção no coração do estado. A insatisfação das nacionalidades étnicas, especialmente das minorias, cujos recursos

foram centralizados, estimulou protestos violentos e crises, enquanto a legitimidade do governo central é severamente questionada. O estado respondeu à situação militarizando cada vez mais o país e empregando recursos estatais para forçar a estabilidade, na tentativa de legitimar sua autoridade. Depois de várias tentativas fracassadas, tornou-se claro que as autoridades tradicionais são poderosas e indispensáveis se o Estado quiser desfrutar de qualquer aceitação, porque as autoridades tradicionais representam a legitimidade tradicional em oposição à legitimidade importada e imposta que caracterizou a administração política oficial do Estado. Outra situação que fica clara a partir do exposto é que, ao rejeitar as instituições tradicionais, o estado corre o risco de deslocar as sociedades africanas, aceitando ao mesmo tempo um estado estrangeiro completo. A solução está, assim, tendendo a uma tendência de articulação das instituições políticas tradicionais com as modernas. Isto é testemunhado, por exemplo, na nova Constituição do Congo, adotada por referendo em dezembro de 2015, que reconheceu claramente o status legal das entidades tradicionais. Na Nigéria, o papel das instituições tradicionais está recuperando sua glória perdida, já que se acredita que os reis estejam mais próximos do povo. O estado, como tal, esforça-se para legitimar sua autoridade através dos reis.

O Ooni (título de Rei da cidade de Ile-Ife, cidade sagrada do povo Yoruba no mundo todo)

Como descendentes de Oduduwa, acredita-se que o primeiro rei de Ile-Ife tenha sido um semideus que desceu do céu para criar a Terra. Os Oonis são considerados sagrados. O historiador Edward Emeka Keazor explica que o processo de seleção de um Ooni é complexo - "Não é algo que é feito a toa". Ile-Ife é o berço da civilização para milhões de pessoas em todo o mundo. A influência do Ooni é amplamente reconhecida entre o povo Yorubá.

Sua Majestade Imperial, Ooni Adeyeye Ogunwusi (Ojaja II) é reconhecido como líder espiritual e o 51^a Ooni de Ife. Ele foi selecionado entre vários príncipes de Ile-Ife que eram herdeiros do trono em 26 de outubro de 2015. Ele recebeu sua equipe de funcionários em 7 de dezembro de 2015. "Ele é considerado um 'empreendedor astuto' motivado pela necessidade de transformar impossibilidades em possibilidades". O Ooni é o líder espiritual do povo Yoruba, agora sobrecarregado com a responsabilidade de fazer súplicas a Deus e ao Òrìṣà em nome da nação Yorubá e do mundo em geral durante festivais anuais como o do Olojo.

Devido ao fato de que Ile Ife é o berço da civilização do povo Yoruba em todo o mundo, o título Ooni confere ao seu portador a supremacia sobre outros reis. Um dos principais objetivos do Ooni é unir o povo Yoruba da Nigéria aos seus irmãos e irmãs da diáspora. Além disso, o Ooni é um defensor do empoderamento e emancipação de mulheres, crianças e jovens. Ele transformou Ile-Ife em uma zona turística, com mudanças que incluem o embelezamento, o redesenho e a reconstrução da cidade antiga. Ooni Adeyeye Ogunwusi é também um renomado filantropo comprometido com a humanidade e um defensor dos menos favorecidos. Ele tem dado apoio ao longo dos anos aos menos favorecidos através da Fundação Casa

de Oduduwa e, recentemente, através da Iniciativa Hopes Alive. Central para o objetivo da Ooni é o desenvolvimento humano das massas.

A diáspora

A Ooni de Ifé, Sua Majestade Imperial Oba Adeyeye Ogunwusi, se preocupa imensamente com a Diáspora e ele vê o povo negro em todo o mundo como tendo uma origem comum. Ele objetiva unir a Diáspora com a África para a emancipação do povo e a promoção da paz mundial. Este objetivo levou a Ooni a continuar a embarcar em várias missões internacionais para unir pessoas de origem africana a Ile-Ife. Sua recente visita ao Brasil em junho de 2018 contou com a participação de uma delegação de 120 pessoas, incluindo magnatas de negócios, entusiastas da cultura, líderes políticos e acadêmicos. A comitiva visitou Salvador Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O Ooni foi recebido no Brasil por governantes, líderes políticos, comunidade empresarial e pelo movimento social.

O título de Iyalode

Iyalode é um título tradicional de alto nível presente na maioria das sociedades Yorubás; culturalmente é conferido a uma mulher pelo monarca. O processo de escolha de um Iyalode é mais uma conquista e envolvimento da mulher em questões econômicas e políticas. Iyalode não serve apenas como representantes de mulheres no conselho de chefes, mas também como influenciador político e econômico.

Iyalodes mais notáveis na nação iorubá são a Senhora Efunroye Tinubu - a Iyalode de Lagos, ela era uma rainha que ajudou a instalar reis. Efunsetan Aniwura - a Iyalode de Egba e Moremi Ajasoro - a Iyalode de Ile-Ife. Elas são mulheres tradicionais históricas, cujos papéis incluíam a libertação e administração do Estado.

Atualmente, estátuas dessas mulheres poderosas são erguidas em toda a terra Yoruba, incluindo a da Senhora Tinubu, na famosa praça Tinubu, na Ilha de Lagos, na Nigéria, em frente ao prédio da Casa de Fernández – um brasileiro retornado à Nigéria. A instituição de Iyalode é referida como a "voz das mulheres", as posições de Iyalode normalmente são consideradas no processo de tomada de decisão pelo conselho de altos chefes. Iyalode Efunroye Tinubu foi tão significativa, sendo uma das pessoas Yorubas mais ricas do século XIX, e uma das principais protagonistas de quem se torna rei. O papel de Iyalode nunca foi limitado a ser apenas entre as mulheres, mas transcende em direção a toda a estrutura política, cultural e religiosa entre ambos os sexos do povo Yoruba.

O Ooni de Ife, Oba Adeyeye Ogunwusi Ojaja II, afirma que elas são "governantes tradicionais femininos em diferentes partes da terra Yoruba como os reis homens saíram do Ile-Ife com coroas para onde eles estão hoje". Ele citou uma mulher, Luwo Gbadiga, que uma vez governou como Ooni de Ile-Ife. Ele também ressaltou que outra mulher notável na história da nação Yorubá é Moremi, que exibiu valor e contribuiu imensamente para o desenvolvimento sociopolítico de Ile-Ife e da Nigéria em geral.

Iyalode de Ile-Ife, Wolrdwide Sra. Nilsia Lourdes dos Santos (2018 -)

No dia 26 de agosto de 2018, o Ooni de Ile-Ife, Oba Adeyeye Babatunde Ogunwusi (Ojaja II), conferiu o título de Iyalode a senhora Nilsia Lourdes dos Santos, uma brasileira de ascendência africana. Este é um evento único na história da relação da África com sua diáspora. Senhora Nilsia foi anfitriã do Ooni de Ife e sua comitiva durante sua visita ao Brasil em junho de 2018. Foi durante essa visita que a Ooni notou sua destreza e sua estatura de influenciadora política e econômica afro-brasileira. Depois de várias consultas nacionais e internacionais, o Ooni de Ife convidou-a e sua delegação à Nigéria para a cerimônia de coroação que envolveu todo o conselho de chefes, líderes femininos e toda a cidade de Ile-Ife. Senhora Nilsia Lourdes dos Santos é estudiosa, empresária, filantropia e líder de um dos mais respeitados santuários de Oxum em Minas Gerais, Brasil. Seu atributo como monarca feminina em Ile Ife é promover a educação de crianças, capacitação de mulheres e programas de desenvolvimento de jovens. Atualmente, ela está trabalhando na construção de uma escola de tempo integral em Ile-Ife com instalações pedagógicas. A escola terá uma capacidade inicial para 100 crianças, que será ampliada para se tornar uma universidade em 10 anos”.

Creio que após toda essa explanação tenha ficado claro o quanto é importante para aquele povo esse título. E sou respeitada como tal em todo território nigeriano e também em qualquer parte do mundo onde tiver uma pessoa yorùbá, irá reconhecer e respeitarme por esse título. Tem horas que fico imaginando se fosse o governo brasileiro que tivesse ofertado um cargo de ministra a uma mulher africana, não sou capaz de imaginar o quanto seria rechaçada tal atitude, a primeira pergunta certamente seria, por que dar um cargo desse a uma estrangeira? Quando aqui no Brasil há milhões de mulheres com capacidade para assumir tal cargo. Não aceitaríamos de jeito nenhum. Para eles eu sou uma estrangeira, sou uma afro-brasileira afinal. E que em tempo algum mantiveram relações políticas e diplomáticas com o Brasil, eles são muito mais ligados à Inglaterra. E em contrapartida, aos brasileiros também não interessa nada que vem da África negra. No entanto eles entendem que se o seu Rei assim decidiu é porque deve ser bom, e ponto final. Ninguém confronta um Rei.

O dia amanheceu chuvoso em Ilè Ifé, eu logo me aprontei para retornar ao palácio, e o restante do pessoal deveria seguir em excursão para Osogbo para conhecer o Rio Osún. Olusegun deu pressa em me informar que eu não me apressasse porque o Ooni certamente só me receberia à noite, porque durante o dia aquele palácio ferve de gente. Troquei de roupa e fiquei por ali. Não demorou chegaram a Oolori Osún, mais dois assistentes. Não sei exatamente o que vieram fazer. Ficaram por muitas horas, eu já estava inquieta, chegou a hora do almoço, eles nos acompanharam, só que a Oolori Osún, não comeu e nem bebeu nada,

estava fazendo jejum. Desejei saber o porquê? Disseram-me que foi por causa dos rituais de minha coroação. E para ela ir até o Brasil ela ficou de jejum de janeiro até a ocasião da viagem, e que agora o seu jejum terminaria em outubro, ela só come e bebe água após as 18h. Confesso que fiquei impactada. Pensei quantas vezes essa moça tem chance de entrar naquele Resort e poder comer o que bem entendesse? Certamente que uma nova chance seria bem remota. Não entrei no mérito. Por uma infelicidade fui elogiar o adjá de Osún que ela carregava, era de fato lindo, desejei comprar um, essa pequena atitude desencadeou uma série de outras providencias. Tiveram que telefonar para uma vendedora que mora na cidade de Ibadan a uma hora e trinta minutos de distância, e que não chegava nunca! Antes de Olusegun sair com o pessoal para Osogbo, eu lhe disse que gostaria de ir para meu quarto descansar e também continuar a minha escrita no caderno de campo, e que poderia dispensar aquela moça. Ele me respondeu de pronto: “A senhora quer que o Rei mata ela? ” Juro que me assustei! Matar por quê? Ele – “porque ela tem que cuidar da senhora! ” Meu Deus! Agora virei rainha e sou escrava dos súditos, tenho que fazer sala para esse povo? Quando o que eu mais quero é ser absoluta, ter liberdade e ir e vir! Efetivamente estou lascada! Sei dizer que a tal vendedora chegou por volta de 16h, debaixo de um temporal sem precedentes, entrou pela recepção de cara fechada, não cumprimentou ninguém, vendeu, recebeu e deu as costas e foi se embora debaixo de chuva sem uma sombrinha, andando lentamente sem nada dizer além do preço. A esse ponto me dei por esgotada, pedi desculpas, dispensei aquele povo e fui para o meu quarto.

A hora já era avançada quando decidiram ir jantar na parte externa do restaurante do Resort, a conversa fluía, já eram quase 22h, o meu prato ainda não tinha chegado, quando o telefone de Olusegun soou, era o Rei dando ordens para que nos apresentássemos no palácio. Pense! ... Gostaria de não acreditar no que ouvira, mas era verdade. Sem alternativas fui me trocar, maquiagem, colocar os adereços e aguardar pelo motorista. Assim que chegou, partimos eu e Olusegun. Lá chegando, o palácio estava em silêncio, somente os guardas das três guaritas que deveríamos transpor. Olusegun pegou uma argola que estava pendurada na porta e deu três suaves toques. Ninguém atendeu, bateu de novo, e nada.

A espera já era longa, me irritei com aquilo peguei a tal argola e esmurrei a porta do palácio do Ooni para o tormento do meu amigo que me disse com voz firme: “Nãooooo! Só pode tocar três vezes! ” Já estava feito. A esse ponto o Rei mandou uma mensagem via WhatsApp, “*Where are you?* ” Logo dei pressa em lhe dizer: agora dê uma de X9 e diga ao Rei que estamos aqui há um tempão, mas ninguém abre a porta! Claro que ele não fez isso, foi até a

guarita e pediu que ligasse para os súditos no interior do palácio, só assim abriram a porta. Tiramos o calçado e nos sentamos numa simpática sala. Por volta de 23h10 chega outra mensagem: o Rei dizia que acabava de entrar em meditação profunda. Pensei: agora lascou, até que horas eu vou esperar aqui meu Deus! Passados uns 20 minutos ouvimos o seu pisar forte descendo as escadas, era ele em pessoa. Nos levantamos acreditando que ele nos receberia ali mesmo onde estávamos. Que nada! Seguiu-se o protocolo, o súdito que o acompanhava, bateu três vezes na porta defronte, abriu a porta, o Rei entrou, fechou-se a porta, para o súdito bater novamente para que pudéssemos entrar. Pensei: Não dou conta de uma vida dessa.

Primeira Reunião com o Ooni

Assim que entramos, ele mostrou logo o seu lado benfazejo: “Minha Iyalodê mais bonita e mais jovem de Ilê Ifê! *How are you?*”.

Eu respondi, “preocupada! ”

Ele, “Por quê? ”

Eu, “Porque é muita responsabilidade, tenho medo de não conseguir. ”

Ele, “Ah esse trabalho será muito fácil junto a Deus e os Orixá, será muito fácil! ”

Eu, “Por que você me concedeu esse título? ”

Ele, “Porque Osún mandou! ”

Disse lhe: “Mas você não me conhece, não sabes quem eu sou, o quanto eu sou chata, exigente, austera! ”

Ele me respondeu: “Mas Osún lhe conhece, e eu confio plenamente em você. ” E assim foi o nosso primeiro encontro longe do público, eu perguntava e ele respondia, numa inversão completa de papeis, mas eu não me dava conta de que não deveria ser assim.

Falei: “Você quer que eu construa uma escola, como eu vou fazer isso? ”

Ele, “Não se preocupe que a construção eu vou financiar”, essa resposta me deixou um pouco aliviada.

Eu, “Mas o senhor está me dando um título e um cargo de primeira dama, e eu terei poderes para isso? ”

Ele, “*You have power Iyalodê! You have power!* ” Disse me ainda: “Amanhã, você ande com essa coroa, todos farão reverência para você! ” E eu acreditei!

A noite já ia alta e o discurso não terminava, comecei a fazer exigências. “Você está querendo fazer escola, mas aqui tem outras prioridades! As mulheres daqui não sabem o que é um

preventivo, as gestantes não sabem o que um pré-natal, e você vem me falar em escola? Pois já que vai ser do meu jeito, então quero uma escola em tempo integral, gostaria que tivesse um médico para essas crianças e mulheres da comunidade pelo menos uma vez por semana. Outra, gostaria que essas crianças se alimentassem quando chegassem a escola, ao meio dia almoçassem e se possível um lanche antes de voltar para suas casas.”

Ele concordou com tudo. Não demorou muito ele começava a dar aquelas piscadas longas, de como alguém que não se aguenta mais de tanto sono, mas também já se aproximava de uma hora da manhã. Disse a ele: “você precisa dormir. Vá dormir. ” Despedi e fui me embora dali, com a proposta de voltar em quatro meses.

Assim que chegamos ao Resort tratei de me acomodar, como estava sem janta mesmo, devo ter comido alguma bolacha com Coca-Cola, quando bateram a minha porta, era Olusegun me entregando uma sacola e disse, “não ficou pronta ontem porque estava sendo preparada espiritualmente, amanhã explico para a senhora”, e se foi para seu quarto. Era uma outra coroa confeccionada pelo artesão do Ooni. Dessa vez bem mais simpática do que a primeira. Foi só o momento que senti um suave impacto espiritual.

No dia seguinte rumamos para o Benin, também com o veículo oficial do palácio, na mesma consumição de sempre, correria, sirene ligada, andando pela contramão, enfim teríamos que atravessar o país e chegando na fronteira seríamos recebidos por pessoas de lá, da cidade de Cotonu. Fato é que esse veículo quebrou por duas vezes. A primeira vez foi proveitosa, porque paramos numa barraca de vendedores de água e nessa fiquei conhecendo pessoas de uma etnia que até então não conhecia, que é Tiv. Por incrível que pareça Olusegun também conhecia aquela língua. Eles foram muito gentis com todos nós, enquanto estávamos ali choveu, eles ofereceram o banco de madeira para sentar debaixo de uma lona, mas antes limpou o banco, era o abrigo que eles tinham, eram muito, mas muito pobres, penso que foi só o único lugar que dei dinheiro com satisfação. Depois da cidade de Abeokutá o carro quebrou novamente. Durante o percurso o nosso carro sofreu ameaça de ser parado *n* vezes, mas quando viam a placa do palácio liberavam, outros olhavam dentro do veículo, logo me saudavam, Iyalodè!!!! Foi assim até alcançar a fronteira da Nigéria com o Benim, ali a coisa ficou um pouco mais quente, porque o policial mandou parar, o motorista de sangue quente continuava acelerando, até que parou, o policial irritado, não viu que o veículo era de sua majestade, entrou em discussão com o motorista dizendo que ele havia recebido ordem de parar em outro ponto e ele não parou. Bastou para coisa ferver, pareciam dois cães brigando,

ali era disputa de poder, até que chegou a um ponto que eu dei um basta em voz alta. O policial me viu lá dentro se curvou e dizia: “*Sorry mama*” e ali encerrou a discursão e seguimos viagem. Isso não era nada diante da maratona que ainda tínhamos que enfrentar na fronteira. Quando decidi descer do carro e ir até o posto saber o porquê de tanta demora, ao me virem, cumprimentavam, se curvavam, as pessoas que passavam a pé com bacias de mercadorias na cabeça gritavam por mim, com sorriso largo no rosto, e logo liberaram sem que Olusegun tivesse que dar uma gorda propina. Já do lado do Benim, tudo tranquilo, tudo civilizado! Ali fomos recebidos por um simpático casal que seriam o nosso guia turístico no Benim, falavam yorùbá e francês, lá também estava o Sr. Martins, aquele dos Agudás, juntamente com uma moça fotógrafa de sobrenome Souza, que seguiriam conosco. Esses dois estiveram na minha coroação em Ilê Ifé. Mas até então não sabia o porquê de eles estarem com a gente no Benim. O cansaço era tanto que para mim a essa altura do campeonato pouco ou nada importava. Sei que estava cansada e sem almoço, porque por incrível que pareça, atravessamos a Nigéria e não encontramos um restaurante, um boteco, uma bitaca em beira de estrada que pudesse comer algo. A sorte que havia levado do Brasil salaminho italiano, queijo provolone defumado, biscoitos água e sal e a gente seguia enganando o estômago assim.

No Benin

Isso já era por volta de 19h, noite escura, a feira era grande, também iluminada por lampiões, era a cidade de Porto Novo, trocamos de carro, uma van aparentemente nova, seguimos sentido a Quidá e depois Cotonu. A certa altura na entrada da cidade de Cotonu ouvimos uma explosão, era o pneu da Van que explodiu. Pense... Era um ponto que não tinha iluminação. Mas também pudera, no primeiro trecho a van trazia oito pessoas, na fronteira entraram mais quatro, sem contar a quantidade de malas desse povo todo, o motorista não sabia resolver, até encontrar um borracheiro foi uma história, a certa hora Olusegun tinha saído com o motorista para encontrar o borracheiro, chegou com uma garrafa de super-litro cheio de amendoim torrado e descascado e água para todos nós. Era o que tinha. Enfim chegamos ao hotel por volta de 23h, quando deu por encerrada aquela viagem. Não tinha elevador, não tinha restaurante, tudo cheirando a mofo, sem ar condicionado, mas enfim era o que tinha para essa noite. Olusegun chamou a todos para jantar num restaurante defronte ao hotel, já estava agendado. Oh glória, até que enfim uma comida deliciosa e sem pimenta, o povo do Benin assimilara bem a culinária francesa, ali se come bem!

Quando o dia amanheceu, ficamos surpresos com a mesa de café, tinha pão francês, leite manteiga, café, brioche, era um luxo só! Mas logo Olusegun deu pressa em sair com todos nós para procurar outro hotel. Encontramos bem longe do centro da cidade, mas era bem melhor, sem elevador é claro! Nesse primeiro dia iríamos visitar em Porto Novo o local de embarque dos escravos com destino ao Brasil. Embarcavam tanto os que eram capturados na Nigéria quanto os que vinham de países vizinhos; ali tem a chamada árvore do esquecimento. No local, já na areia, fizeram um enorme portal todo trabalhado em entalhe, contando a história do tráfico de pessoas para o trabalho escravo no Brasil, no entorno daquela praia, belíssimos coqueiros, algumas lojinhas de souvenir, local extremamente agradável, apesar dos registros de dor! Em seguida fomos almoçar, Oh! Quanta alegria!! Na parte da tarde seguimos para Quidá, onde faríamos uma visita a uma família muito importante da cidade, “Os Souza.” Era por isso que essa fotógrafa dos Agudás estava com a gente, ela iria visitar seus ancestrais que tem muito peso político, inclusive o novo rei dessa cidade é dessa família, que são descendentes do famoso Félix de Souza, o maior traficante de escravos para o Brasil. Ele era brasileiro, nascido em Salvador filho de português com uma indígena, ele foi para África e ficou milionário com o comércio de pessoas. O que foi difícil para eu entender é que ele é louvado e reverenciado naquele país, vai entender. E por ocasião da nossa visita o novo rei ainda não tinha ocupado o trono devido a briga entre as famílias que não se entendiam com quem deveria ser o herdeiro do trono, uma briga que já durava três anos, mas parece que agora estava decidido. Conhecemos nessa mesma tarde uma sobrinha dos anfitriões, era uma senhora muito bonita, falante, se apresentou como parente e também Iyalorisá, e se dispôs a nos acompanhar no dia seguinte ao Templo de Dan, Orixá Rei do povo de etnia Jêje. Depois de fazer as tradicionais fotos para a posteridade, retornamos para capital Cotonu. Lá chegando após o banho saímos para jantar e tomar sorvete, coisa inimaginável na Nigéria. Em Cotonu a coisa era diferente, as ruas são todas muito bem iluminadas com energia solar, cada poste tem uma placa de energia solar, o asfalto parece um tapete, para entrar na cidade tem que pagar pedágio, nos moldes dos que conhecemos no Brasil, é mesmo uma pena que não temos voos direto do Brasil para o Benim, primeiro tem que ir a Lagos para depois seguir para capital do Benin.

No Templo de Dan

No dia seguinte, conforme combinado retornamos a Quidá, encontramos a Iyalorisá do dia anterior que nos apresentou o Templo. Muitos não sabem, mas o Orixá Dan é da família de Oxummarê, é que de acordo com a nação ele muda de nome. E é representado por cobras e

também pelo arco-íris. No Brasil a gente fica somente com o simbólico trabalhado no ferro, onde se faz a imagem de duas cobras em assentamentos fixos. Mas na nação Jêje, isso não acontece, eles não cultuam Orixás em assentamentos de ferros ou louças, como fazemos na nação Ketu. Aqui o sistema é bruto mesmo, eles cultuam os Orixás nas árvores, e quando se trata de Dan, eles cultuam as cobras de verdade, vivas, enormes, cada uma maior do que a outra. Normalmente são jiboias. Na entrada do Templo tem um belo Ogún! À direita tem uma construção ou uma casa redonda grande, ao fundo uma enorme árvore já centenária e nela havia muitos panos de morim mesmo, medindo mais ou menos um metro, um sobreposto a outros, de forma que o último estava manchado de *ejé* (sangue animal) certamente alguém havia feito uma oferenda a este Orixá. A Iyalorisá nos contou que aquela etnia jêje tinha sido tomada por guerreiros de outras etnias, se me lembro bem eram os Igbo e uma senhora residente na aldeia voltava do campo para casa, quando deparou com uma jiboia pelo caminho, aquilo ela entendeu como sinal de boa fortuna, pegou a cobra e colocou no seu pescoço, pois tinha as mãos ocupadas por ferramentas. Assim que ela entrou na cidade, os invasores ficaram horrorizados com aquilo e saíram em disparada. A partir daí a população entendeu que quem os salvou foi Dan, e passaram a cultuá-lo como o seu deus. O mais interessante estava por vir. Nesse momento nos convidou a entrar na casa delas para conhecê-las, bem que eu tentei, mas já na porta pude ver que era uma construção muito diferente, tinha ao centro um enorme buraco, junto às paredes, na parte por onde agente entrava tinha como se fosse um banco de alvenaria, tudo na cor de terra, e pleno de cobras, via-se os montes emboladas por todos os lados, nas paredes, de todos os tamanhos e diâmetros, enfim é impossível dar mais detalhes porque não fui capaz de ficar ali por muito tempo apreciando-as. Tinham outros grupos turísticos visitando também, os homens eram os mais corajosos, saíam de lá com uma jovem Dan no pescoço como se fosse uma gravata e pousavam para fotos. E a senhora nos explicava que uma vez por ano elas são liberadas para dar uma volta na cidade. Elas entram nas casas, comem, ratos, aranhas, fazem uma limpeza nos quintais. Se por acaso alguém tem medo, basta ir ao Templo e chamar um sacerdote que irá busca-la. Ah! Um detalhe não pode matar, se por acidente alguém mata uma dessas cobras, da mesma forma tem que ir ao Templo chamar o sacerdote que irá busca-la e daí terá os rituais para enterra-la no terreno do outro lado do muro, ali é o cemitério delas. Foi tudo muito impressionante. Ao lado do Templo como sempre tinha pequenos negócios de souvenir, coisas lindas, eles são muito finos no trato com a madeira ébano, tem muitas peças em ébano e também bronze. Saímos dali fomos visitar o museu histórico da escravidão, nem aqui no Brasil não conheço nenhum memorial que conta essa fatídica história com riqueza de detalhes. Para começar o muro

externo é decorado com peças em bronze de pessoas e de instrumentos de tortura que eram utilizados pelos portugueses aqui no Brasil. Na parte interna, são máquinas de tecer, moveis, disposição dos quartos das esposas que tinham filhos pequenos, das filhas moças, tudo isso com as janelas que dão de frente para o mar. Encontramos uma enorme fotografia do ex-Presidente Lula quando passou por ali em visita. Tudo muito lindo. Depois seguimos para conhecer a Floresta Sagrada, onde tem é história para contar, ali são cultuados os demais Orixás, tudo minuciosamente bem cuidado e guardado, pudemos andar por entre as árvores por trilhas muito limpas e bem varridas! No final do dia resolvemos jantar por ali mesmo afinal se comia muito bem no restaurante próximo à praça. A Iyalorisá fez questão que fossemos conhecer o seu Templo ou seu terreiro como dizem aqui no Brasil, ela foi à frente para preparar, e chegamos lá começava a anoitecer e não tinha luz elétrica em sua casa. Lá estava sua genitora, a sua casa parecia muito boa, O Templo não passava de um cômodo 3x3, com muitas estatuetas em madeira, tinha um grande cartaz de Iemanjá, como os umbandistas do Brasil cultuam, branca e de vestido longo azul, certamente ganhou de algum brasileiro, era tudo muito limpo e organizado, mas usávamos luzes do celular para ver. Logo saímos e retornamos a capital Cotonu já noite.

Assim que chegamos ao hotel, logo veio a notícia que o Sr. Martins e a Sra. Souza retornariam a Nigéria na manhã seguinte, porque havia falecido o sogro dela. Como a morte para os iorubá é um fenômeno que é tratado com os rigores da tradição independente da religião, era impossível eles continuarem conosco, mesmo estando em outro país.

Indo à Feira

No dia seguinte era o tão esperado dia de ir à feira de tecidos, eu sabia que não precisava de nada, mas também sabia que não resistiria, e assim foi de fato. E na feira só tem quatro coisas a fazer, andar, olhar, comprar ou não. E a feira parecia não ter fim, eu não sou a melhor pessoa para falar sobre feira, por ser um espaço pertencente a Esú, eu me sinto muito mal. Fico desernegizada rapidamente, as penas ficam pesadas, tenho queda de energia, cansaço excessivo, enfim, não é o meu lugar. O dia já ia alto e o povo não parava de andar. Quem carregava as minhas compras era aquela nossa guia, mulher dinâmica, resolvida, tratava os preços para gente quando os donos das lojas eram indianos. O interessante que ela utilizou de uma técnica que eu quase morri de vergonha, que é o seguinte: Eu havia escolhido cerca de

dez tecidos, a Iyalorisá de Porto Alegre, escolhera muito mais, e o babalorixá outro tanto, quando já estava quase tudo embalado no caixa na hora de pagar ela entrou em discursão para tratativa do preço, não tardou muito ela nos disse “ Ajamaló” ou seja: vamos embora, confesso que fiquei chocada, com vergonha porque havíamos revirado toda a loja do indiano. Saímos e andamos por outras lojas, nada compramos, e retornamos caminhando lentamente, defronte à loja do indiano, não tardou para ele chamar por ela de forma muito discreta, ela se aproximou e nos informou que ele nos venderia pelo preço proposto por ela. Eu não sabia onde enfiar minha cara, porque a loja do rapaz estava literalmente fora do lugar. Compramos tudo.

No dia seguinte decidi que não sairia do hotel para acompanhar ninguém a lugar algum. Sabia que retornariam à feira de esculturas em madeira, porque é o que desejava o tal fotógrafo. Olusegun continuaria a sua maratona iniciada no dia anterior junto embaixada da Nigéria organizando novos vistos para a gente retornar à Nigéria. Como estava tranquila, decidi ir à recepção e perguntar se era possível encontrar uma manicure, disseram que sim, pediram que eu aguardasse no quarto se quisesse, quando a moça chegasse me chamariam, assim fiz. Depois de alguns minutos bateram à minha porta, pensei que faria as unhas em alguma sala ao lado da recepção, mas não, a jovem me conduziu para fora do hotel, fomos para a rua, então logo pensei, vamos ao um salão que ótimo, porque era o que tinha visto em grande quantidade nas cidades do Benim, coisa que não existe na Nigéria. Logo avistei uma barruquinha, dessas que as pessoas vendem frutas ou óculos do Paraguai, futricas em geral, quando penso que estava tudo certo ela me apresentou a proprietária da barruquinha de esmaltes, esse negócio ficava defronte ao um posto e gasolina em uma avenida extremamente movimentada, me ofereceu uma cadeira de madeira já bem desgastada para me sentar, e ali, ela fez as minhas unhas num piscar de olhos, utilizava como instrumento uma ferramenta que na ponta tinha uma forquilha e aquilo fazia de conta que tirava a cutícula, diante dos transeuntes que a cumprimentava quando passava por nós. Não sabia o que fazer, então me submeti aquilo. Não sei precisar muito bem o que sentia, se era vergonha ou surpresa de ficar ali assim exposta em via pública com as pernas levantada para fazer as unhas dos pés. Retornei ao hotel, logo recebi uma mensagem de Olusegun dizendo que eu me preparasse para me apresentar na embaixada da Nigéria para assinar documentos do visto, e que o motorista já estava me aguardando, e disse me: Ah, se arrume e ponha a sua coroa, assim o fiz, quando desci todos me aguardavam, porque o carro já tinha buscado o pessoal na feira e foram me buscar. Lá chegando a dificuldade era a mesma em tudo que se refere a burocracia dos nigerianos, fomos

recebidos por um funcionário que já tinha corrido a língua miúda que era alguém de extrema confiança do embaixador e que era marrento, para exibir o poder que tinha, demorou muito, mas foi tudo resolvido. Olusegun dispensou o grupo para voltar às compras, e eu deveria ficar, pois seria recebida pelo embaixador, apesar de ser a hora de almoço do mesmo. Fui muito bem recebida por ele e outros diplomatas que ali estavam. Confesso que fiquei surpresa ser recebida assim, sem agendar por um embaixador, mas logo Olusegun deu pressa em me dizer que se por acaso ele não me recebesse certamente perderia o seu emprego, achei meio exagero, mas fiquei calada pensando, será? Tudo isso por conta dessa coroa? Poxa vida, quanto poder pensei. Ao sair da embaixada o nosso guia se aproximava com o moço bem aparentado, nos apresentou dizendo ser apresentador de televisão, tinha um programa da cultura yorùbá para os beninenses. Fez questão de tirar fotos comigo e disse-me que se soubesse antes que a Iyalodê de Ifê estava no Benin, teria feito o programa comigo. Como se não bastasse, pediu que me dirigisse até o nosso veículo, me sentasse no banco de trás para que fizesse uma oração para ele, e não queria que as pessoas ficassem olhando. Ajoelhou-se, pediu que eu colocasse a mão no seu Orí e proferisse uma oração, porque ele sabia do poder que eu tinha. Assim fiz, porém surpresa. Estava junto de nós um rapaz que nos acompanhava desde o dia anterior, era amigo de Olusegun, mas também irmão de Alex, um aluno da UFMG que morou na casa de Olusegun por ocasião de seu intercâmbio no Brasil. Não vi nada demais, mas também não entendia o por que ele nos acompanhava o dia todo, será que não tinha o que fazer? Pensei. Qual não fora a minha surpresa, assim que o carro movimentou, Olusegun me disse: “Iyalodê, eu preciso de ir até a casa da mãe desse rapaz, porque o seu pai falecera há uma semana, e precisaria de fazer-lhe uma visita e gostaria que a senhora fosse junto, se eu me incomodava”. Eu não tinha muitas opções de respostas a não ser concordar. Lá fomos nós. Encontramos a viúva muito abalada, a casa cheia de crianças, penso serem netos, muita gente mesmo, a casa de alvenaria, bem-feita, a sala bastante grande com um jogo de sofá confortável, na cor preta, que tornava o ambiente pesado.

Procedimentos para com os Ancestrais

O cuidado e atenção para os espíritos dos ancestrais é uma prática natural para os povos yorùbá e seus descendentes nas Diásporas, e também os povos da Nova Guiné de uma forma geral. Vejamos o que fala Bronislaw Malinowski.

“Escolhida a árvore, o toliwaga, o construtor e alguns ajudantes dirigem-se ao local: um rito preliminar deve realizar-se antes que a árvore seja abatida. Um pequeno corte é feito no tronco, para que se possa colocar nele uma

pequena porção de alimentos ou um pedaço de noz de areca. Fazendo disso uma oferenda ao tokway (espírito da selva), o mago profere um encantamento”. (Malinowski, 2018, p 204).

Esse ato de dar comida aos que já faleceram nós também o fazemos até os dias atuais, que seja através de ebó para Egungun ou mesmo num grande festival dedicado áqueles que um dia foram iniciados ao culto dos orixás, e que hoje não mais estão entre nós. E normalmente é feito com grandes sacrifícios e muitas outras comidas. Continuamos a leitura com Malinowski.

“Mas, embora as razões que fundamentam essa expulsão não estejam bem definidas, a crença na influência maligna do tokway e nos perigos aliados à sua presença é bem definida. Isso está de acordo com a natureza e geral do tokway, como o encontramos delineado pela crença nativa. De um modo geral o tokway é um ente maligno, muito embora o mal que causa raramente passa de uma brincadeira desagradável, talvez um susto inesperado, um ataque de dores agudas ou um furto. Os tokway moram em árvores ou em rochas e rochedos de coral, em geral no raybwag, a selva primitiva que cresce na orla litorânea e cheia de afloramentos de coral e rochas. Alguns nativos já viram um tokway, embora ele possa tornar-se invisível à vontade. É de pele marrom como todo nativo de Boyowa, mas tem cabelos longos e lisos, a barba comprida. Ele costuma vir à noite e assustar as pessoas. Embora seja raro um tokway ser visto, pode-se com frequência ouvir o seu gemido, vindo dos galhos de uma grande árvore grande; algumas evidentemente abrigam maior número de tokway que outras, já que nelas se pode ouvi-los com muita facilidade. Por vezes, o encantamento e o rito que acabamos de mencionar são executados sobre essas árvores, onde as pessoas ouvem com frequência os tokway e se assustam.” (Malinowski, 2018, p 205).

Decidi fazer essa citação porque apesar de não ser o mote de minha pesquisa, não poderia deixar de dar atenção a esse fato tão importante no culto às tradições. No primeiro momento poderíamos tranquilamente identificar esses espíritos apenas como a sociedade de Ebgé Orún, que não deixa de sê-lo, pois estão intimamente ligados áquele povo. Entretanto quando Malinowski disse que podia ouvir o seu *gemido* sobre as árvores, aqui me senti provocada a escrever sobre Egungun. Para aqueles que frequentam o meu Ilè Asé há mais de dez anos, podem tranquilamente testemunhar quantas vezes nós todos ouvíamos o gemido de um ou mais Egungun sobre as árvores, ou em procedimentos de ebó à luz do dia, ou mesmo durante os dias que antecediam os rituais de iniciação, dependendo do orixá que estaria sendo iniciado. Ouvíamos em cima das árvores um ou dois sons de ossos batendo ou também poderiam ser confundidos com o som de dois bambus que batiam de forma rítmica por longo

tempo, esse particularmente durante à noite. Não precisava ser iniciado ou ter grande mediunidade para ouvi-los, eles se apresentavam para todos nós da aldeia. Isso só parou depois que meu falecido marido Giuseppe foi iniciado para esse culto, se tornando Olojé e assentando o Bábá Egun que o seguia, hoje denominado Bábá Areweio. É um protetor da nossa casa!

Segundo os costumes dos Yorùbá no Benin a tratativa para com a morte não é diferente da Nigéria. O corpo estava guardado no hospital, num sistema igual ao nosso IML até meados de setembro quando seria enterrado; penso que devido ao calor excessivo; esse tempo era necessário para execução de todos os rituais religiosos e mortuários necessários para posterior liberação do corpo. Penso que deve ter sido como aconteceu comigo por ocasião da morte do meu marido. Foram quarenta e dois dias de luto e reclusão, não podia usar roupas bonitas ou alegres, mas de cores bem discretas, não podia ficar sozinha por nenhum momento durante todos esses dias, tinha restrição de horários para sair à rua, não podia andar na feira de forma alguma, no nosso caso aqui, supermercados, shoppings, deveria ser cuidada por Olojés (sacerdotes de egungun). Enfim não podia viver a minha rotina.

Não demorou muito a viúva se ajoelhou diante de mim, para que eu fizesse orações no seu Orí, Olusegun deu um dinheiro a ela que agradeceu muito. Quando nos despedíamos já no quintal, formou se uma fila de pessoas a maioria jovens para que eu fizesse orações para cada um, era uma situação inusitada para mim, cumpria aquele rito sem constrangimento, uma vez que partia deles o desejo de terem a minha mão sobre suas cabeças. Eu penso que pelo simples pelo fato de eu ser uma pessoa da corte, e ser alguém ligada ao Ooniorisá de Ilê Ifé em vossa casa já era demais para aquela gente toda! Até então eu não entendia que poder era esse que era atribuído a mim. Não me sentia como tal. Mas é exatamente aqui que entra o olhar do etnógrafo, com acuidade e respeito. Foi um grande aprendizado. Com essa brincadeira de embaixada menos embaixada permanecemos mais um dia além do previsto no Benin.

No dia seguinte era hora de retornar para a Nigéria, mais um dia sem almoço, porque de fato a viagem é muito longa cerca de 8h de viagem ou mais. Chegando na alfandega tudo de novo, policiais corruptos e etc. Desta vez quando chegamos ainda dia, um dos policiais quando me viu se ajoelhou diante de mim e pediu em yorùbá que eu fizesse uma adura (oração) para o seu Orí, porque ele sabia muito bem o poder que eu tinha, e que ele precisava muito! Não fiz de rogada, impus minhas mãos sobre o seu Orí e fiz minha oração diante de todo mundo que

ali estava, sem contar os transeuntes, porque estavam atendendo desta vez na parte externa daquele posto alfandegário. Os seus colegas e os demais não se surpreendiam, viam naquele gesto um ato de grande respeito, afinal ele tinha diante dele alguém pertencente à corte de Ilè Ifé e isso não era pouca coisa para eles! Com essa história facilitou os procedimentos alfandegários. Assim que nos liberou, foi a hora da via sacra diante dos policiais de trânsito, a cada dez metros que a van rodava era parada por policiais pedido dinheiro, Olusegun só dizia: Iyalodè agora é sua vez. Eu abria a janela e assim que me iam de imediato liberavam o veículo e assim foi por cerca de quatro abordagens. Eles são imorais no trato para com a propina, mas a corrupção começa desde o superior que destina aqueles militares para aqueles postos de fronteira, ele tem que dividir a fêria com os seus superiores. Desta vez o nosso carro não era oficial, por essa razão era mais visado.

Chegamos em Lagos no final do dia. Tivemos tempo suficiente para um banho, jantar, dormir e partir de volta ao Brasil no dia seguinte. No aeroporto não foi diferente, eu era tratada com mais cuidado por todos devido à tal coroa na cabeça. A vida se tornara mais fácil, quanto a isso não restava dúvida! Retornei ao Brasil, com o compromisso de voltar a Ilè Ifé em janeiro de 2019, para a pesquisa de campo.

Antes de dar prosseguimento às entrevistas sobre Orí (tema do Capítulo 4), vou falar um pouco sobre os 16 Odú Ifá, para que vocês tenham uma noção do que estou falando quando for citado o nome de algum Odú nas transcrições da etnografia.

CAPÍTULO III

OS DEZESSEIS PRINCIPAIS ODÚ DE IFÁ

A seguir, apresento a narrativa tradicional que explica a origem da sabedoria de Ifá e introduz os 16 principais Odú.

Conceituando Ifá

De acordo com o etnólogo francês Bernard Maupoil, que realizou pesquisa no Benim nos anos 1930-40, Ifá muda de nome naquele país, passando a ser conhecido como Fá. Mas em essência nada muda, segue os princípios tratados em Ilê Ifé, porque é de lá que surge essa cultura religiosa.

Farrow considera Ifá a divindade suprema dos iorubas e seu oráculo mais ouvido (Maupoil 2017: 29).

A maioria dos adivinhos declara que Fá é “como um vodum”. É também mais difícil para eles afirmar que ele não é um vodum do que demonstrar o contrário. Ele é um vodum porque é incognoscível, mas não tem certas propriedades dos vodus, sobretudo a de possuir, de fazer entrar em transe, de enlouquecer momentaneamente os seus adeptos. Fá jamais realizou algo semelhante, e seu culto não comporta nem a edificação de conventos. (Maupoil *op. cit.*: 31).

Definitivamente, Ifá não é Orixá, já foi feita esta explanação no capítulo anterior. Maupoil (Maupoil *op. cit.*: 32-33) apresenta várias definições colhidas em seu trabalho de campo.

“Fá é o mensageiro de Deus”.

“Fá é um vodum compassivo, que tudo sabe, tudo vê, que está próximo em todos os lugares”.

“Fá não é um vodum: é da classe dos organizadores do mundo”.

“Fá não é propriamente um vodum: situa-se entre as divindades e os seres humanos”.

“Fá é uma coisa com a qual se descobrem os segredos. Fá é o chefe (the leader, especifica o informante) de todos os vodus: manda em todos. É a Fá que eles pedem a permissão de fazer o que quer que seja”.

“Fá, afirma Zunnon, rei da noite de Porto Novo, não é um vodum. Também não é uma pessoa”.

“Alguns proclamam que Fá é um vodum. É mentira, tudo está claro em Fá”.

“A faculdade de investigação de Fá é ilimitada: sua atenção pode direcionar-se até mesmo para o pensamento e a veleidade”.

“Cada coisa, cada dificuldade, por mais penosa que seja, acalma-se ao contado com Fáf; qualquer que seja sua gravidade – o seu ‘calor’–, ela se tornará leve e fresca. Fáf é o que substitui Deus para nós, é o que interrogamos para conhecermos o futuro. Ele não mente jamais”.

“Fáf é luz, diz frequentemente, pois ilumina os homens. É o revelador das coisas escondidas”.

“O bokono Gédégbe, de Abomé, o maior adivinho do Daomé, cuja reputação é ampla, dissuadiu-nos de entrar em detalhes: Todos os bokonos se esforçam para definir Fáf com pompa. Cada um deles procura uma definição que instigue, que deixa intrigado. Eu, porém, embora sendo bokono, não me arriscaria a definir! Somente a natureza milagrosa que criou Fáf poderia falar dele com sabedoria”.

Para mim, a definição mais objetiva e inteligente é a última, do Bábálawo Gédégbe: quem criou Ifáf, certamente é a melhor pessoa para defini-lo. Conceituar até que podemos. Filosofar também, mas daí a definir é um pouco complicado, provavelmente ainda nos falta gabarito para tal.

Não devemos confundir Ifáf com Odú, ou signo que surge durante uma consulta. Ifáf não seria o mensageiro de Deus, mas ele é a própria mensagem de Deus. Provavelmente por essa razão que os católicos não conseguiram associá-lo a um santo.

Ifáf é a consciência cósmica do povo Yorùbá.

Ifáf é o verbo, é a palavra de Deus em favor das criaturas.

O que é Odú?

Primeiramente informo que é preciso ter cuidado com uma língua tonal, de forma que se eu escrever Òdu, (se pronuncia *Ódu*) devo mudar totalmente o fundamento, a forma e o conteúdo. Òdu foi a primeira esposa de Orúnmilá. Divindade primordial pela qual se permeia todo fundamento e segredo da iniciação para Ifáf. É outra coisa muito diferente.

“Odú é o corpo Literário de Ifáf em que os Yorùbá acreditam”, segundo Babalolá Kolapo.

Odú é a manifestação dos aspectos da personalidade e do caráter de uma pessoa que lhes foram destinados durante aquela existência. É uma disposição de você para o mundo e do mundo para com você.

É impossível acessar a tradição Yorùbá sem citar o corpo literário de Ifáf, pois essa é a referência que os conduz verdadeiramente. Odú é também entendido como energia que atua em nossas vidas, fazendo com ela esteja boa ou menos boa, positiva ou negativa. Não é visível aos olhos humanos, porque não tem corpo fluídico, é aquilo que de fato nos dirige de

acordo com o nosso pensamento, que é energia mental. Assim sendo, entendo que somos nós os únicos responsáveis pelo modo como deve ser a nossa vida. Uma compreensão semelhante é expressa por outro povo africano, os Azande, em relação aos efeitos da bruxaria, segundo o estudo de Evans-Pritchard.

“Mesmo quando não ocorrem infrações à lei ou à moral, a bruxaria não é a única razão a que se atribui um fracasso. Incompetência, preguiça, ignorância podem ser indicadas como causas”. (Pritchard Evans, 2012: 58).

De acordo com o meu comportamento moral, mental, intelectual eu serei impactada por um dos 256 Odú, que é o resultado da multiplicação de 16 x 16, sendo os primeiros 16 Odú os principais e os 240 formados por suas combinações, não menos importantes.

O povo Yorùbá acredita nisso, e pelos mais de 40 anos de experiência em atender pessoas dos mais variados matizes, percebi que é isso mesmo, ou elas estão bem, ou estão ruins. Conforme a sua reação a uma situação qualquer do dia a dia a pessoa pode mudar, da água para o vinho, a sua sintonia mental e ou espiritual. E isso é facilmente perceptível nos ocidentais porque não temos o hábito de cultivar a paciência. Essa instabilidade das emoções tem levado as criaturas a perdas irreparáveis, porque nós ocidentais dificilmente agimos, mas reagimos às situações que se nos apresentam, resultando quase sempre em grandes perdas.

Ifá diz: Devemos tentar evitar a ignorância, a estupidez, os descuidos e a obstinação (teimosia). Eles foram os quatro fatores responsáveis por órbitos precoces na Terra.

Há um provérbio Yorùbá que diz que “*Orúnmilá casou-se com a água gelada*”, para nos dizer que Ifá não se aborrece com nada, nunca, seja lá qual for a provocação. Na mitologia Yorùbá, Orúnmilá foi o primeiro messias a pisar sobre a face da terra. Foi quem trouxe o sistema oracular denominado Ifá. É a divindade associada a Ifá e muitas vezes usada como sinônimo, outras vezes como divindade separada.

Para lhes introduzir Ifá, farei referência a trechos de um belo texto disseminado nas redes sociais pelos adeptos ao culto a Ifá. Nele é contada a saga de Orúnmilá à procura da sabedoria e o seu encontro com cada um dos dezesseis principais Odú Ifá, ocupando quartos separados do palácio real de Ilè Ifé. Após cada citação, especialmente às referências ao conteúdo de cada Odú, insiro meus comentários.

“Sabedoria de Ifá:¹ Naquele tempo Orúnmilá não era mais que um jovem excepcional possuía apenas a vontade imensa de saber tudo o que pudesse.

¹ O texto aqui citado é de <http://www.ileaxeifaorixa.com.br/ile/index.php/orunmila-ifa/248sabedoriaifeifa> (acessado em 15/09/19).

Em suas andanças sobre os países então conhecidos, soube da existência de um grande palácio na cidade sagrada Ilè Ifé, onde havia 16 quartos, num dos quais encontrava aprisionada uma belíssima donzela denominada Sabedoria. Muitos jovens aventureiros, guerreiros poderosos, príncipes e monarcas já haviam sucumbido na tentativa de resgatar a bela jovem”.

Efetivamente na cidade de Ilè Ifé há esse palácio, onde hoje reside o Ooniorisá, ou o Rei de Ilè Ifé, local onde tudo começou na face da Terra. Foi exatamente no *compound* desse palácio que fiquei hospedada durante a minha pesquisa. Esse palácio é uma construção milenar, porém não é nos moldes dos palácios que nós ocidentais estamos habituados, com estilos góticos belíssimos, não, nada disso. Parece mais essas mansões com telhado no estilo europeu, como se neve ali caísse, não tem torres, tem apenas dois andares, percebe-se que é extremamente grande, mas não tive aceso aos aposentos de sua majestade, limitei-me apenas a duas salas durante o período que ali estive. Essas duas salas são decoradas com estilo moderno, ostentando luxo em suas decorações, o piso é atapetado, sempre com os brasões do atual Rei, cortinas clássicas e elegantes, lustres em cristal maravilhosos, toda climatizada, os adornos sobre as mesas são igualmente luxuosos, certamente são presentes recebidos de outras autoridades, mas senti que falava um toque feminino, nada de flores ou plantas em sua decoração. Todos que ali trabalham são homens, nem mesmo a rainha se intromete em nada, ela faz o que quer na casa dela. O entorno do palácio é pleno de outras construções igualmente grandes, muitos salões de recepção, as casas das esposas, piscina, o grande salão para grandes festas. É belíssimo, penso que, quando o atual Ooni foi eleito, trocou a decoração de todo palácio, porque tudo é muito novo. Do lado de fora não se pode imaginar como é o seu interior, é tudo pintado de branco, apenas um teatro que fica próximo à terceira guarida é de tijolinho à vista. As ruas dentro do *compound* são asfaltadas, não tem jardins, tem grandes espaços livres. Mais internamente, há espaços parecidos com uma plantação de luzes no solo, que se parecem, à noite, uma cidade luz. Na casa onde me hospedei ensaiaram um jardim na frente, mas talvez devido ao clima e pouca água, não foi para frente.

O Rei que lá reside não tem por hábito dormir todos os dias com suas esposas; cada uma tem a sua casa dentro do *compound*; no momento ele só tem uma esposa; ele dorme com as quatrocentas divindades, duzentas positivas e duzentas negativas e ele é um dessas 401, e ele mesmo, o Ooni, é o líder das demais 400 divindades. O dia que ele quer sua mulher com ele, ela é chamada, durante o período que por lá estive na sala de espera, na parte da manhã pude ver a rainha Naomi descer de seus aposentos duas vezes, para retornar à sua casa. Na verdade, não sei quando esse rei fica com sua mulher, porque ele fica acordado atendendo gente todos

os dias até quatro horas da manhã. Uma vez, em conversa com o professor Felix, ele me disse, “não sei como o

Ooni vive, esse rei não dorme”. Por algumas ocasiões tive a possibilidade de estar lá com ele durante as noites recebendo visitas e de fato ele é incansável. Outras vezes ele mandava mensagens para mim e como não respondia, ele mesmo dizia, “você já deve estar dormindo”, isso altas horas da madrugada.

Além dos dezesseis quartos citados na mitologia, tive a oportunidade de assistir, durante o festival de Obatalá, enquanto aguardava no palácio a hora de começar as festividades daquela tarde de quarta-feira, descer de seus aposentos algo como um andor, conhecidos por nós aqui nas procissões católicas, contendo apenas uma cabeça, que o Rei havia me dito que era de Oxossi. Entretanto, segundo ele, não era uma obra de arte entalhada numa rocha, mas sim o crânio verdadeiro dessa divindade da época em que viveu na terra, que não putrificou ou deteriorou, mas petrificou e mora em um dos quartos daquele palácio. O Rei havia me dito, por ocasião da minha primeira visita, assim que cheguei em Ilè Ifé: “Você conhece o verdadeiro Oxossi e Osanhe?” Lhe respondi: “No

Brasil nós cultuamos esses Orixás em assentamentos de ferro ou altares”, ele me disse,

“Não, você verá aqui o verdadeiro Oxossi”. E foi assim visto, antes de começar os rituais da ida de Oxossi para o Templo de Obatalá, a algumas quadras do palácio. Logo que saiu da porta do palácio, o Ooni foi regando com gim aquele Orí até chegar no Templo. Pelo que vi, foi consumido cerca de uma caixa de garrafas de gim. No Templo de Obatalá, na área externa onde há uma construção redonda, pintada de branco como tudo de Obatalá, e que no teto tem uma escultura de um caçador empunhando um arco e flecha dirigida para o infinito, ali dentro foi colocado aquele Orí de Oxossi e foi sacrificado um cabrito. Eu não entrei, mandaram apenas que eu e as pessoas ali fora colocássemos a cabeça na parede daquele quarto e fizéssemos orações em nosso próprio favor. Quem entrou foi o Rei e os seus asseclas e alguns sacerdotes de Obatalá. Em seguida todos entraram para o Templo efetivamente. Percebi que nenhuma das mulheres daquele culto entrou, somente eu e minha orientadora. Conheci aquelas mulheres por ocasião de minha coroação em agosto de 2018. Também naquela ocasião elas não entraram, me aguardaram do lado de fora do templo, porém dentro do *compound* de Obatalá. Desejei saber por que somente nós duas havíamos entrado lá, disseram-me que é porque não tínhamos maridos. Não acreditei, mas ficou por isso mesmo. Eu acredito que nós só entramos para participar dos rituais e danças que ali aconteciam por ordem do Rei, nada mais, era de fato uma posição extremamente privilegiada. Mas na semana anterior, quando aconteceu outro ritual no mesmo lugar, puderam entrar mulheres e crianças,

mas desta vez não. Quando chegou o momento de retornarmos ao palácio, aquele Orí de Oxossi também retornou, todo regado de éjé (sangue do sacrifício que fora feito). Dentro do Templo também foram feitos outros sacrifícios, não nas nossas vistas, só para o Rei, em um compartimento separado dos demais apenas por um lençol branco.

“Determinado a conquistar Sabedoria, Orúnmilá dirigiu-se ao local onde estava edificado o palácio e no caminho encontrou um mendigo que lhe estendeu a mão pedindo um pouco de comida. Colocando a mão no seu embornal, Orúnmilá dali tirou um pequeno saco com farinha de inhame, que era tudo o que tinha para comer e de uma cabaça um pouco de epô [dendê], misturando tudo e dividindo com o mendigo, comendo uma pequena parte do alimento. Depois de alimentar o mendigo revelou a Orúnmilá o seu nome, dizendo que se chamava Exú e como agradecimento ofereceu ao jovem aventureiro um pedaço de marfim entalhado, dizendo: “Com este marfim denominado Írófá deverás bater em cada uma das 16 portas do palácio”, pois só assim elas se abrirão. Do interior de cada quarto ouvirá uma voz que te perguntará ‘quem bate? Você se identificará dizendo que é Ifá, o senhor do Ìròfá. Pois só assim cada uma revelará o seu segredo”.

Para nós aqui no Brasil, é muito difícil entender por que tem hora que fala Ifá outra hora Orúnmilá. Uma vez um yorùbá me disse que Ifá é um apelido de Orúnmilá, e aqui nesse Itãn (são histórias em forma de alegoria repletas de metáforas, contadas para uma pessoa durante uma consulta, em que a sua vida ou o tema da consulta está literalmente contido naquelas histórias), fica claro quando foi que ele recebeu esse apelido.

A primeira porta - Eji Ogbè

Representa o conhecimento da vida.

A voz perguntará então: O que está procurando? E você dirá, estando diante da porta do primeiro quarto, que deseja conhecer a vida, a competição entre os homens e que quer conquista-la em nome de Eji Ogbè, o princípio de tudo.

A porta então se abrirá e você conhecerá os segredos da vida.

Èji Ogbe é o mais importante Odú, porque é ele quem dá caminho aos demais Odú, é o princípio de todos os epítetos.

Este é o Odú que todas as pessoas desejam que apareça por ocasião de uma consulta, desde que venha pelo caminho de Irè, ou seja, boa sorte, quando aparece esse Odú na hora de confirmar uma obrigação é sinal de vitória garantida. Conta um Itãn desse Odú, que

Eji Ogbè era muito inteligente, era tão inteligente que tinha a mania de criar labirinto para as pessoas, para desenvolver nelas esse atributo chamado inteligência. Porém teve um dia que ele criou um labirinto tão complexo que ele mesmo não conseguia sair dele, para todos os lados que virava

deparava com uma parede e assim ficou tempos. Chegou um momento que ele disse para consigo, não é possível, fui eu mesmo quem criou esse labirinto e agora me vejo perdido nele? Isso não é possível. Vendo que não lograva êxito, sentou-se no chão, pôs as mãos na cabeça e rezou para o seu Orí. Ali se acalmou, harmonizou-se e quando se levantou viu não havia mais nenhum muro que o impedia de sair. Assim compreendeu que a maioria das nossas dificuldades não passa de elaboração da nossa própria mente.

Este é o Odú mais velho e mais importante de todos, porque é a partir dele é que se originam os demais Odú.

A segunda porta – Òyèkú Mèji

Representa o conhecimento sobre a morte.

No segundo quarto, quando a voz te perguntar o que deseja, depois de ter se identificado como antes, dirá que deseja conhecer Ikú, a Morte e que deseja dominá-la. Aprender a dependência das almas com a Morte e a reencarnação por intermédio de Òyèkú Mèji. Então a porta se abrirá e você conhecerá Morte, seus horrores e seus mistérios. Se não demonstrar medo em sua presença irá adquirir o domínio absoluto sobre ela.

Faz parte dos costumes Yorùbá cultuar a morte. Ela é tratada de forma muito natural e com alegria. As pessoas investem grande quantia em dinheiro para festejar a morte, seja em rituais mortuários e ou mesmo ao longo dos anos. Quando o morto é da religião de tradição ele é cultuado como Bàbá Egun; se o morto era cristão, não, apenas fazem-se festejos. No caso de suicidas a coisa opera de modo diferente. O morto suicida não recebe em tempo algum nem mesmo uma oração, nem de seus familiares e nem de ninguém.

A esse respeito, vale comentar a relação do povo yorùbá com o culto a Egungun

A palavra Egun em seu sentido literal quer dizer osso, no entanto quando voltamos o olhar para as tradições yorùbá nas regiões oeste e norte da África, como Nigéria, Gana, Togo, Benin, dentre outros países, ele toma outra conotação, ou seja, aquele que não tem mais carne, quando vivo foi iniciado na religião de tradição, teve uma morte natural e agora não mais está entre nós, depois de morto recebe o nome de egungun porque passa a viver no Orún (plano espiritual ou céu), com a possibilidade de favorecer e amparar os seus descendentes aqui na Terra. É um dos cultos mais respeitados não só pelos yorùbá, mas também por outras etnias, como Haussá, Igbo, Fulani, Calabar, Tiv, dentre tantas outras, porque sabem que estão lidando com forças sobrenaturais de efeito admirável. A partir da análise do culto a egungun, procedo a uma discussão sobre o culto aos mortos e sobre como a morte para os yorùbá se

configura não como um processo de finitude, mas de transformação dos seres humanos, e a certeza de que a vida continua.

Por ocasião do meu aniversário em 2019, passado durante o trabalho de campo, estava na cidade de Lagos e tive oportunidade de viver essa experiência. Por acaso cai como que de paraquedas numa dessas festas, onde comemoravam o aniversário de 25 anos de morte de uma senhora, que voltando de um velório foi atropelada e foi a óbito. Parece que ela era uma pessoa muito querida, pois estavam reunidas no mínimo três gerações de pessoas. Aqueles gerações mais jovens que residem fora da Nigéria, participavam via Skype. Era uma festa regada de muitas bebidas, comidas não tradicionais, as pessoas se vestiam com esmero bom gosto, decoração do ambiente não era diferente, tudo muito chique. Eu estava ali na condição de Iyalodè, fui homenageada também pelo meu aniversário de nascimento. Ao final do evento foi distribuído presentes para todos, recordo que ganhei uma toalha de banho e uma máquina de triturar salsa.

Quando se trata da morte de um homem iniciado no culto às tradições, normalmente é feito o ritual durante 42 dias seguidos, quando é feito o assentamento daquele Egun. Durante esse período, a viúva cumpre rituais todos os dias, como não usar roupas maravilhosas, mas de cores modestas, como o branco. Durante os rituais que são feitos durante a noite, ela deve se manter-se dentro de casa, não cumprir nenhuma de suas rotinas, e principalmente não ir à feira ou, no nosso caso, não ir a supermercados. No meu caso, tive que considerar o fuso horário, já que temos uma diferença de cinco horas de diferença, então eu ficava guardada todas as tardes, porque já era noite na Nigéria. Alguns rituais foram feitos em minha casa, também para cumprir os ritos que eram feitos por lá e no último dia houve a festa de saída do Egun do meu falecido marido, registrados em vídeo e CD enviados depois. Havia sim uma identidade plena, principalmente no jeito de dançar; pode-se ver claramente que era meu ex-marido. O assentamento que o representa continua morando na cidade de Ilobu, Estado de Osún, na Nigéria. Até agora não pediu para vir para o Brasil.

Entretanto, aqui no Brasil, especificamente na Ilha de Itaparica onde o culto a Egungun é amplamente mantido até os dias atuais, o procedimento é diferente. Primeiro o falecido passa pelo estágio de Aparaká por cerca de sete anos, em seguida o estágio é suspenso e passa para a condição de Bábá Egun numa cerimônia simples diante da comunidade. Daí por diante a família fica obrigada a confeccionar a roupa oficial de um Bábá para o seu ancestral (na verdade manda fazer, porque até onde sei quem confecciona essa vestimenta são homens, e normalmente custa muito caro). Depois o Bábá Egun escolhe um devoto de melhores

condições financeiras para dar continuidade ao compromisso de bancar suas futuras vestimentas e festas. Doravante o dia em que esse Egungun fala ou solta a voz ele recebe um nome do seu padrinho ou de quem o suspendeu a essa condição, e esse dia é considerado o dia do seu aniversário. Sei que essa prerrogativa é do povo yorùbá também aqui no Brasil, não tenho notícias de que os terreiros de origem angola façam esses rituais.

Por muito tempo alimentou-se a ideia de aqueles panos se movimentava sozinhos, hoje sabemos que não é bem assim. Apenas no Benim é que ocorre esse fenômeno de se movimentarem sem a presença de um homem debaixo daquelas enormes estruturas, e que recebem o nome de zampeto. Segundo a fala dos yorùbá aquilo é “feitiço mesmo”, e tive oportunidade de presenciar durante a minha visita àquele país por ocasião de minha pesquisa em agosto de 2018.

No caso das mulheres, depois de mortas, elas são cultuadas na sociedade de Gèledé, ou das Iyami Oṣorongá, (pronuncia Oxorongá), culto este que não tem tanta visibilidade quanto o culto aos Egungun; é bem mais fechado, o que não implica em menos poder, muito antes pelo contrário.

A terceira porta – Ìworì Mèji

Representa o conhecimento da vida espiritual com as forças do Orún.

A terceira porta encontrará um guardião denominado Ìworì Mèji, o anjo exterminador que, depois de reverenciado, colocará diante de seus olhos a determinação do criador sobre a Terra, os mistérios da vida espiritual e dos nove espaços do Orún, onde habitam deuses e sombras e todas as classes de espíritos que irá conhecer.

Aqui vale lembrar o nome comumente dado ao Orixá Oiyá; Mesan Orún; mesan = ao número nove, essa denominação faz menção de que ela é mãe dos nove no céu. Pelo fato de ela ter essa estreita relação com os Egúns.

A quarta porta – Òdí Mèji

Representa o domínio da matéria sobre o espírito.

Na quarta porta você reclamará por conhecer o domínio da matéria sobre o espírito, a lei do Karma e a formação do gênero humano. O guardião desta porta se chama Òdí Mèji, a quem deverá demonstrar respeito e submissão. É necessário que não se deixe encantar pelas maravilhas e os prazeres que se descortinarão diante de teus olhos, pois podem te escravizar para sempre, interrompendo a tua busca.

É importante saber que a religião dos Yorùbá é permeada pela Lei de causas e efeitos. Se você errou, esteja certo de que você deverá passar pela mesma situação que você impôs ao seu semelhante. Sistema igual é utilizado pelos judeus que seguem a Lei de Talião do código de Hamurabi, “olho por olho, dente por dente”. Enquanto na religião católica, o indivíduo pode cometer delitos quantas vezes quiser, bastando comparecer diante do padre e receber o perdão, sendo liberado para voltar à sua rotina e repetir os mesmos erros infinitamente. Lembrando que a religião dos Yorùbá antecede a Moisés do judaísmo, ao profeta Mohamed do islamismo e a Jesus do cristianismo. Hoje a cultura Yorùbá está no ano 10.061 e o ano novo é comemorado todo dia 3 de junho.

A quinta porta Ìròsùn Mèji

Representa o domínio do homem sobre os seus semelhantes.

Na quinta porta, quando for indagado dirá, diante de Ìròsùn Mèji, que procura o acaso da vida. O domínio do homem sobre os seus semelhantes através do uso das forças físicas e imposições dos homens. Aprenda, mas não utilize jamais as técnicas reveladas para o mal. Apenas como defesa, para não se tornar vítima delas.

Parece-nos que esse ensinamento não foi registrado até os dias atuais pela humanidade, porque desde que tempo é tempo, o que se mais vê é nação sobrepondo sobre outras nações, políticos lançando mão do poder para oprimir, e os homens situados nas mais diferentes esferas impondo o seu desejo sobre outrem. Mas acredito que lentamente isso está mudando, ainda sem muito reflexo no todo, mas no íntimo de muitas pessoas.

Espero que isso dia vire moda, que se torne fora de moda fazer mal a outros.

Na sexta porta – Òwónrín Mèji

Representa o equilíbrio que deve existir no Universo.

Na sexta porta será recepcionado por um gigante do sexo feminino que deve ser saudado por Òwónrín Mèji a quem solicitará ensinamentos relativos à possessão espiritual, à cura dos seres vivos e ao equilíbrio que deve existir no Universo. Compreenderá então o valor da vida e a necessidade da morte, o mistério que envolve a existência das montanhas e das rochas. Ali será tentado pela possibilidade de obter muita riqueza, mulher, filhos e bens incomensuráveis. Resista a estas tentações ou verá a sua vida ser reduzida a uns poucos dias de luxúria.

Até os dias atuais, a riqueza parece ser a grande prostituta, com poderes para seduzir a humanidade inteira, independentemente da cultura em que se vive; uma vez conquistada, o caminho se repete para todos em sua generalidade. Adulterar-se ainda é o ponto vulnerável dos seres humanos.

A sétima porta – Obará Mèji

Representa o poder da realização dos desejos e sonhos do ser humano.

Agora diante da sétima porta, o habitante deste quarto chama-se Òbará Mèji, é velho e se apresenta com aparência bonachona. Poderá te ensinar os prestígios da cura, soluções para os problemas mais intrincados e te dará a possibilidade de realizar todos os desejos humanos. Tome cuidado, pois os domínios desses conhecimentos podem te conduzir à prática da mentira, à falta de escrúpulos e o desequilíbrio mental.

Em tudo na cultura Yorùbá há dois lados, o positivo e o negativo, aqui não poderia ser diferente. Como esse é o Odú que fala do poder de realizar todos os sonhos, aqui no Brasil as pessoas de Axé o conhecem bem. Quando se fala em Obará Mèji, todos sabem que é o Odú da riqueza. É o que todos desejam que apareça na sua consulta ao oráculo. Mas nem sempre isso é possível, eu diria que é muito difícil, porque nem todos têm essa boa sorte de se enriquecer na vida. Mas ele também fala de ganho financeiro a curto prazo, o que não quer dizer que “terá todos os seus problemas resolvidos”. Mas a advertência não tarda em aparecer, a riqueza pode favorecer a falta de escrúpulos e a loucura.

A Oitava Porta - Okanran Mèji

Representa o poder da palavra do ser humano.

No oitavo quarto deverá solicitar a permissão de Okanran Mèji para conhecer o poder da fala humana, que infelizmente é muito mais usada na prática do mal do que para o bem, e o encadeamento das forças. Este guardião te falará em muitas línguas e de sua boca só ouvirá lamúrias. Aprende depressa e depressa foge deste local, onde imperam a falsidade e a traição.

Qual de nós nunca foi vítima de uma calúnia ao longo de sua vida? Quem de nós nunca experimentou o sabor amargo de uma falsidade e da traição de pessoas em quem depositávamos nossa total confiança, e que em determinado ponto da caminhada optam por

deixar marcas profundas de dor e desamparo? Esses valores perversos devem ser banidos da nossa personalidade diuturnamente. E quando perceberes o menor sinal de falsidade numa pessoa dê pressa de se afastar dela e neutralizar a sua atuação na sua vida. É muito triste para não dizer terrível, mas podemos tranquilamente afirmar que essa lepra espiritual é mais atual do que se possa imaginr.

A nona porta – Ògúndá Mèji

Representa os malefícios da corrupção e da decadência no ser humano.

Diante da nona porta pedirá permissão ao seu guardião, Ògúndá Mèji para conhecer a corrupção e a decadência, que podem levar os seres humanos aos mais baixos níveis de existência. Naquele quarto, encontrará os vícios que assolam a humanidade e que escravizam em correntes inquebráveis. Verá o assassinato, a ganância, a traição, a violência, a covardia e a miséria humana brincando de mãos dadas com muitos infelizes que se tornarão seus servidores.

Nunca esteviram tão atuais os ensinamentos desse Odú, até parece que Orúnmilá os escreveu para os dias atuais, em um processo de vidência plena, principalmente aqui no Brasil. Há alguns anos não se ouve falar em outra cousa nos noticiários. Tanto é que se uma pessoa é dotada de sensibilidade psíquica ela não comporta mais assistir os jornais televisivos, porque os noticiários não sobrevivem de nada mais a não ser dar notícias ruins para a população, mais parece uma nuvem de negatividade que povoa a atmosfera à qual todos estamos submetidos. Mas isso pode não ser a verdade, a seleção daquilo que nos compete cabe a cada um de nós fazer e viver conforme os seus desígnios. Considero prova de vulnerabilidade aquele que se permite ser arrastado pela corrente popular. Para resistir é necessária muita vigilância de si para consigo. Evidentemente, não se consegue essa conduta do dia para noite; isso é fruto de repetição diuturna, exercício incansável, mas não impossível. Depois vira hábito e você consegue viver entre os seus pares sem ser afetados por eles.

Décima porta – Òsá Mèji

Representa o poder do fogo e a influência dos astros no ser humano.

No décimo aposento deverá apresentar reverências a uma poderosa feiticeira, cujo nome é Òsá Mèji. Ela vai contar o poder que a mulher exerce sobre o homem e o porquê deste poder. Conhecerá seres poderosos que praticam o bem e o mal, denominadas Ajé (pronuncia Ajê) que vão lhe oferecer seus serviços maléficos. Caso aceito fará de você o mais poderoso

e o mais odiado ser da face da Terra. Aprenderá a representação do tempo, a dominar o fogo, a utilizar a influência dos astros sobre o que acontece no mundo. Saberá das relações entre o Sol e a Terra e a Terra e a Lua, principalmente a influência da Lua sobre os seres vivos. Cuide para que estes segredos não te transformem em um feiticeiro maldito.

Os homens yorùbá têm em geral muito medo das mulheres porque acreditam que pelo fato delas sangrarem todos os meses, muitas vezes por dia ininterruptos, este sangue as dotam de muito poder, e a fala de uma mulher, principalmente as mais velhas, sempre vem carregada de muito axé, capaz tanto de edificar quanto de desgraçar a vida de uma pessoa. Se observarmos é realmente interessante quando uma menina começa a menstruar; ela vai ficando cada vez mais bonita, encantadora, sedutora, e quando a mulher para de menstruar, ela começa a murchar tal qual um maracujá maduro, perde o encantamento, às vezes se curvam, perdem o frescor da juventude, e envelhecem, claro, carregadas de sabedoria, o que falta à juventude. E pelo fato de verter sangue durante anos, as mulheres são representantes naturais das grandes mães ancestrais, as Iyami Osorongá, também conhecidas por Ajé, ou as grandes feiticeiras. Normalmente os yorùbá não pronunciam nenhum desses nomes; por respeito, costumam dizer ‘as senhoras’. O respeito é tão grande que, depois que dão à luz, as mulheres costumam carregar seus filhos nas costas amarrados por um pano chamado ojá; quando a criança já está independente, elas guardam esse ojá e, se por ventura um dia o seu filho já adulto opta por confrontar a sua mãe, e ela se sente muito ofendida, ela vai até o quarto, apanha aquele velho ojá e volta ao ponto que interrompeu a briga e o filho, ao vê-la com ojá na mão, se deita no chão, com o corpo estirado no chão, porque ele sabe se a mãe bater nele com aquele ojá a sua vida estará desgraçada para sempre. Aquele ojá está impregnado da energia de todo esforço, suor, sofrimento e privações que ela passou para torná-lo um homem; apanhar com aquele ojá seria receber a maior praga de sua vida. Muito diferente daquilo que estamos acostumados no ocidente, em que os filhos fazem o que querem com seus pais e fica por isso mesmo. Essa também é uma das razões pelas quais muitas pessoas não se adaptam ao regime da religião de tradição aqui no Brasil, porque o respeito é ponto primordial e normalmente as pessoas adentram essa religião com vícios e os costumes anteriores, de forma que costumam entrar em choque cultural. Costumo dizer que a religião dos Orixás é para todos, mas nem todos são para a religião tradicional. E acontece também que muitos sacerdotes e sacerdotisas não se atribuem o respeito devido, costumam se sentir imponderados e transformam-se em verdadeiros déspotas em relação aos seus seguidores, mas tudo isso eu considero falta de formação para o cargo que ocupam, exatamente porque não costumam procurar saber qual é a verdadeira filosofia da tradição. Ficaram apenas com os rituais de sacrifícios, juntamente com

os atavismos cristãos adulterando não só em periferia, mas em profundidade os princípios da tradição.

A décima primeira porta – Ìkà Mèji

Representa a reencarnação e o domínio sobre os espíritos.

Bata agora com seu Ìrófá na décima primeira porta e a voz do guardião Ìkà Mèji lhe dirá onde os peixes povoaram os mares, o gigante em forma de serpente te fará estremecer. Saúde-o respeitosamente e solicite dele a permissão para conhecer o mistério que envolve a reencarnação, o domínio sobre os espíritos Àbíkú que nascem com o destino de uma vida curtíssima. Aprenda a dominar este segredo e desta forma poderá livrar muitas famílias do luto e da dor.

Penso que a essa altura da evolução do mundo ocidental não deveria mais ser novidade esse assunto de reencarnação, pelo menos para nós brasileiros. É impossível encontrar uma pessoa que não tenha pelo menos ouvido falar nesse termo, mesmo porque é tema recorrente em telenovelas que cristãos de todas as vertentes assistem ou já assistiram um dia. Podem até negar por preguiça de estudar ou por imposição dogmática, mas isso é mesmo um fato e, tem mais, o Criador não toma opinião para executar as suas tarefas. Assim sendo, acreditar ou não acreditar, não muda nada. Os povos Yorùbá, que professam uma cultura milenar, já declaram isso. Fato é que muitas vezes quando uma criança nasce e eles têm certeza de que é a reencarnação de um ancestral, costumam denominar a criança do sexo masculino de Bábátundè = o pai voltou.

Quanto aos espíritos Àbíkú, quer dizer Abi= nascer, Iku = morte, aquele que nasceu para morrer cedo, também conhecido como aquele que nasceu para fazer mãe chorar.

Na verdade, é uma sociedade no plano espiritual de espíritos normalmente muito inteligentes e perversos, que decidem por deliberação, às vezes de um líder, quando devem nascer e voltar ao céu em idade precoce, pelo simples prazer de fazer a família sofrer. Não tem outro objetivo. Normalmente essas crianças não têm medo da morte. Houve um tempo em Belo Horizonte que havia muitas crianças de rua e podia-se ver a ousadia delas no trato para com a vida. Se lançavam na frente dos veículos sem o menor temor e continuavam transitando entre os veículos em alta velocidade tranquilamente, porque sabem que, se morrem, retornaram rapidamente.

Há casos em que nascem em famílias estabilizadas, são crianças lindas, quase sempre dotadas em inteligência acima da média e crescem sempre fazendo um trabalho silencioso entre seus coleguinhas de escola para angariar simpatizantes para a sua sociedade. Quase sempre já vêm

com o dia que devem morrer preestabelecidos, sempre uma data marcante, dia do batizado, dia do aniversário, dia da festa de graduação, dia do casamento, natal, ano novo, o fazem de caso pensado, para que as famílias lembrem deles e continuem sofrendo.

Existem quatro modalidades. Vou descrever apenas as modalidades de forma simples e superficial, mesmo porque não é o mote de minha pesquisa. É só mesmo para terem uma ideia do seja Àbíkú.

Àbíkú Inã – Àbíkú do Fogo, mata a mãe durante o parto ou provoca a morte do pai por acidente pouco tempo depois de nascido, às vezes com um ano de idade; é um dos mais difíceis no trato. Na maioria foram doados ao nascer ou foram adotados.

Àbíkú Omi – Àbíkú da Água, normalmente nascem de 6, 7, 8 meses. A maioria é criada pelos avós, mesmo que os pais estejam por perto. Normalmente morrem por afogamento, desidratação ou cólera, etc.

Àbíkú Alé – Àbíkú da terra, é uma categoria trabalhosa para os sacerdotes; normalmente nascem por cesariano ou parto normal sanguinolento. É uma criança agitada, a morte normalmente é por acidente em quedas de alturas ou doença de pele e órgão digestivo, o tempo de vida oscila entre 5 a 8 anos.

Àbíkú Fefé – Àbíkú do vento, é uma criança que costuma se destacar no seu meio social desde o nascimento. É bastante instável, se adapta bem ao meio, e por essa razão é mais fácil de ser convencido a mudar de ideia. Não dá muito ouvido aos seus amiguinhos e costuma não cumprir o prazo previamente acordado.

Para se ter uma ideia do poder dessa comunidade espiritual, sabemos que há relatos de que na Nigéria, quando há ocorrência de a mulher engravidar e perder a criança por duas gestações ou mais seguidas, o pai corta a falange do dedo mindinho da criança ainda no caixão, e diz em volta alta na frente de todos, “Não Volte Mais”. E quando a mulher engravida novamente, nasce uma criança faltando a falange do mindinho, para provar que é o mesmo espírito que está reencarnando. O que não nos falta são exemplos de crianças e jovens que morrem com essas características acima citadas. É mais comum do que imaginamos.

Sei que o assunto é provocante, mas certamente ficará para um outro momento escrever mais sobre essa categoria de espíritos. No entanto, eles são tão importantes que são particularmente citados por Ìkà Mèji.

Décima segunda porta - Òtúúrúpon Mèji

Representa os segredos da criação da terra.

Esta porta te reserva sustos e surpresas sem fim. Seu guardião se chama Òtúúrúpon Mèji e é do sexo feminino. Possui forma arredondada, mas se parecendo com uma grande bola de carne quase disforme. Trata-se de um gênio muito poderoso que poderá lhe revelar todos os segredos que envolvem a criação da Terra, além de te ensinar como obter riquezas inimagináveis. Aprenda com ele o segredo da gestação humana e a maneira como evitar abortos e partos prematuros. Depois parta respeitosamente em busca da próxima porta.

É claro que, com o avanço da ciência, hoje não é mais segredo para ninguém o processo da gestação humana e dos animais e também sobre as demais implicações dessa natureza. Entretanto, existem complicadores de natural espiritual que não permitem que a gestação siga a diante, coisa facilmente detectável por uma Iyalorisá ou babalorixá, nada que Oxum ou Iyami Osorongá não resolva, não esquecendo que Oiyá também favorece a gestação, só que de crianças com deficiência, mas este é outro assunto.

Décima Terceira Porta – Òtúrá Mèji

Representa o pleno poder sobre a matéria, a força mágica.

Bata com cuidado e muito respeito. Neste quarto reside um gigante chamado Òtúrá Mèji que costuma comunicar-se de forma íntima e constante com a energia da criação. Aprenda então como nasceu a raça humana. O domínio do homem sobre todos os animais e como é possível separar as cores. Domine os mistérios de dissociar os átomos, adquirindo assim pleno poder sobre a matéria. Aprenda também a utilizar a força mágica que existe nos sons da fala humana, mas use esta força terrível com muita sabedoria.

É sabido que Obaluaiyè ou Omolú são Orixás da terra, detém o seu domínio. E particularmente para mim é um dos Orixás mais ricos que há, porque a terra tem o poder de não misturar sabores, as cores, os aromas; essas características podem até ser de domínio da ciência, mas eu particularmente não sei como isso se processa, sem levar em consideração que a terra tem o poder de neutralizar o odor que é exalado dos corpos de todos os seres vivos após a morte. Essa talvez seja a mais fascinante faceta do poder da terra, além de produzir a água, pedras preciosas, etc. Se fosse para eu descrever aqui tudo que a terra produz, certamente daria outra dissertação. Só por essa pequena amostra pode avaliar o quão poderoso é este Odú Òtúrá Mèji.

A décima quarta porta – Ìretè Mèji

Representa o poder dos segredos dos espíritos da Terra.

Já diante da décima quarta porta, irá se deparar com Ìretè Mèji, que nada mais é do que o próprio espírito de Ilè, a Terra. Faça com que desvende seus mais íntimos segredos, aguarde-o e preste-lhe permanente reverência e sacrifício. Saiba como ir e voltar do reino de Iku. Contate por seu intermédio os espíritos da terra, “Onilé” transformando-os em seus aliados. Aprenda com ele o poder da cura.

Na verdade, a terra é um elemento feminino, e que pertence as grandes mães ancestrais, por essa razão que todo ritual de maior importância que a gente vai fazer na minha casa, antes de qualquer procedimento, se sacrifica aves femininas como galinhas escuras e galinhas de angola, para Orixá Intôto, para que seja autorizado tudo o que se vai fazer em cima da terra.

Quanto ao processo de ir e voltar ao reino da morte, é um tema amplamente discutido pelos kardecistas; as obras de Chico Xavier são repletas de informações sobre esse processo: desde o momento que Iku leva a pessoa, como ela costuma chegar no plano espiritual, a sua permanência, e também todas as técnicas para o seu retorno à terra, como se dá o jogo de energias para aglutinar as células na formação do bolo de carne que é o embrião dentro do útero materno... É muito fascinante, vale a pena ser lido. O enunciado fala em reino de Iku, para mim é o reino da vida, porque entendo que a verdadeira vida é a espiritual. A que experimentamos aqui é transitória e passageira, tal qual um curso de pós-graduação na universidade, a gente entra e tem data para ir embora. Nós temos por hábito fazer festas para os que já partiram, porque temos a convicção de que a vida continua após a morte, enquanto para muita gente é um tabu falar desse assunto, não querem nem ouvir falar em morte. Entretanto, Ifá diz que “a morte é tão segura de sua vitória, que nos dá uma vida inteira de vantagem”. É fato!

A décima quinta porta – Òsé Mèji (pronuncia Oxê Mèji)

Representa os males físicos do ser humano.

Na décima quinta porta, será recepcionado por Òsé Mèji, (Lê se Oxé Mèjí), que irá te ensinar sobre a degeneração, decomposição, doenças, perdas e putrefação. Aprenda que é perdendo que se ganha, siga sempre pelo caminho mais modesto. Aprenda a sanar esses males e saia daí o mais depressa possível para não ser também vitimado por tanta negatividade.

Fascinante este Odú. Entendo que aqui é dado um recado clássico para os desavisados na jornada da vida, que acreditam ser imortais, desconsiderando o quão vulnerável é a vida no corpo, e que em fração de segundos podemos perdê-la, informando-os qual é o verdadeiro destino da sua vaidade, soberba, preconceitos e tantos outros defeitos de caráter. Não

podemos esquecer que tudo é Mèji, ou seja, tudo tem dois lados, tudo é positivo e negativo, tudo tem partida e contrapartida: uma hora a conta chega!

A décima sexta porta – Òfún Mèji.

Representa a união dos poderes dos outros 15 Odú Ifá.

Finalmente a décima sexta porta, o último dos obstáculos que te separam da sua desejada musa. Aí reside Òfún Mèji, o mais velho e terrível dos 16 guardiões, aquele que ressuscita os mortos, saúde-o com temor, dizendo “Epá Imólé”. Só assim poderá aplacar a sua ira. Contemple-o, mas não o encare, observe que ele não é como os outros que conheceu durante sua caminhada. Ele é a reunião de todos os demais que nele habitam e que nele se dissipam, somente de forma ilusória. Conhece-lo, é conhecer todos os segredos do Universo. Se for esta a sua busca, então você encontrou a “Sabedoria”, leve-a consigo até a eternidade. Asé. Asé, Asé”.

Esta “Sabedoria de Ifá” é uma forma de aquisição através dos saberes tradicionais que o povo Yorùbá professa. Cito Jean Allouch para corroborar a ideia de que há *várias formas de saber*.

“Estou querendo dizer que vocês reencontrarão nessas formas de saber, as questões, as interrogações, as exigências que, ao que me parece – considerando um olhar histórico de alguns milênios, pelo menos um ou dois –, são as questões bastante antigas e fundamentais da epiméleia heautou e, portanto, da espiritualidade como condição de acesso à verdade. O que ocorreu, evidentemente, é que nem uma nem outra dessas duas formas de saber encarou muito explicitamente – de maneira clara e corajosa – esse ponto de vista. Tentou-se mascarar essas condições de espiritualidade próprias essas formas de saber no interior de um certo número de formas sociais”. (Allouch, p.32, 2009).

Quero lembrar que 16 são os principais Odú de Ifá que, multiplicados por 16, se transformam no total de 256, de modo que temos outros 240 novos Odú, ou Odú secundários, não menos importantes. Multiplicados por 16 alcançamos outros 4.096 Odú, provavelmente não tão comuns quanto os 256 primeiros. O primeiro, **Èji Ogbe** é o mais importante e mais velho de todos, como aponta o texto citado acima, porque a partir dele se originam os demais. Os Odú são reconhecidos por símbolos que se recombina numa projeção de fator matemático. É sabido que cada Odú tem cerca de 600 versos cada um, compondo o corpo literário de Ifá, que ao final alcança a bagatela de não menos do que 153.600 (cento e cinquenta e três mil e seiscentos) versos, considerando apenas os 256 Odú. Sendo que a tradição é oral, baseada na língua Yorùbá, é muito difícil encontrar um sacerdote ou Bábálawò que saiba todos de cor, mas tem-se conhecimento de haver quem saiba recitar 80 mil versos. Porque os Yorùbá

acreditam que o nosso Orí é um hardware e software ilimitados, quanto mais conhecimento se armazena nele, mais ele expande.

Abaixo segue uma amostra dos 16 Odús principais, na seguinte sequência, conforme grau de importância:

Èji Ogbe – Òyèkú Mèji – Ìwori Mèji – Òdí Mèji – Irosún Mèji – Òwónrín Mèji – Obará Mèji – Òkánrán Mèji – Ogundá Mèji – Òsá Mèji – Ìká Mèji – Òtúúrúpon Mèji – Òtúrá Mèji – Ìretè Mèji – Òsé Mèji – Òfún Mèji. A denominação “Mèji” quer dizer o numeral 2, ou seja, o Odú tem dois lados apenas, positivo e negativo, e o povo yorùbá acredita que tudo na vida é binário. Assim também é o princípio da informática nos dias atuais, tudo inicia com zero (0) e termina no um (1), e daí por diante vai ao infinito.

Signo dos 16 Principais Awon Odù

Ejiogbe		Oyeku Mèji		Ìwori Mèji		Odi Mèji		Irosun Mèji		Onwonri Mèji		Obara Mèji		Okaran Mèji	
I	I	II	II	II	II	I	I	I	I	II	II	I	I	II	II
I	I	II	II	I	I	II	II	I	I	II	II	II	II	II	II
I	I	II	II	II	II	II	II	II	II	I	I	II	II	II	II
I	I	II	II	I	I	I	I	II	II	I	I	II	II	I	I

Ogundá Mèji		Osá Mèji		Ika Mèji		Òtúúrúpon Mèji		Òtúrá Mèji		Ìretè Mèji		Ose Mèji		Òfún Mèji	
I	I	II	II	II	II	II	II	I	I	I	I	I	I	II	II
I	I	I	I	I	I	II	II	II	II	I	I	II	II	I	I
I	I	I	I	II	II	I	I	I	I	II	II	I	I	II	II
II	II	I	I	II	II	II	II	I	I	I	I	II	II	I	I

Resumindo

Èji Ogbe – representa o perfeito alinhamento da cabeça e coração; representa a manifestação do destino pessoal.

Òyèkú Mèji – representa o fim dos ciclos. O fim dos ciclos traz uma benção de paz.

Ìworì Mèji – é a transformação através do desenvolvimento espiritual.

Òdí Mèji – representa o renascimento, a criação de algo novo desde a transformação do antigo.

Ìròsùn Mèji – é a benção da herança dos ancestrais, tal como expressa através da aptidão natural.

Òwónrín Mèji – é o princípio do caos ou perturbação aleatória como manifesto através de Exú em sua manifestação como trapaceiro.

Obará Mèji – é a transcendência do ego como representado através da história de Oba Ko.

Òkánrán Mèji – representa o início de novos ciclos, como resultado da transformação interna.

Ògúndá Mèji – é o processo de remoção dos obstáculos que bloqueiam a manifestação do destino pessoal.

Osa Mèji – é a mudança radical causada por forças da natureza.

Ìká Mèji – é a capacidade em axé como prelúdio para a manifestação do ofò eficaz ou o poder da palavra.

Òtúúrúpon Mèji – é a transformação ou a liberação de toxinas que ocorre como resultado da cura natural de doenças infecciosas.

Òtúra Mèji – é a visão mística, a capacidade dos Orí a experiência, conexo com a fonte.

Ìretè Mèji – é o princípio da determinação e será a manifestação do positivo.

Òsé Mèji – [lê –se Óxê] é a habilidade de projetar nossas orações para os imortais no Orún.

Òfún Mèji – a resposta dos imortais no Orún.

É através dos Odú que eu, Nilsia, e deveria ser para todos sacerdotes e sacerdotisas da cultura yorubá, nos pautamos para execução da consulta e solução das dificuldades apresentadas pelas pessoas que nos procuram. Entretanto, existem alguns sacerdotes no Brasil que não possuem muito conhecimento sobre Odú, quando então o seu oráculo já inicia falando através dos Orixás, mas eu particularmente acredito que assim a margem de erro é maior. Posso exemplificar com casos de pessoas com histórico de tratamentos psicanalíticos e psiquiátricos sem solução. Característica muito comum de quem pertence ao Orixá Oxum, ou o Odú Oseturá, tais como depressão, angústia, ansiedade, colite, câncer de mama, câncer útero, problemas de pele, tonteiras, aumento do abdômen como se estivessem grávidas de quatro meses. No entanto, nos casos de câncer essa informação também pode vir através de Efún e ou

Ejilá Sebora (pronuncia Xeborá). Já no caso de pessoas em dívida com Exú ou problemas com o Odú Òdí Mèji, costumam apresentar sintomas como dores na nuca e dor de cabeça sempre no olho e têmpora do lado direito, dificuldade de realizar seus projetos, a vida emaranhada, nunca são reconhecidos pelas suas qualidades esforços. Esse Odú também dá notícia de muita inveja e a energia do Orixá Exú navega com satisfação por este Odú, e por aí em diante.

CAPÍTULO IV

Não resta dúvida de que todos os procedimentos que são proferidos no culto à tradição yorùbá se revelam de forma muita mágica. Para nós ocidentais e de origem cristã é ainda mais. É tudo muito intrigante. A maioria de nós vai pela fé, outros porque já foram à procura de um sacerdote ou sacerdotisa e viram efetivamente grandes resultados, outros professam por amor mesmo aos orixás. Fato é que não encontramos claras explicações para compreender o porquê de tantos rituais mágicos e como é que os resultados positivos acontecem depois de efetivada a magia. Não compreendemos, mas podemos entender que é possível. Vejamos o diz Malinowski acerca da magia!

Podemos começar perguntando como os nativos imaginam que se originou sua magia. Mesmo os informantes mais inteligentes permaneceriam necessariamente calados se lhe fizéssemos perguntas do seguinte tipo: “onde foi criada a sua magia?”, “como você imagina que ela foi inventada?” Com tais perguntas não conseguiríamos nem sugerir uma resposta nem obter uma resposta deformada. Entretanto, existe uma resposta para essa pergunta, ou melhor, para sua correspondente mais geral. Ao examinar a mitologia de várias formas de magia, verificamos que em todas elas existem ideias, claramente expressas ou apenas implícitas, acerca do modo como a magia se tornou conhecida para o homem. À medida que registramos e comparamos essas idéias e atingimos uma generalização, é fácil perceber por que a nossa questão imaginária, apresentada aos nativos, teria que permanecer sem resposta. Pois, de acordo com a crença nativa, enraizada em todas as tradições e instituições, nunca se concebe a magia como tendo sido criada ou inventada. A magia foi transmitida como algo que sempre existiu. É concebida como um ingrediente intrínseco de tudo que afeta vitalmente o homem. As palavras com que o mago exerce o seu poder sobre uma coisa ou um processo são tidos como coexistente a essa coisa ou a esse processo. A fórmula mágica e seu objeto nasceram juntos. (Malinowisk, 2018, p. 523).

É exatamente com esse sentimento de encantamento, sem muito bem compreender, mas sabendo que entenderia tudo sobre essa magia, porque a magia está dentro de mim, ela já nasceu comigo, é que me embrenhei nessa experiência fantástica em busca do conhecimento sobre esse Oríxá Onipotente em terras yorùbá. O Orí!

A Pesquisa no Templo de Ifá

Em janeiro de 2019, embarcamos para Nigéria, eu e minha orientadora.²

Em Ilè Ifé o Rei disponibilizou para nós os dezesseis sacerdotes do templo de Ifá para nos atender em tudo que quiséssemos saber sobre Orí. O primeiro encontro com o Aragba (líder maior dos demais sacerdotes) foi no palácio. Ali acertamos os dias e horários que deveríamos nos encontrar.

Enfim chegou o dia do nosso encontro com os sacerdotes no Templo de Ifá, também conhecidos como Dezesseis Olodu Ifá. Eu havia preparado o dinheiro para os três primeiros, esclarecendo que na Nigéria você não consegue nada se não tiver dinheiro. Faz parte da cultura deles, é uma relação ainda muito desconhecida para nós. Eles aplicam dinheiro em tudo, se alguém canta ou dança muito bem, alguém aparece e vai colocando dinheiro no corpo da pessoa. O dinheiro vai caindo no chão e ninguém avança para subtraí-lo, a não ser alguém que esteja vinculado àquele cantor ou cantora ou grupo de bailarinos, mas o faz de forma serena e harmoniosa enquanto vai acompanhando o ritmo. O Ooni também, todas às vezes que aparece em público oferta dinheiro a todas as crianças que estão no seu entorno, evidentemente que as crianças e seus pais sabendo disso, sempre aparecem todas as vezes que o Ooni sai do seu palácio. Esse é um dado que merece um estudo, porém em outro momento. E chegando lá no templo, já estavam sentados oito sacerdotes. Fiquei preocupada em redistribuir o dinheiro. Por fim o Aragba me chamou a atenção, dizendo para deixar essa história de dinheiro, porque já estávamos atrasados, e que tinha mais de trinta Bábálawò dentro do templo para chegar. Então repeti a primeira pergunta feita no dia anterior, quando fomos apresentadas pelo Ooni ao supremo sacerdote, também conhecido como Aragba Agbaiyè (ou seja, Aragba de todos os Yorùbá).

No texto a seguir, as minhas perguntas e comentários estão escritas com a fonte Times New Roman, enquanto as respostas dos sacerdotes estão em Centaur.

Repetindo a primeira pergunta do dia anterior: *Existe diferença entre o crânio e o Ori?*

² Para detalhes das condições de pesquisa, ver o artigo que escrevemos juntas, intitulado “Ori, Ooni: etnografando o inusitado em Ile Ifé, Nigéria”. A ser publicado na *Aceno: Revista de Antropologia do Centro-Oeste* (v. 7, n. 13, 2020), dossiê “Experiências de campo e localizações etnográficas: a antropologia de brasileiros no estrangeiro e estrangeiros no Brasil”.

Sim, é sobre isso que eu estou falando, sobre o Orixá espírito; você pode alimentar o seu Orí porque ele é um espírito, é um Orixá, pode ofertar um sacrifício, você pode alimentar o Orixá do teu Orí, ou seja, o espírito do teu Orí. Temos: Orí Adê, que é a cabeça coroada, Orí Inú que é a parte psíquica invisível a olho nú e Orí Odê, que é a cabeça física, mas o povo da ciência diz que tem cinco sentidos, pois pode-se ter tato com a face. Os filhos do rei são chamados de Orí Adê mesmo que eles não venham a herdar a coroa. Orí Adê é o Orí que a pessoa deve procurar ser no mundo. O que era para ser daquela pessoa, destinado a ela, pode ser chamado de cabeça de destino.

Portanto, claro que existe diferença. Orí Odê é a caixa craneana. Orí Inú é o elemento psíquico, invisível a olho nú, é a centelha divina, e Orí Adê é aquela cabeça que é, foi, ou será coroada nessa vida. Essa não é para qualquer um.

Na resposta abaixo, o Bábálawò faz alusão ao momento de dar à luz; em um parto natural é a cabeça que vem primeiro. É também dito pelos Yorùbá que, entre gêmeos, aquele que nasce por último é o mais velho, porque ficou mais tempo dentro do útero, nem que esse tempo seja questão de minutos. O Bábálawò continuava falando:

Quando o Orí veio do céu para a terra, ele não tinha os membros, as duas mãos e as duas pernas, que são como irmãos para Orí. As pernas carregaram as mãos e o Orí para a terra. Na viagem, todos os Orixás se perderam. Quando chegaram a esse lugar (Ilè Ifé), não sabiam para onde seguir. As mãos tentaram, mas não conseguiram chegar a lugar nenhum. O mais novo deles, que é o Orí, pediu para liderar a viagem. Pediu para liderar os mais velhos. Eles não concordaram, porque achavam que ele era muito novo, mas eles não sabiam da sua importância. Até que, depois de algum tempo, aceitaram. Então, o Orí foi o primeiro, depois as mãos, depois as pernas, e são separados em três partes, cabeça, tronco e membros. Foi assim que vieram. Quando a mulher vai dar à luz, é Orí quem vem primeiro.

Quando qualquer coisa estiver dando errado na sua vida, pergunte ao seu Orí qual é o sacrifício que o seu Orí deseja. Orí Lagba bó, Lagba forisa sé lé – por isso tem esse provérbio – A cabeça para qual sacrificamos. Se você quiser dar comida aos Orixás, você pode dar. Sacrifique para todos primeiro, o Orí vem por último, porque quando der comida ao seu Orí, aquele dia não é bom abaixar a cabeça em hipótese alguma para ninguém, porque Orí é o mais importante, está acima de todos.

No nosso aniversário, nós devemos tomar Oborí.

Afé da ken ou afé da fá. Orí quer dizer Orí sá (pronuncia xá) Won da Orísada - é alguém especial que Orí fez. É aquele que foi produzido com esmero e requinte. É um avanço, uma promoção, como nós aqui, estamos reunidos para aprender a ter cargos mais altos, bons e melhores. Não há o que você faça que não envolva Orí. Obatalá se tornou Orixá por causa do seu Orí, Xangô se tornou Orixá por causa do seu Orí e todos os cultuaram e continuam cultuando. No princípio do mundo, quem o Orí apoiou se tornou Orixá. O Orí transforma em quem é.

O Ooni é o líder de todos os Orixás. Orúnmilá (o primeiro messias a pisar na face da Terra) é quem vai até Olódùmarè. O Ooni líder dos Orixás, quando se tornou Rei, ganhou poder sobre todos. Entre todas as pessoas que queiram ser rei, primeiro tem que ter o consentimento do seu Orí. Foi o Orí do Ooni quem escolheu isso para ele. Foi o Orí quem o designou para se tornar Rei.

Por esta fala, observamos que os Orixás têm sensações e emoções tal qual todos nós. Eles são humanizados, até mesmo para entender as nossas necessidades diárias.

O Orí é alimentado tal qual os demais Orixás. Perguntei aos sacerdotes que comidas podem ser ofertadas ao Orí.

Quando você está alimentando o seu Orí, pode dar, ovelha, pombo, coco, obí, orogbo, peixe vivo, frutas, galo, pato, galinha de angola, leite de cabra, vaca etc. Para fazer o Oborí, após o sacrifício, parte em 16 partes o animal sacrificado, distribui frio ou faça uma grande festa, melhor cozinhar, porque você não sabe quem vem. Comendo, o Orí da pessoa vai trabalhar para ela, mesmo sem a pessoa saber que aquela carne é de sacrifício, mas o Orí dela sabe. Preparar a comida e dar para Orí também, numa vasilha de louça, como se faz para Orixá. Quanto mais você der comida ao seu Orí, mais ele te abençoa. A vasilha onde se faz sacrifício para Orí se chama Ilè Orí. Ele gosta de apèrè, akará, ekurú, ataré, gim, recitar versos de Ifá, se não tiver gim pode dar cachaça ou qualquer destilado e até a cana. Orí não tem nenhum tabu. O único tabu é o dia em que você der comida ao Orí, ou seja, Oborí, nesse dia, você não pode abaixar a cabeça para ninguém. Se você tiver que abaixar, faça outro Oborí. Outra coisa, nesse dia você não deve sair de casa à noite.

Disse-me o Bábálawò sobre a minha função de sacerdotisa:

Quem vier procurar você, debes ajudar, independentemente da religião. Não podemos deixá-lo ir sem orientação. Se o Orí dele ou dela os apoiam, o recurso vai chegar, mesmo se a pessoa não veio para tratar disso. E depois de uma conversa informal, se você perceber que

ela está sofrendo, você deve esclarece-la dizendo que é problema de Orí, e trazer à luz a solução de sua dificuldade. Deves trazer o conhecimento. O Orí da pessoa, mesmo sendo cristã ou de outras religiões, é quem traz pessoa a nós. Não deves esperar que elas venham para você, mas permita que elas saibam o que você tem de conhecimento sobre a dificuldade que elas enfrentam. Você tem que pregar o conhecimento para eles.

Este último parágrafo foi ditado porque eu indaguei qual era razão de haver um caso ou outro em que eu faço tudo direitinho, conforme a orientação do oráculo, e não vejo resposta positiva ou a resposta esperada daquela pessoa. Sendo que a minha mão é excelente para tantas outras pessoas, e aquela pessoa específica não apresenta melhora, prosperidade, sucesso ou desenvolvimento esperado. Continua com a vida emaranhada, continua passando grandes dificuldades e isso me constrangia muito, pelo fato de a pessoa ter gasto o seu dinheiro para tal.

Esses encontros acontecem de forma natural. Sempre começa com uma conversa informal, no metrô, na fila do banco, no salão de beleza, no ponto de ônibus, numa viagem - enfim em qualquer lugar. Parece que somos para-raios, sempre atraímos pessoas com problemas. Mas a verdade é que o Orí dela sabe que nós temos a solução para as suas angustias. Não importa por qual viatura que a pessoa chega, se é a viatura do desemprego, a viatura da doença, se é viatura da falta de amor, se é a viatura da infelicidade, da perturbação, da perseguição no trabalho, se é a viatura da inveja, que a pessoa chega até nós, ah! isso chega, não há dúvida! Não tarda muito começa a sessão de terapia, elas querem falar, e falam. Com a experiência de hoje não me deixo levar, entro no discurso se eu quiser, mas antigamente eu dava uma verdadeira aula, fosse onde fosse. Eu falava e falava muito, ainda falo muito, mas agora somente falo no dia em que estou disposta. E à medida que o tempo foi passando, a maturidade chegando, o conhecimento se transformando em sabedoria, a tendência é ficar cada vez mais calada só para ter paz. Assim que a pessoa se aproxima, ela começa a despejar as suas angústias, às vezes penso que deveria ter feito psicologia, seria melhor, porque o psicólogo recebe para isso, sem nada dizer. No caso de ser de Orixá é diferente. As pessoas falam e pagam por isso e depositam no sacerdote a obrigação de resolver os seus problemas e se sentem desobrigados a qualquer outro sacrifício. Quando na maioria dos casos o assunto é de profundidade e não de periferia. Pode ser devido ao seu caráter, ao seu comportamento, complexos cognitivos, psicoses, carências de toda sorte, falta de formação profissional, traumas, processos cármicos, deficiências físicas, enfim, o povo acha que Orixá resolve tudo, quando não é bem assim. Às vezes o Orí é ruim mesmo! Não responde a nada que é ofertado.

Nesses casos é preciso ver o caráter, vícios, dificuldade de perdoar etc. É muito difícil ser sacerdotisa de Orixá! Como disse o sacerdote,

Quanto ao problema de o Orí da pessoa não aceitar tudo o que é feito, o problema não é da sua mão, da mão do Babalorixá ou da Iyalorisá. Pode acontecer que a má conduta, o mau pensamento diuturnamente daquela pessoa não a favoreça, e com isso o Orí da pessoa não a abençoa. Mas isso é um caso em cem.

Qual a importância de Orí para o povo Yorùbá?

Como já foi dito, você já viu alguém que sofre um acidente e perde a cabeça sobreviver? Claro que não, isso é impossível a qualquer um de nós indistintamente, mas é possível viver sem pernas, sem olhos, sem braços, viver com apenas um rim, um pulmão, mas sem a cabeça é impensável.

Quanto ao Orí Inu, nós yorùbá dizemos: não estraguem meu Orí. Ele tem que estar de acordo com o Orí Odê. Orí Odê é o mesmo que Orí Itáori, a cabeça externa visível, ou seja, o crânio.

Orí Inu mi mabá ode je – Meu Orí não estrague o meu destino ou minha boa sorte. Como pode o Orí Inu estragar o destino? Por exemplo, através da ira, mau comportamento, a roupa, excesso de álcool, drogas ilícitas, etc. Ifá é o oráculo que fala de Orí, e o Bábálawò vai encontrar qual é o tipo de Orí que a pessoa tem.

É da natureza do ser humano resistir a tudo aquilo que desconhece, por medo do desconhecido, mas nem sempre isso é positivo. Penso que quando algo novo nos é apresentado, antes de qualquer decisão devemos passar pelo crivo da razão ou seja, indagar: isso tem lógica? Isso é útil? Isso é bom? Com esse cuidado, dificilmente erramos. É preciso estar atento aquilo que nos chega.

Não restam dúvidas de que todas as respostas obtidas provocam uma infinidade de pensamentos acerca da complexidade da existência humana. O quanto ainda nos falta de conhecimento para compreendê-la...

Esse conhecimento refinado sobre Orí ainda não chegou a todas as casas de axé daqui do Brasil. Porque há zeladores daqui que impõe aos seus seguidores o ritual de bater cabeça para eles, talvez como sinal de respeito ou submissão, sei lá. Eu particularmente explico aos meus

seguidores que quando você põe o Orí no chão não é para mim e sim para os seus ancestrais que pisam ou pisaram a Terra. A esse ponto é simples e fácil entender o porquê de a pessoa não bater a cabeça quando recebe o Oborí, porque essa é uma prática que é feita antes de realizar o Oborí. Recebida a terapia, a pessoa se deita e vai descansar.

Para materialistas e racionalistas deve ser muito difícil entender o Orí como noção de destino: aquilo que estava previsto acontecer e também pode deixar de acontecer conforme a trajetória da pessoa. Fato é que o oráculo pode te informar de acontecimentos futuros, mas não pode garantir que eles se efetivarão. Vai depender de uma série de ocorrências durante a trajetória da vida, tais como caráter, conduta, ingerências de terceiros etc. Você pode tranquilamente desviar ou retardar um acontecimento previsto, mas pode reencontrá-lo mais adiante e também pode perdê-lo de vez.

Aqui no Brasil perdeu-se a prática de alimentar o Orí e os demais Orixás todas as semanas durante todo o ano. Está voltando agora com a introdução do culto a Ifá. A cada cinco dias propiciamos Ifá e Orí. Orixá Ajê, a cada oito dias. Egbè Orún a cada nove dias e assim por diante, conforme a especificidade. Eu venho de casas em que o iniciado fica um ano inteiro sem propiciar o seu Orixá, ou até mais. Passa-se o ano inteiro sem propiciar o seu Orí, mas querem que a sua vida flua com facilidades. Eu costumo mandar alguns informes para minha comunidade Aterosun dizendo: quantas vezes você já alimentou o teu Orí este ano? O silêncio costumo receber como resposta. Não compreendem, é como se falasse uma língua estranha para uma criança, ela te olha e nada mais. Na verdade, pensam que é gastar dinheiro desnecessariamente.

Difícilmente o Orí deixa de aceitar a oferenda, mas responder aos pedidos a ele feito vai depender do bom caráter. Se o bom caráter não estiver alinhado com a sua conduta, dificilmente o devoto vai alcançar todos os intentos. A contrapartida também é verdadeira. Se está tudo alinhado e só falta propiciar o Orí, uma vez propiciado, a pessoa não precisa se preocupar, porque tudo chegará rapidamente e de forma natural, sem esforço. Tenho visto isso na prática diuturnamente. Normalmente as pessoas não querem melhorar o caráter, nem o comportamento e depois saem da casa de axé falando mal do zelador. Aqui no Brasil isso é normal. Enquanto aqueles que já praticam o *Iwapelè* (bom caráter) depois de alimentar o seu Orí recebem dele todas as bemaventuranças, é só alegria! Não só por uns dias. Um Orí bem propiciado trabalha para o seu devoto até dois anos consecutivos. Porém eu penso que não devemos somente exigir do Orí bons resultados, devemos propiciá-lo no mínimo duas vezes

ao ano com uma outra pessoa idônea para isso. Mas você deve ter o cuidado de escolher bem a pessoa para realizar o seu Oborí. Quem estiver com a vida harmonizada, próspera, equilibrada, saudável e que tenha bom caráter. Porque não podemos esquecer que cada um só dá o que tem, a mais não é obrigado. Isso tem que ser avaliado muito bem em todo tratamento espiritual, mas principalmente no trato com o Orí. Porque a pessoa vai colher o axé de quem está cuidando do seu Orí na hora do Oborí. Quanto a isso não há sombra de dúvidas!

O verso que vem abaixo está falando do dia em que você morre e vai para o plano espiritual e toma conhecimento da programação para o seu retorno para a Terra, ou seja, o seu renascimento. É a famosa história das três categorias de Orí: San ku, Lemerê e Afunwapê.

História de Ifá, do Odú Ogbegundá, sobre Orí.

Os três Orí saíram da Terra, San ku, Lemerê e Afunwapê e foram para o céu³ para escolher o seu novo destino. E nesse céu eles tinham que consultar Orúnmilá. E tinham que consultar Orúnmilá para saber qual o lugar que deveriam renascer e o que tinham que fazer para obter de Olódumarè um bom destino. Orúnmilá disse que cada um tinha que fazer um sacrifício. Mas, dos três, somente Afunwapê, que era o mais novo, fez corretamente o sacrifício. Na verdade, somente ele obedeceu a orientação recebida de Orúnmilá. Quando chegaram diante do segurança do céu, o guarda perguntou: “o que vocês vieram fazer?” Essa é uma história em que Ifá diz que não se pode ser pão duro, não se pode ser sovina. Os outros dois amigos de Afunwapê não quiseram gastar dinheiro com ebó. Se a pessoa for sovina, a sua cabeça pode ser obstáculo para si mesmo, então pode afetar a boa fortuna. Resumindo: quem não é generoso, também não pode receber generosidade das divindades. (Ou seja, quem não faz graça, não recebe graça!).

Por algum tempo, depois de ser inciada para orixá, passei por experiências de estudos, pesquisas e prática dentro da doutrina espírita, por necessidade mesmo, e diante dessa experiência hoje eu tenho a possibilidade de fazer um diálogo entre o Kardecismo e o culto a Ifá e Orí. Mas voltarei a esse assunto nas considerações finais.

Essa expressão “saiu da Terra”, quer dizer faleceram, encerram um ciclo aqui na Terra.

Ao retornarem para o plano espiritual, depois de passar algum tempo por lá, vão programar o seu retorno à Terra, através da reencarnação. A obra de André Luiz, um dos amigos

³ Ou seja, tinham morrido, desencarnados.

espirituais de Chico Xavier, fala em “Ministério da Reencarnação”, ou seja, o local no plano espiritual onde todos nós passamos para tratar da nova oportunidade aqui na Terra: em que país vai nascer, em qual família estará vinculado, qual tipo de profissão terá, com quais pessoas iremos casar e assim por diante. Isso é claro para um espírito em condições normais de evolução, mas não se aplica a espíritos muito comprometidos com as trevas. Esse vem por um regime de compulsória, simplesmente desembarcam aqui, mas na maioria das vezes não sabem de que lado estão virados. Ou seja, ou você tem direito ao uso do livre arbítrio ou não tem direito ao livre arbítrio.

(Continuação, da fala do Bábálawò) Akologbon é um outro nome de Orúnmilá. Se a pessoa for assustada, tiver pânico, isso é ruim para o Orí. Se você pensa que você sabe tudo, que você é sábio, o Orí é contra você. Não podemos ser arrogantes. Ajamalon, também conhecido por Ajalá, é a divindade do Orum que molda a cabeça. Quando os três chegaram no compound onde vivia Ajalá, ele disse para os três pegarem algumas cabeças. Mas que primeiro as testassem, batendo para ouvir o som que emitiam. E que não escolhessem as cabeças que tivessem o som oco e nem aquelas que estivessem com eco, com o som de pompom e nem puépué. Puépué é aquele Orí que é feito de barro com cinza, é maleável, e pompom é aquele Orí fabricado com barro e areia. Aquele que tem o som como alarme de relógio, triimm são de ferro: essa cabeça é para pegar. Aquelas que tem o som de puépué são Orí lindos, as que tem o som de trim não são bonitos, são feios, “ugly”. Orí Lemerê, filho de Ogun, pegou o que fez o som de pompom. Orí San ku pegou o que fez o som de puépué. E Afunwapê pegou o que fez o som do relógio, trim, trim, trim. Então, Exú Oko apareceu para mostrar o seu poder e disse para si mesmo: “quando eles voltarem para a Terra, pode ser que não saibam, mas fizeram uma ofensa, porque Orúnmilá tinha dito para fazer sacrifício.” Quando eles estavam descendo para a Terra, chegaram a uma encruzilhada e lá estava Exú. O Exú está sempre com o kondò, a arma que ele usa jogada nas costas, no ombro. Daí ele levantou a sua arma para frente. Bastou levantar seu kondò que o Orí de Lemerê despedaçou e espalhou, explodiu. Quando o Exú levanta o seu Opá e começa a chover, o Orí de San ku derreteu, porque era de cinza. Orúnmilá, que não tem ossos no corpo, usa a força e o poder de Exú para fazer as coisas, e as que ele não pode fazer, ele manda. Afunwapê foi o único que foi cantando. Cantou uma canção feliz, dançando e louvando o Bábálawò de Ifá, e louvou todos os Irunmolé (ou seja, os Orixás mais velhos) através do Odú Ogbeionu (ou Ogbegundá). Afunwapê disse, “agora eu sei onde as pessoas vão pegar a boa sorte e o bom destino”. Dos três Orí escolhidos, só ficou o de Afunwapê

porque era de ferro. O sacrifício fez com que ele escolhesse o bom Orí. Então ele fez etutu e ibori (etutu é ebó de agradecimento).

Nesse interim, o Aragba pediu a palavra e disse para os demais Bábálawò (s), que eles aguardassem as perguntas e daí inserissem o seu próprio conhecimento, respondendo exatamente o que sabiam. E era para dizer tudo francamente. Fez isso porque tinha momentos em que eles se entusiasmavam no discurso dos seus saberes e falavam todos ao mesmo tempo. Imaginem dezesseis omoawò (filho do segredo) falando ao mesmo tempo. Para mim era tudo fantástico, porque aquela oportunidade dava a eles a possibilidade de recordarem em grupo os seus aprendizados guardados ao longo de suas vidas. E eles falavam com empolgação. Era uma grande alegria para todos!

Em outra versão sobre a vinda de Orí e dos Irunmole para a Terra, os Bábálawò disseram:

Olódumarè criou Orí sozinho, sem companhia, porque não tinha mãos, não tinha pernas, não tinha pescoço. Quando Orí percebeu que estava sozinho, que não tinha como se apoiar, implorou a Olódumarè para ter um suporte. Primeiro veio o cabelo (iron), olho, orelha, nariz, língua e os cinco órgãos dos sentidos. Orí passou a ter companhia. Tudo isso aconteceu no céu. Quando estava vindo para a Terra com os Irunmolé, eles entraram em conflito. Não queriam que Orí fosse o seu líder porque era muito novo. Aí ele disse, “posso vir mesmo, eu vou mostrar para vocês”. Então Orí plantou o desentendimento entre eles e, brigando, jogou alguns para o meio do mato. Foi aí que os Orixás aceitaram o Orí como líder. Orí criou o Orí de cada um dos Orixás.

Um Provérbio Yorùbá diz: “Orí, leva os Orixás para onde eles estão indo agora”.

Orí Inu e Orí Itá são diferentes. “Orí Inu nós fazemos sacrifícios para você, por favor não destrua nosso Orí físico”. Orí Odê é a cabeça física do povo yorùbá de Ilè Ifé. E Orí Itá é a cabeça física do povo yorùbá em geral. Orí Inú também é reconhecido como o criador da pessoa. A cabeça física é só carcaça, sem o Inú, o de dentro, a de fora não é nada.

Até que ponto o Orí Inú é capaz de afetar o Orí Odê (ou Itá)?

Nessa hora o Aragba disse para os demais Bábálawò: não façam brincadeira com as respostas, porque tudo está sendo gravado, e o Ooni vai saber; depois de acabar o trabalho, podem brincar. E continuou com a resposta à pergunta feita.

Quando a gente fala de Orí Inu, estamos falando de algo atrás da cabeça física, algo espiritual, invisível, algo particular, privado.

Qual a relação de Orí Inu e Orí Adê?

Sem Orí Inu, não há nada chamado Orí Odê. Nessa hora, o Bábálawò me perguntou se quando eu faço o iborí eu estou fazendo para qual Orí? Inu, Adê ou Odê? Estou apenas reforçando, diz ele. Quando falo de Orí Inu, falo de algo interno. Sem Orí Inu não há nada chamado Orí Adê ou Orí Odê. O Orí Inu é que porta fortuna. Entretanto, é o apoio do Orí Inu que faz você ser Orí Adê - ter boa fortuna. Conclusão, não é todo mundo que tem Orí Adê; para tê-lo é necessário o suporte do Orí Inu. Qualquer cabeça que está destinada a ser coroada já vem com um sino dourado.

Provérbio: *A cabeça que será coroada vem do sino dourado.* Isso quer dizer que todas as pessoas que foram ou serão coroadas nesta vida, têm um Orí Afunwapê, ou seja, tem um bom Orí, fizeram uma boa escolha.

Agôgô Idé [é o pescoço], é ligado ao Orí Inu, que trabalha com Orí Odê para suporte, para fazer o Orí Adê se realizar, ou seja, ser coroado. Quem é destinado a ser rei, certamente vai ser rei. Quem tem o destino de ser coroado, certamente será coroado. Pode ter problemas no caminho, mas ao final será coroado. Orí Inu e Orí Odê trabalham juntos, nenhum deve ser destruído. Orí Adê é consequência do Orí Inu e Orí Odê. A composição dos três Orí compõe a pessoa. Orí Adê não é para qualquer um, não é algo para todos. Se o Orí Inu for estragado, o Orí Odê vai ser estragado, vai ser afetado e vice e versa. O excesso de álcool ou drogas afeta esses dois Orí (s).

Insanidade, loucura, até o que você come pode estragar o Orí. Todos têm que estar bem.

Nenhum pode ser afetado.

Ou seja, devemos ofertar o que há de melhor e de maior ao nosso Orí sempre. Porque ele irá nos responder também com o que há de melhor na vida, nos proporcionando grandes surpresas. Para tanto é preciso ter olhos para enxergar e olhos para ver, e ter ouvidos para escutar e ouvidos para ouvir. Digo isso porque estou habituada a lidar com todo tipo de pessoa, que cuidam do seu Orí e não prestam atenção nos acontecimentos posteriores. Não prestam atenção porque quando estamos bem, nós não sentimos. Mas quando estamos mal, isso sim nós sentimos. E a maioria delas só me procura depois de dois ou três anos, quando já

está mal. Mas isso é coisa de ocidental mesmo, não ter cuidado de si e para consigo. Deixam o combustível acabar até o limite de ficar batendo osso com osso, ou como um motor sem óleo que bate ferro com ferro. Nessa ocasião, eu as conduzo até o momento em que foi propiciado o seu último Oborí, fazendo um levantamento do que aconteceu e o que deixou de acontecer de bom após ter efetuado o Oborí. Daí é que vão lembrar de todo progresso que obtiveram, e vão recordar também tudo de bom que aconteceu. Daí por diante o sermão que eu ofertar será gratuito, é claro!

Por que você deixou chegar a esse ponto? Por que você não foi mais cuidadoso com seu destino? Por que você não propiciou seu Orí mais vezes?

Na maioria das vezes, a resposta é que as pessoas não querem é gastar dinheiro com “essas coisas”. Mas quando voltam, fica mais caro do que o desejado, porque na maioria das vezes o prejuízo já está estabelecido. Ao contrário de tomar um Oborí somente com ervas frescas, o Orí vai pedir um pombo, ou uma galinha de angola, ou cabrito ou uma ovelha etc. Conforme a sua especificidade. Porque a menor coisa que Orí come é Obí e pode chegar a um boi, depende da sua necessidade. Agora, explicar isso para um brasileiro é que é bastante difícil, porque não compreende. E o pior que é sempre a mesma coisa, a reincidência é fava contada, não aprendem por nada desse mundo. Para aqueles que me acompanham, devem lembrar que eu tinha por hábito advertir periodicamente quanto ao cuidado e o respeito para com o seu Orí. Assim foi por anos seguidos. Hoje eu já não digo mais nada, só observo o andar da carruagem de cada qual. Enquanto isso, eu vou propiciando o meu Orí no mínimo duas vezes ao ano com um Bábálawò de minha confiança, sem considerar que eu mesma faço todos os meses, e quando sinto necessidade: propicio o meu Orí a cada cinco dias, assim como faço com o meu Ifá.

O Orí que está falando é aquele que você pode ver. Não se vê o próprio Orí, mas o Orí dos outros. Só Ifá sabe muito sobre a cabeça interna das pessoas. Se você quer saber sobre o seu Orí, não se faz essa pergunta com pouca nota (dinheiro). O Odú Ogbeionu ou Ogundá Mèji diz que não se dá um obí para Orí, mas uma cesta de obí a Orí.

Em todo ebó, consulta, ou oração, o dinheiro é usado como parte do ritual. A reza é feita com a boca próxima às notas, como um veículo de comunicação do pedido. Isso faz parte da cultura daquele povo. Tudo envolve dinheiro. Quando você vai fazer uma consulta com um Bábálawò, ele fica aguardando você colocar o dinheiro diante dele, só assim ele começa a consulta. Nem sempre o dinheiro apresentado nesse momento representa o valor real da

consulta, pode ser um valor simbólico, mas tem que ter o dinheiro. Na hora de rezar para o teu Orí não é diferente. O brasileiro tem por hábito pagar depois da consulta, pagar depois da mercadoria em sua mão. Isso está mudando aos poucos, já tem alguns lugares que exige que você passe no caixa primeiro. Pague primeiro e receba o produto depois. Por isso não se faz ebó com cartão de crédito, nem cheque. O dinheiro é parte do sacrifício.

Sobre a diferença entre o crânio e o Orí

Este mesmo Odú citado anteriormente, Ogunda Meji, também fala sobre Orí San ku, Orí lemerê e Afunwapê. Orí San ku é filho de Ogun. Orí Lemerê é filho de Ijá e Afunwapê é filho de Orúnmilá.

Orúnmilá foi o primeiro Messias a pisar na Terra. Foi quem trouxe o sistema oracular ou o modo de consultar Ifá e as divindades pela primeira vez, que consiste em dezesseis Odú mais importantes, e que multiplicado por dezesseis, se transformam em duzentos e cinquenta e seis principais Odú.

Quanto ao dinheiro, é isso, as pessoas que não são de axé, costumam não entender de chofre porque tem que comprar elementos materiais para tratar de questões espirituais. Não compreendem. Mas, para isso, vou descrever abaixo um exemplo fantástico que inclusive serviu para me elucidar alguns anos atrás, quando também era visitada pelos mesmos conflitos quanto à religião dos Orixás. Depois de anos de buscas, sem respostas, encontrei um livro do filósofo e teólogo norte americano Huberto Rohden, que descreve uma fala do aposto Paulo.

Existem em nossos dias certos cristãos que não admitem que obras de caráter espiritual apelem para recursos materiais. Os adeptos dessa “pura espiritualidade” não podem invocar como patrono a São Paulo, que sabia perfeitamente que o reino do Cristo, embora não seja deste mundo, está neste mundo e não pode prescindir dos honestos expedientes da prudência humana. Certamente, seria mais belo e distinto viver da “pura espiritualidade”; entretanto, para maior humilhação nossa, na condição presente, a nossa vida intelectual, científica, artística e até espiritual é impossível sem o apelo para primitivas materialidades (Rohden Huberto, 1996: 102).

Parece-me que o texto acima esclarece bem quando diz que a pessoa não deve se inquietar com os gastos para fazer ebó para propiciar o seu Orí ou qualquer outra divindade. Resumi o escrito anterior. Quem não é generoso...

Outra coisa que gostaria de comentar sobre o fato de os três amigos terem recebido orientação de Ajalá quanto às qualidades de Orí, mas dois deles, ainda que orientados, decidiram escolher o Orí que determinava um mau destino. É o que eu mais vejo acontecer. A gente fala, orienta, repete sobre o que é necessário fazer para encontrar soluções, mas é em vão. Hoje em dia, com as redes sociais, fica ainda mais fácil disseminar conhecimento, porque se pode falar

para muitos ao mesmo tempo, mas mesmo assim as pessoas fazem tudo ao contrário, parecem não entender, ou não querem entender, porque são teimosos, insistentes no erro, negligentes, indolentes, irresponsáveis para com o seu próprio destino. E quando dá tudo errado, lá vem a pessoa à procura de solução dos seus problemas. Quando as pessoas que foram orientadas retornam do ponto que desvirtuaram, eu as faço lembrar que não sou tenda dos milagres, e que na maioria dos casos a sua infelicidade é de total responsabilidade deles próprios. E assim me sinto aliviada e desobrigada de ter que dar conta da vida da pessoa. Porque há uma coisa que os ocidentais não querem entender, que o trato para com os Orixás não é uma banca de feira onde se paga e se leva. O Orixá não é obrigado a nada, ainda mais quando não encontra ressonância moral no seu devoto. É por essas e outras razões que eu alimento uma devoção inconteste ao Orixá Ogún, porque com ele não tem essa graça. Tropeçou? Levou. Não teve comportamento não? Vai ter que se ver consigo mesmo. Ele é o único Orixá que não nos dá chance de arrependimento. Para mim, ele é o Orixá do sim, sim, não, não. E gosto disso!

Nesse ponto devemos entender o seguinte, de acordo com o Odú Otrurukponká, Ifá diz que nós não devemos reclamar ou lamentar do lugar em que vivemos, porque foi o nosso Orí quem nos colocou nesse lugar, porque entendeu que era o melhor para cada um de nós. Com esse olhar, também devemos aprender a sermos gratos por tudo o que a vida nos tem proporcionado, tudo de bom e de pior. Se o lugar em que estamos vivendo está muito ruim, primeiramente devemos procurar saber do nosso Orí o que é que acontece. Não haveria uma melhor forma de nos atender? Feita essa consulta, vamos executar o que foi orientado sem ter dó de gastar o que for necessário com o ebó. E simultaneamente, com esse mesmo cuidado, vamos observar e analisar, através de um inventário moral, qual tem sido o nosso caráter, o nosso comportamento, e ver se não está contribuindo para nossa infelicidade no lugar em que estamos situados. Porque o que prepondera para a efetivação do nosso bem-estar está justamente assentado no Iwapèlè (leia-se Iwapêlê), no bom caráter. Porque não adianta ter sorte. O que manda mesmo é o caráter.

Evidentemente que quando se faz um Oborí, se faz para o Orí Inu, para a essência do indivíduo. Porque o Orí Odê é tratado praticamente todos os dias na hora do banho.

Usamos bons shampoo, bons condicionadores, bons cabelereiros, bons barbeiros e tudo mais que a estética moderna é capaz de nos oferecer, e a cada dia se sofisticam ainda mais. Já existe estatística para informar os milhões que rendem a indústria de cosméticos para cuidar do Orí externo ou Orí Odê, onde estão os acompanhantes que são os olhos, os lábios, joias caras para ressaltar as orelhas que também compõe o Orí Odê, e etc.

Como consultar Ifá sobre o teu Orí?

Ifá a soro dayó, Elerin Ipin [tradução, o testemunho do existente e do preexistente] Atori enin ti o sun owon asé. Ifá quero saber sobre o meu Orí. Não é para falar alto, mas falar no dinheiro.

Orí é muito importante. Se você está destinado a ser rei ou a ser líder, você pode ter dificuldades no caminho, mas você será. Isso independe da cultura ou da sua religião. É desse Orí que estamos falando. Se você não der comida a ele de tempos em tempos, você pode perder muitas oportunidades na vida. Se você está competindo para ser um rei e não fizer sacrifícios, pode perder para quem fizer sacrifício e certamente ganhará. O conhecimento sobre Orí é muito amplo, tem uma extensão enorme, não dá para aprender em um dia.

Essa fala de que para dialogar com o seu Orí não é para rezar alto e sim no dinheiro, se deve ao fato, já mencionado, de que tudo nessa religião envolve pagamento. Então o dinheiro não é algo à parte, ele faz parte do sacrifício. Agora, aqui cabe uma pergunta. O que fazer com esse dinheiro utilizado para rezar? Normalmente não se deve colocar pouco dinheiro. Esse dinheiro deve ser doado a um mendigo na rua, porque é costume em Ilè Ifé que, quando você dá esmola, quem recebe fica parado diante de você, rezando por você e para seu Orí cerca de dois a três minutos ininterruptos. Depois disso é que seguem o seu caminho. Diferentemente daqui do Brasil, onde a pessoa apenas lhe diz Deus lhe pague. Assim sendo, de agora em diante, oriento as pessoas que cuidam de seu Orí comigo, para quando forem fazer isso, solicitem ao mendigo que faça uma oração para você diante da doação recebida.

Antes de terminar a entrevista do dia, o Aragba disse que qualquer coisa que eu quisesse saber, os Bábálawò teriam que atender. Eram as ordens do Ooni. Nesse dia retornamos para o palácio em estado de graça pela oportunidade ímpar que o meu Orí estava proporcionando. E toda essa fala do dia de hoje veio corroborar para o entendimento do porquê o meu Orí foi coroado no ano passado. Estava escrito! E assim nós encerramos o primeiro dia de entrevista no Templo de Ifá em Ilè Ifé.

De acordo com a filosofia yorùbá, tudo é possível de ser alcançado neste mundo se o que for desejado estiver alinhado com a sua boa conduta e o seu bom caráter. Assim sendo, a mudança no sentido de melhorar o comportamento acontece permanentemente.

Essa ideia também é encontrada no exercício espiritual no ocidente.

No encontro seguinte, apresentei aos sacerdotes sete perguntas para o debate da tarde.

1. *Já que nós escolhemos o nosso Orí, como é possível alguém escolher um mau Orí?*
2. *É possível uma pessoa vir do céu para a terra com um mau Orí e não encontrar uma solução para a sua má sorte?*
3. *O Odú Ogbeionu fala sobre isso. No entanto é possível uma mãe saber se a criança que ainda está no ventre porta ou não um bom Orí?*
4. *É possível que em um casamento o Orí de um dos cônjuges atrase a vida do outro?*
5. *É verdade que o último filho é sempre sem limite? Ou seja, absoluto? ABIKAIM.*
6. *É possível saber sobre a diversidade de Orí? Ou apenas se resume a bons e maus?*
7. *Como se dá o desenvolvimento do Orí nesta existência e nas subsequentes? É apenas através de sacrifício e comportamento? Nesse ponto o Orí de uma pessoa sofre influência da educação dos pais?*

8.

Os sacerdotes apreciaram as perguntas e repetiam que Orí é muito importante. Sem Orí o corpo não existe.

Quando Orí veio para a Terra ele não tinha companhia. Tinha os Orixás que não o reconheciam com o devido valor. Então ele voltou para Olódumarè para pedir companhia. Depois que ele cumpriu os sacrifícios solicitados, Olódumarè lhe concedeu todas as partes de que necessitava. Deu braços, pernas e corpo como companhia. Com essas partes, Olódumarè deu-lhe poder. Esse é um verso de Ifá.

Outro verso diz que ele veio do céu por último. Ele era o mais novo. As pernas e as mãos são chamadas de Irunmolé do Orí. Ele veio batendo nas pernas e nas mãos durante a viagem e eles se separaram. Onde a cabeça nos dirige nós vamos. Eles associaram as partes do corpo aos Orixás, e se separaram em cada cidade. Quando Orí chegou a um lugar, ali ele ficou famoso. As pessoas rezavam para ficarem como ele. Eles pediam a Olódumarè para serem famosos como Orí. (Estamos falando de três etapas e tem um Odú que fala delas). Orí chegou a um trecho do caminho em que a estrada estava bloqueada (estrada da vida), nada dava certo.

Existem diferentes Odú que falam de Orí: como ele veio do céu para terra, como vieram os Irunmolé, e como encontraram os problemas. A relação do Orí com o corpo está contada nessas histórias. As relações de Orí com os Irunmolé também estão contadas nas histórias. As relações do Orí com os problemas da vida estão contadas nas histórias!

Tudo que pode acontecer na vida já está descrito nessas histórias de Ifá, conhecidas como Itan.

A minha experiência diz que quando uma pessoa me procura para consultar o oráculo, e durante a consulta aparecem Odú ligados a Exú ou egungun, ou até mesmo na ausência de qualquer Odú, e se em algum momento aparece Orí, posso descartar toda e qualquer

possibilidade de outros caminhos. A falta de sorte ou o sofrimento que a pessoa vem experimentando é proveniente de Orí. Egungun, Exú, Egbé Orún, Orixás, não servem senão para a pessoa ter a quem culpar pelo seu infortúnio, porque quando o Orí está cansado, esgotado, sem condições de operar positivamente, ele trabalha contra a pessoa, promovendo a linguagem do infortúnio. E isso é grave, porque a pessoa não faz outra coisa senão apagar incêndio em sua vida, sem nada resolver. Penso igualmente que é aqui o ponto nevrálgico do povo de axé na diáspora. Porque se o sacerdote ou sacerdotisa não tiverem a expertise necessária, ele ou ela vai errar para com essa pessoa e é onde a pessoa gasta o seu dinheiro em vão e não logrará encontrar a solução necessária, resultando daí grandes decepções com a religião e podendo promover o êxodo para as religiões pentecostais.

Se nós escolhemos o nosso Orí, como é possível alguém decidir por escolher um mau Orí?

Tem um verso do Odú Ifá, Ogbeionu, que diz para a pessoa para quem o verso saiu, que quando ela veio do céu para a Terra, escolheu todo tipo de boa sorte. Respondendo a sua pergunta, o verso fala sobre a escolha dos bons e dos maus Orí, e de como as pessoas o escolhem. Para se ter um bom Orí é preciso fazer Etutu.⁴ Quando a gente dorme, nosso espírito nos deixa, vamos até o céu. Normalmente esse etutu é feito no plano espiritual. Quando o espírito volta para o corpo, nós acordamos. Nós temos duas vidas o tempo todo. O etutu é feito lá no céu. Iwa Pelè (Bom Caráter) = Toda Chuva = Humildade. Iwá Burukú = Caráter Arrogante, Ruim. Se algo for estragado, faz consulta a Ifá, faz ebó e tudo se corrige. Se tinha um mau destino, o destino se torna bom.

Não é tão simples assim, considero a resposta do sacerdote um pouco simplista, ou seja, por falta de recurso didático ou porque não desejou se delongar. Prefiro ficar com a segunda opção. Adoraria que tudo se resolvesse com ebó, a vida seria uma maravilha. Se você for uma pessoa que escolheu todo tipo de boa sorte, como de fato existem pessoas assim e eu conheço pessoas que pertencem a esse Odú, então temos que considerar que uma coisa é fazer “os planos de viagem”, outra coisa é quando navio zarpa rumo ao destino programado. Quem garante que essa pessoa não encontrará o mar revolto? Assim é no mar da vida. Uma vez aqui, são tantas as intempéries que nos visitam no dia a dia! Mesmo porque ninguém é criado e nem vive numa bolha. Todo tempo estamos sujeitos às ingerências dos que estão no nosso entorno, com ou sem com o nosso consentimento. Há também que considerar o livre arbítrio e o caráter, já que sabemos que o mal comportamento é capaz de afetar negativamente o seu destino, e não será ebó que irá resolver essa questão. Acredito mais na possibilidade de que a

⁴ Um presente de louvor, e não para tirar carregos.

má conduta da pessoa a leva a ser infeliz na hora de escolher seu novo Orí. Isso não é difícil de compreender. Quantas vezes as pessoas mais sensatas que conhecemos, se estiverem debaixo de um processo ou de um pensamento obsessivo por uma pequena razão qualquer, são incapazes de controlar a sua mente e, em meio ao turbilhão de pensamentos e sentimentos, tomam as piores decisões em suas vidas, decisões que são capazes de impactar uma vida inteira, sem volta! Assim, é possível que em um momento de tormento a pessoa faça escolhas infelizes. Mesmo porque a vibração da vida fora do corpo é muito diferente de quem está num corpo físico. Aqui as ondas são lentas e no plano espiritual a coisa se passa em ondas curtas. A velocidade do pensamento é muitas vezes maior, tudo se processa muito rápido.

É possível uma mãe grávida saber através do Opelè Ifá se a criança tem ou não um bom Orí?
 Não é possível. A única coisa que a mãe pode saber é se ela terá um bom parto. Quanto ao Orí é só quando nasce mesmo, daí faz Akosèdayè⁵, antes do batizado. Esse ritual fala não só do Orí como também do destino da criança.

Esse ritual é feito no dia que a criança nasce, com o sacrifício de uma cabra ou cabrito sobre a terra, e é enterrada a placenta do recém-nato. No meu Ilè Asé já tivemos a experiência de enfrentar dificuldades para pegar a placenta e sair com ela do hospital. Normalmente essa tratativa deve ser feita durante os exames de pré-natal com o médico da parturiente, explicando que é uma questão de princípios religiosos.

Observação. Quando uma pessoa tem um filho, a criança tem muitos nomes. Durante a vida, algumas pessoas já sabem se terão um bom Orí, por exemplo: o Ooni já sabia que um dia ele se tornaria rei. Antes da criança nascer, Orúnmilá já sabe quem será, porque ele é Elerin Ipin ou seja, testemunha do destino, testemunha do existente e do pré-existente. Antes de chegar à Terra nós atravessamos uma água chamada de Omi Auereli, que faz a gente esquecer tudo sobre a nossa vida no céu, até do que Olódùmarè nos deu. O Bàbálawò pode lembrar aquilo que foi esquecido, se consultado. Porque uma vez que se cruza a água, o Orí esquece.

Entendo que quando se fala da água do esquecimento, eles estão falando do líquido amniótico que está dentro do útero. E o processo de volta à Terra já começa a acontecer logo após a formação do embrião. Mesmo antes disso o espírito passa por um processo de encolhimento do seu perísprito, ou corpo espiritual, para que possa se acomodar e se adequar ao tamanho

⁵ Pronuncia-se Akoxêdaiê, um tipo de ebó.

do embrião, através de magnetismo. Em seguida, ele vai expandindo à medida que o feto vai se desenvolvendo. Nesse momento ele já passou pelo processo de esquecimento, nasce, desenvolve-se física, psíquica e espiritualmente. Uma vez na fase adulta, costuma recobrar até mesmo o timbre de voz que tinha na vida anterior, e não poucas vezes se lembra das várias experiências vividas anteriormente.

Tem significado o fato de uma criança nascer pelos pés, quando nós sabemos que o normal é o Orí nascer primeiro?

Resposta – É difícilimo o nascimento, a mãe pode morrer e a criança não se importa, eles não ligam para a família. Não é Abikú, aquele que nasce para morrer, ou aquele que nasce para fazer a mãe chorar. Há três tipos de crianças:

Age = aquela que os pés nascem primeiro.

Ojo = nasce com o cordão umbilical enrolado no pescoço.

Oke = nasce dentro de um saco, que não é a placenta.⁶

Aina [pronuncia-se Ainã] é um nome trazido do céu. É um nome muito forte e é ruim para a pessoa ficar sendo chamanda por esse nome. Se a pessoa ficar nervosa, tem que colocar dendê na boca para acalmar. Nos tempos antigos, só por chamar esse nome, alguma coisa de ruim já acontecia; mas agora que estamos no mundo civilizado, não tem mais problema falar esse nome.

É possível a pessoa vir do céu para a Terra, conhecer a religião tradicional e não melhorar seu Orí, apesar de fazer ebó para Exú, Orixá, Egun, Etutu etc. Ela está predestinada a viver com o destino ruim para sempre?

Resposta – É muito simples, é por causa do Orí que suas preces não foram atendidas. Pode ser que quando ela veio, o Orí não aceitou o sacrifício. Na encruzilhada entre o céu e a terra tem umas bruxas⁷ e pode ser que tomaram o bom destino da pessoa, mas com ebó e etutu é possível reverter.

Ebó Agba ati

Egbé.⁸ É preciso uma adivinhação qualificada para identificar esse problema,⁹ alguns voluntariamente dão para elas. Pode acontecer também que a pessoa que está fazendo o sacrifício esteja fazendo errado. Pode ser também que a pessoa abaixou a cabeça quando fez Oborí.

Segundo os Yorùbá existem algumas sociedades localizadas em planos diferentes entre o trajeto do céu até a terra, que o espírito deve atravessar até se vincular ao útero materno. Um desses planos é ocupado pelas senhoras, ou Iyami Oṣorongá. Outro plano é ocupado pelos

⁶ Penso que seja uma membrana.

⁷ Sabemos que é Iyami Osorongá.

⁸ Ebó para as bruxas e para a sociedade no céu. ⁹ Porque elas pegam de quem é fraco.

Àbíkú e etc. E no momento de atravessar, o espírito fica vulnerável ao ataque dessas entidades. Quanto à sociedade dos Àbíkú, pode acontecer de o espírito ficar retido ali e outro indivíduo passar a ocupar o seu lugar no colo materno. Conheço um caso desses, em que a criança Àbíkú foi iniciada por mim para o Orixá Omolú aos oito anos de idade e a sua mãe sempre me relatava que tinha certeza de que ela deveria ter tido gêmeas, porque ela sempre sonhava com a outra criança igual à sua filha, só que um pouco mais franzina, e ela tinha a sensação de que essa criança deveria nascer. Mas não aconteceu outra gravidez, mesmo porque essa criança, de quem cuidei, negava veementemente, não queria que a mãe engravidasse, e assim foi. Hoje essa jovem já deve estar com 20 anos de idade, ela é uma Ekeji de Oxún. Foi feita iniciação em tenra idade para que não morresse, ela é um Àbíkú de água.

Num casamento é possível o Orí de um dos dois atrapalhar o Orí do outro, mesmo que todos os dois tenham bom Orí?

Resposta – É melhor consultar Ifá antes de se casar. Tem influência sim. Quando acontecem problemas o tempo todo é melhor separar. Pode ser que os dois eram prósperos e quando se casam venha a pobreza. Se Ifá disser que é possível, daí faz ebó e corrige. Nos tempos passados, antes dos ingleses chegarem aqui, todos consultavam Ifá antes de fazer qualquer coisa. Se Ifá dizia que não, preferiam ficar sozinhos do que fazer um mau casamento. Se você se casa e não dá certo, você não tem ninguém a quem culpar, foi avisado.

Ifá é quem sabe se a cabeça é boa! Ifá Alori, en ti o Sun won se! Ele pode tornar boa a cabeça ruim. [nesse momento o Bábálawò recitou um verso de encantamento para transformar um Orí ruim em bom].

Orúnmilá é quem sabe o que o Orí de uma pessoa quer comer. O Orí difere de uma pessoa para outra. Irosún Aperè (= Irosn Mèjí), Irosún Osé, esses são os Odú que devem ser consultados sobre o casamento. Ifá é quem diz o que o Orí quer. É por isso que o chamam Orúnmilá de Elerin Ipin = o testemunho do destino, porque quando se escolhe o destino, ele está lá, então ele sabe. Não é possível falar de Orí sem falar de Orúnmilá.

A esse ponto voltou a história da briga no caminho do céu para a terra, quando Orí se tornou o Rei do corpo. Olódùmarè escolheu especificamente Orí como o seu favorito.

Outra Resposta – Sempre que um casal não vai ter futuro, melhor não continuar. É o oráculo é quem diz se a relação é boa ou má, se aquela união dá caminho ou não. Se a pessoa continuar, mesmo que o oráculo tenha dito que é ruim, não há a quem culpar, a pessoa é responsável.

Optei por inserir aqui um comentário a título de exemplificação para facilitar o entendimento. Porque observando um dos ensinamentos abaixo veremos que não existe um Bábálawò ou uma Iyalorisá sequer no mundo que não tenha um ou dois casos que seja um desafio para ele ou ela, e que não consiga solucionar. Tenho uma experiência dessa natureza.

Tenho feito de tudo para a pessoa e o Orí dela não respondia a contento, a pessoa sempre lamentando de sua má sorte na vida. Uma vez, uma das parceiras me disse: “a nossa vida sempre foi assim, sempre arrastando, nunca encontramos facilidade. Quando uma está empregada, a outra está sem emprego, e assim tem sido”. Mas me recorde que logo que essas pessoas começaram a frequentar o meu Ilè Asé, eu havia dito para elas que aquela união não dava caminho. Falei uma vez para uma delas, a segunda vez falei para essa uma, perante a sua mãe, por último falei para o casal, e disse mais, chamei as duas porque para a pessoa não basta falar e nem desenhar, tem que ser enfática, mostrando a gravidade, e além do mais tenho que ter testemunha do que falei. Foi o caos, choraram, mas seguiram como antes. Fizeram desentendidas. Depois de muitos anos, a luta continua. Uma delas, a mais inquieta, vivia me atormentando para dar uma solução. Então consultei o Opelé e o Odú que saiu falava exatamente disso, que essa união era uma catástrofe e cada qual deveria procurar outras parceiras e que ela estava sendo punida pelo Orixá Okô, que é um Orixá da fartura, e elas sempre vivendo na miséria, contrariando todo o meu axé que é de prosperidade e bem-aventurança. Com o passar dos anos, uma delas, não suportando a pressão, começou a atormentar não só o meu Orí, como os de duas outras Ekeji da casa, insistindo em buscar uma solução para sua vida, porque não acreditando no oráculo, achava que tinha de haver uma solução para o seu caso. Até o dia que eu disse o que escrevi acima para ela, e disse mais; o livre arbítrio de hoje é o determinismo de amanhã. Enfim, agora parece que o drama deve ser solucionado, porque uma das partes fez uma exigência tão absurda que não teve outra solução senão separar-se. O interessante nessa história é que, assim que se separou, a empresa onde uma delas trabalha deliberou fazer uma homenagem a ela, do nada, exaltando suas qualidades e lhe ofertando uma promoção não só de status como financeira também. Essa observação é para dizer que nem tudo é o Orí, porque tenho certeza de que as duas têm bom Orí, mas a teimosia ou o comportamento pode afetar o seu Orí ou o seu destino. Já estou quase terminando essa escrita e só sei que tudo continua como antes no quartel de Abrantes, e eu como boa zeladora estou aguardando o dia do retorno dos mesmos questionamentos, enfim paciência existe para ser experimentada, por enquanto estou flertando com a água gelada!

Estou pensando sobre o desafio dos pais de controlar diversos Orí no seio de uma família, sendo que pode haver naquele meio um Orí superior ao Orí dos pais. Isso é um desafio ou é tranquilo para vocês?

Resposta – Nos tempos antigos, os Bábálawò perguntavam a Ifá sobre o Orí e o futuro para toda criança nascida, e exigiam que todos estivessem lá, pais, mãe, avó, avô, e o Bábá diria qual seria o futuro da criança diante de todos. Hoje falam apenas na frente do pai, porque as mulheres não guardam segredo. Porque podem tratar mal quem tem um mal futuro e tratar bem aquele que tem um bom futuro. Quando o pai fica sabendo que um filho é melhor do que o outro vai tratar todos igualmente. Pode acontecer que um será rei. Se a mãe ficar contando para todo mundo, pode atrapalhar o destino da criança. O pai vai guardar segredo, o desafio é guardar segredo. Tem um Odú Ifá que diz “O silêncio nos ajuda a manter a nossa boa sorte”.

Este conselho está também na religião espírita: “Aprenda, então, a não falar excessivamente de si mesmo, nem comente a própria dor. Lamentação denota enfermidade mental e enfermidade de curso laborioso e tratamento difícil. É indispensável criar pensamentos novos e disciplinar os lábios”. (Luiz André –1984, P 43).

É verdade que o filho caçula é sempre uma pessoa sem limites?

Resposta - Abikaim é o nome do caçula. Akeju é uma criança mimada. O mais novo é o mais novo, é o herdeiro da mãe no sentido de dar favorecimentos. O Aragba anterior, que faleceu, teve setenta mulheres, todas moravam aqui ao lado do Templo de Ifá. Depois ele construiu em outro lugar para elas. [inclusive o atual Aragba é filho legítimo do ex-Aragba e tinha na sua equipe outros irmãos filhos de outras mães].

Na verdade, eu ouvi a expressão de que o caçula é sem limite pela primeira vez com meu Bábálorixa Elson Sena, e daí passei a observar que de fato os filhos caçulas são mesmo absolutos, fazem coisas que os demais jamais fariam, têm uma independência bem particular. Dos dez filhos que minha mãe deu à luz, somente eu tenho cargo de sacerdotisa, somente eu já era proprietária de imóvel aos quatorze anos de idade, somente eu transporte as barreiras do Brasil em direção a vários outros países, somente eu fiz viagens a África, somente eu me casei com um ariano, somente eu fui coroada etc. A vida foi me conduzindo. Sou efetivamente “absoluta” . Mas nada de ser mimada, de jeito nenhum, os preferidos de minha mãe eram os filhos homens, dois especificamente.

O livre arbítrio vem junto com o Orí Inu aqui na terra?

Resposta – Só o caranguejo é que anda para qualquer lado, porque ele não tem Orí Odê, somente tem Orí Inú, a cabeça interna. Entretanto, aqui estamos falando somente de humanos.

Não sei exatamente onde estava com a cabeça quando elaborei essa pergunta, porque é de uma ingenuidade ímpar. Ora, se na hora de escolher o Orí já sabemos em que família vamos nascer, qual país, até mesmo o nosso Odú já está conosco, como não ter consciência do livre arbítrio se o mesmo é quem decide qual Orí devemos escolher.

Peço desculpas por isso.

Existem outras qualidades de Orí além do bom e ruim?

Resposta – Orí Lemerè [pronuncia-se Lemerê] é o Orí de pessoas que não tem estabilidade em seu comportamento no dia a dia. Um dia está bem, no outro dia está deitado doente, é inconstante, ele é inconsistente, imprevisível. No entanto esse Orí pode ser corrigido. Lemerè são grupos espirituais. O Odú Ogbeionu ou Ogbegundá diz que Lemerè é muito poderoso e trabalha em grupos ou separados, alguns são bons para os pais. É uma categoria de Egbé Orún [Sociedade no Céu]. São mais poderosos do que as bruxas. Eles têm dia marcado para batizar-se, para casar-se, para graduar-se e para morrer. Mas não são Abikú.

Orí Sanku não. Esse é Abikú. Ou o Orí do Abikú, só morre. De repente, talvez, a mãe andou de meia noite até três da madrugada, ou andou entre uma hora da tarde e três da tarde, pois essa não é uma boa hora para a mulher grávida andar no sol, porque ela fica vulnerável a vários espíritos perversos [os ajogun].

Ajogun é entendido como espíritos de pessoas que não são do bem, neles também estão incluídos criminosos, pessoas que são assassinadas por muitos projéteis, facadas, enfim, coisas do gênero que estamos acostumados a ouvir falar nos noticiários policiais todos os dias. Uma vez mortos passam a ocupar lugares no plano espiritual com o objetivo de promover dificuldades às pessoas. Evans-Pritchard fala sobre esses espíritos de trevas a seguir:

“Cedo ou tarde um bruxo cai vítima de vingança, ou, se tiver sido esperto o bastante para escapar à retaliação, acaba por ser morto por outro bruxo ou por um feiticeiro. Caberia perguntar: a distinção entre bruxos, aboro mangu, e não-bruxos, amokundu, persiste além-túmulo? Nunca consegui obter uma afirmação espontânea sobre isso, mas, em resposta a questões dirigidas, obtive uma ou duas

vezes a informação de que, ao morrer, os bruxos se transformam em espíritos malignos (agirisa). Os agirisa, ao contrário, demonstram um ódio mortal pela humanidade. Assombram viajantes no mato e causam estados transitórios de dissociação mental”. (Evans-Pritchard, 2005: 46).

Acrescento ainda mais. Ou a mulher grávida andou por locais inapropriados, como por exemplo, instituto médico legal, cemitérios, participou de alguns rituais de magia, ambiente de maçonaria, etc.

O Orí de Afunwapè, o filho de Orúnmilá, [esse é o melhor Orí] come: peixe, ratos, vaca, pombo, obí, pato, galinha, galo, carneiro, rã, cabrito, cabra. Em sacrifício é claro. Tem um Provérbio que diz: Quando a cabeça do veado recusa obí, esse é o dia em que o elefante manda o caçador matá-lo.

Moral da história: O dia em que a cabeça do homem não aceitar obí, é o dia que ele está morto.

Obí é a menor coisa que o Orí come. Obí é pequeno para a vaca. A vaca é muito cara, e o dinheiro para comprar o obí é pouco. Mas o obí é a resposta para qualquer prece.

Foi recitado Ejiobará = Obará Mèji, que diz que o Orí pode nos levar para o caminho do sucesso.

Orí Lola mi. Obá ko ki laayan. É a cabeça que faz você prosperar e não o Rei. Essa foi a reza feita para Afunwapè, e o Oluwó do Odú Ifa é o Bàbá Kékèrè. Foi ele quem jogou para os 16 Odú Ifá e saiu Obará Mèji. Ifá foi ao palácio do Olofin e jogou para ele e saiu este sacrifício, e começou a fazer o sacrifício. É por isso que sai esse Itan, como a história é chamada. [Nesse momento foi recitada a história do melão para Obará Mèji].

Obará tinha outros cinco amigos, e iam para uma visita marcada com rei da cidade. Mas Obará não foi ao palácio com seus amigos naquele dia, ficou fazendo o sacrifício prescrito. O rei ofertou presentes em dinheiro e melões para os amigos de Obará Mèji por ocasião daquela visita, e tinha dito: Leve o dinheiro para Obará Mèji, já que ele não veio, e fiquem com os melões. Mas eles decidiram dividir o dinheiro entre si e levaram os melões para Obará, que era o único que não estava presente na casa do rei, por isso havia sido decidido que ele ganharia o dinheiro. Depois de cinco dias, Obará estava cheio de ouro, cheio de riquezas [encontradas dentro dos melões]!

Tinha um argumento entre os dezesseis Odú, que só o rei poderia tornar alguém rico. Mas Obará Mèji defende que só a cabeça da pessoa é que pode torna-la rica, não o rei. Foi assim que Obará Mèji se tornou rico, os outros perderam a chance de serem ricos porque os melões tinham sido dados para eles! O que ele quer dizer é que os Orí (s) dos indivíduos é que têm necessidades específicas, o que já mencionamos anteriormente.

Antes de sacrificar para o Orí tem que perguntar para Ifá o que é que o Orí quer. Quando o sacrifício não funciona é porque talvez o material utilizado esteja errado. O Orí individual é que vai receber o que precisa, ele tem necessidades próprias para ser propiciado. Estamos falando sobre a supremacia do Orí. A história de que você precisa sacrificar para seu Orí e nesse dia não pode se curvar para ninguém é fato. Se você tiver que sacrificar para outro Orixá no mesmo dia, faça antes e deixe o Orí por último; se por acaso você tiver que abaixar a cabeça para alguém, vai ter que anular e terá que fazer tudo de novo.

Ogundá Mèji é quem fala da receita dos sacrifícios para Orí. Alguns Orí comem peixe fresco, outro peixe seco. Se cair Ogundá Mèji significa que você tem que sacrificar com peixe fresco.

Aqui encerra-se toda e qualquer questão sobre a individualidade de Orí. Nada de haver receitas engessadas, tal como é tão comum aqui no Brasil. Consulte Ifá sempre, ele lhe dirá o que exatamente o Orí da pessoa quer ou necessita, não tenha medo de dialogar com o oráculo, seja ele Merindilogun, seja Opelè, seja ele Ikin, dialogue. Muitos dizem, faço assim porque me foi ensinado assim, faço assado porque os mais velhos assim faziam. Esse mito não funciona mais nos dias atuais. É melhor ser verdadeiro e dizer, faço assim ou assado porque não conheço outro sistema, ou porque sou preguiçoso e não gosto de estudar.

Nós sabemos que Orí é Onisciente, qual a relação entre Orí e Olódumarè?

Olódumarè criou o Orí. De acordo o Odú Irosún Osá, Olódumarè criou o Orí e o levou para um lugar de fortuna, como está narrado no verso em que Orí Benká é o personagem principal. Quando Orí o criou, lhe fez muito grande, como uma grande personalidade! Então quando ele veio do céu, Orí pôs Orí Benká no palácio do Obá Ooni Sin como escravo. Orí Benká era como o chefe dos escravos do Obá. A cada cinco dias, sua tarefa era fazer sacrifício para o Orí do rei. Depois de fazer o sacrifício para o Orí do rei, ele tocava sua cabeça e dizia: “Minha cabeça, por favor me leva para um lugar de fortuna.” Era assim que ele fazia a cada cinco dias. “Meu Orí, me leve para um lugar de fortuna, um lugar mais elevado, um lugar de sucesso. ”

Outros escravos e mesmo outros chefes olhavam para ele e se perguntavam: “o que você quer dizer, você está no palácio de um rei muito importante, você é muito importante, você ainda está pedindo a seu Orí para te levar para um lugar de fortuna, que lugar de fortuna você precisa? Você é aquele que toca na cabeça do rei a cada cinco dias, o que você precisa mais?” Eles estavam com inveja. O que esse homem quer? Então um dia os outros foram até o rei fofocar, “o senhor não sabe o que esse homem faz depois de tocar na vossa cabeça? Ele toca a cabeça dele e pede: Meu Orí me leve para um lugar de fortuna.” O rei disse: “Ah, eu acredito nisso também.” Então um dia o rei se voltou contra ele e mandou matá-lo. Os servos fizeram um caixão, o puseram dentro e fecharam com pregos. E mergulharam o caixão no rio.

Em um reino mais adiante, todos estavam muito empenhados à procura de um novo rei, já que o seu rei havia morrido. E consultavam o oráculo para todos os candidatos, mas Ifá sempre dizia: “não é esse”. Até que chegou um dia o oráculo informou que o novo rei viria de fora, que a pessoa que substituiria o rei de Adô viria pelas águas. Então todos foram para a beira rio, consultar para todos que chegavam nas embarcações, mas a resposta era sempre a mesma. Até que viram que vinha descendo um caixão, cercaram e retiraram da água e lá estava ainda vivo o Benká. Consultaram Ifá e foi confirmado que ele seria o novo rei, e todos regozijaram.

Antes de ser atacado, Benká tinha feito sacrifícios para o seu Orí. Um dia ele acordou e achou que tinha que consultar Ifá e foi ao Bábálawò. O Odú que saiu para ele foi Irosun Osá. Benká foi instruído a fazer sacrifício com coisas comestíveis que não precisavam ser cozidas, como obí, frutas, balas. Terminada a consulta ele saiu e comprou todo o material. Quando retornava para o palácio, para efetuar o sacrifício, foi surpreendido! Foi atacado, posto em um caixão e atirado na água. Exú lhe apareceu e disse: “o que você está esperando? Comece a comer o que você tem dentro da sua capanga, comece a comer!” Foi assim que Orí Benka conseguiu sobreviver dentro do rio por alguns dias. Ele seguia uma jornada. Isso é o significado literal do seu nome Oripê Benká = Orí me leve para lugares de fortuna.

Moral da história, foi seu Orí que o levou. Vocês podem imaginar essa história? Algo estava lhe dizendo aqui não é meu lugar, eu vou para um lugar mais elevado, e ele se tornou o rei. Passada a cerimonia de coroação, foram para a cidade do Ooni Sin, onde ele tinha sido lançado no rio, aprisionaram seu antigo rei com os súditos e foram levados a Orí Benká, o novo rei de Adô. Mas eles não o reconheceram porque Orí Benká tinha mandado fazer uma coroa com miçangas que cobrissem seu rosto. Quando Orí Benká apareceu, tirou a sua

espada e levantou as miçangas o povo viu e gritou: “É você? Você não tinha morrido? Como você chegou aqui?” Foi daí que eles lembraram que ele costumava rezar para o seu Orí, “meu Orí me leve para um lugar de fortuna!” Então foi sua cabeça que o levou, Orí Benká. Minha cabeça está me levando para lugares e eventualmente ele alcançou o seu lugar. Essa é a história de Irosun Osá.

Por ocasião da minha pesquisa, como já disse anteriormente, fui morar no palácio do Ooni de Ilè Ifé, exatamente por ter um Orí Adè, ou seja, um Orí que fora coroado. E lá conheci um jovem chamado Felix, que a princípio nos diziam que ele era o cozinheiro do rei. Sempre que a gente precisava dele, ele aparecia com muita simplicidade e boa vontade. Sabíamos que ele estava fazendo graduação em economia na Universidade de Ilè Ifé por orientação e patrocínio do Ooni. Um dia estava mais tranquilo e contou-nos a sua história, de como tinha ido parar no palácio. Disse: “Eu era cozinheiro em um hotel numa cidade daqui da Nigéria, e um dia lá se hospedou um empresário importante da área da construção civil. Em um desses dias eu tive uma visão enquanto o servia, e lhe disse, eu vejo o senhor sendo coroado rei de Ilè Ifé”... Fato é que quando o Ooni foi efetivamente coroado, a primeira coisa que fez foi mandar buscá-lo para morar no palácio e trabalhar com ele. Assim o fez! Tempos depois viemos a saber que é ele quem cuida do Ifá do Ooni. Em um outro momento pudemos ver que além de tudo ele é o homem de extrema confiança do Ooni, porque por ocasião da visita de um homem norte americano que deveria vender para o rei cerca de 800 peças para o Museu Itinerante que deverá passar pelo Museu do Valongo no Rio de Janeiro pelo singelo valor de quinze milhões de dólares, lá estava Felix pelo chamado do rei para ir buscar algo, quando retornou com três travessas de porcelana branca, cada uma continha algumas pedras. Para surpresa de todos nós, o rei tirou, da primeira tigela, duas pedras brancas parecendo cristal de tamanho expressivo, pouco maior do que uma caixa de fósforo e disse àquele gringo que eram dois diamantes, o que o visitante não acreditou, então o Ooni mandou que ele riscasse o vidro para que se certificasse de que eram realmente diamantes. O homem olhava para um lado, olhava para outro a procura de um vidro, quando a minha orientadora em tom de brincadeira disse a ele “por que você não risca os teus óculos”, sorriram entre si e em seguida viu que tinha atrás de si uma mesa de vidro onde o seu suporte era um belíssimo elefante de prata, ele não fez de rogado e riscou, só vi quando arregalou os olhos e ficou boquiaberto, eram de fato diamantes. E o Ooni disse, “só isso daqui daria para acabar com a miséria do meu povo”, certamente se referindo a população de Ilè Ifé. E na outra travessa tinha uma esmeralda que segundo o Ooni não quis sair, e na terceira travessa tinha aquela pedra que ele exibiu aqui na minha casa por ocasião da sua visita ao Brasil em 2018. E era sim o Félix quem trouxe e levou de volta para

os aposentos do palácio aquilo que era inexplicável aos olhos dos ocidentais. Não nego que fiquei a pensar, meu Deus como pode o Ooni ficar exibindo tamanho tesouro assim para pessoas estranhas, porque na sala de audiências naquela noite, não tinha somente o gringo, eu, e minha orientadora, mas tinha também dois Haussá que faziam a mediação entre o norte americano e o rei, tinha um jornalista, e me lembro de um rapaz que era cineasta, mais dois jovens. Será que o Ooni não temia pela sua própria segurança? Enfim foi uma pergunta sem resposta.

Até que ponto o Orí é vulnerável diante de Exú?

Resposta – Não há nada que você queira fazer que não tenha a mão de Exú ou que Exú não tenha a mão. Mesmo o sacrifício para o teu Orí é Exú que vai levar para Olódùmarè. Orí é separado de Exú, isso nós sabemos. Foi o Orí do Exú que fez dele o que ele é.

Nesse momento o Aragba recitou um verso em que o tradutor disse não ser traduzível, mas que literalmente quer dizer o seguinte: “Ifá diz que eu não devo maltratar meus filhos até o ponto de matá-los, quando eles não me dão o que eu quero. Ifá diz não maltrate as crianças até matar”.

Esse verso me leva a lembrança dos momentos derradeiros de vida do meu falecido marido, que maltratou o seu Orí tanto, tanto, ingerindo bebida alcóolica, que o médico do hospital em Nova Lima me disse durante umas visitas que fizera. “Ele maltratou tanto, mas tanto, tanto o corpo dele, que chegou um momento que o seu corpo disse, não aguento mais, é isso que acontece com ele agora”.

Nesse momento fui surpreendida imaginando que eu estou pesquisando sobre Orí. E o meu Orí está escrevendo uma nova história, e isso é fascinante, surpreendente e extraordinário, porque eu estou vivendo também uma trajetória em um lugar de fortuna, em um palácio yorùbá em Ilè Ifé, com um rei que se apaixonou por mim e que me proporciona todo esse aprendizado, o Orí está se revelando para mim, *se permitindo ser etnografado, e isso é fantástico*.

Lembrei-me também que quando estive na Nigéria em 2011 para ser iniciada em Ifá, tinha cerca de vinte Bàbálawò e sempre que cada um jogava o oráculo para mim, diziam

“a senhora terá um cargo”, todos os dias era a mesma coisa, então no quinto dia, após os rituais de lavar as vistas pela manhã, segui para a cidade de Osogbo no Estado de Oxum para conhecer o rio Oxum. Em seguida fomos até a cidade de Ilobu, a quinze minutos de distância,

na casa do Oluwó filho do Bábálawò Bábálola Ifátoogun que iniciou o Pierre Verger, e que também iniciou o meu amigo Olusegun. Ele se chama Kolapò Babalolá, ele rezou e jogou um obí para mim e disse-me: “A senhora não pode usar suas mãos para bruxarias porque elas foram preparadas exclusivamente para cuidar de Orí, não é do seu destino ficar iniciando Orixás e sim cuidar de Orí”. Voltando para Ibadan, no dia seguinte questionei ao meu Oluwò que cargo era esse que tanto falavam, e que não queria mais cargo nenhum, porque mal dava conta do cargo de Iyalorisá que já tinha, e eu não quero mais cargo nenhum, repetia, foi nesse momento que um dos Bábálawò me disse: “Senhora! Não é cargo religioso. E a senhora voltará aqui na Nigéria para tratar de Orí”. Hoje me dou conta desta verdade!

Existe Orí coletivo?

Quando todos reúnem como Itá ti Ogun [uma reunião que acontece no templo de Ifá uma vez por mês com todos os Olodú Ifá, e uma única mulher, a Olori Osún, aquela mesma que esteve aqui na minha casa por ocasião da visita do Ooni e incorporou o orixá Oxun em um dado momento] todos se levantam de uma só vez, para saudar Ifá. Todos os Orí que vão para lá rezam, rezam para eles mesmos. Estamos juntos para um mesmo objetivo. E esse objetivo é Ifá. Esse objetivo é consultar oráculo de Ifá, isso pode ser considerado um Orí coletivo. Ele está dizendo que eles tomam gim e usam a cuia e todos bebem da mesma cuia e vamos compartilhando isso é um Orí coletivo. Não existe um nome para isso.

De igual forma quando o povo de uma nação se reúne para eleger os seus governantes, é o Orí coletivo daquele país quem os colocou aonde estão. É por isso que dizem que cada povo tem o governo que merece. Dessa forma não temos a quem culpar pela má sorte que temos, a não ser a nós mesmos. Entretanto é da lei que pagam os justos pelos pecadores. E assim segue a humanidade.

Por que o Orí não é bem conhecido na Diáspora?

Nem todos os Orixás são conhecidos na Diáspora, alguns ficaram aqui e não foram para a Diáspora. E vocês não foram expostos a estes ainda, não somente o Orí, tem outros que não são conhecidos, os únicos que vocês conhecem, são os que vocês podem conhecer. Aqueles que vocês conhecem, vocês aprenderam, vocês ouvem falar sobre eles, vocês perguntam sobre eles. É o que vocês podem saber. Aqueles que vocês não conhecem, só ficam sabendo

quando vocês vêm e perguntam sobre eles. Os Orixás só ficam onde são permitidos, tem alguns que não gostam de fornicação, libido, quando eles veem isso eles vão embora, alguns são mais exigentes, se virem coisas que não gostam muitas vezes não aprovam, como bebidas etc. Orí deveria ser conhecido no mundo todo, mas como eles não pediram, ele não foi. Como esses orixás não foram chamados, eles não puderam ir até essas pessoas em outras nações. Quem poderia explicar sobre Orí? Os sacerdotes daqui não podiam ir até lá. Eles só falam para quem pergunta. Por exemplo: Osetura é filho de Osún com Orúnmilá, deveriam suscitar em vocês interesse por Ifá.

Essa é uma crítica a nós, sacerdotes da diáspora. O que os sacerdotes de Ilè Ifé desconhecem é que no Brasil nem todo sacerdote ou sacerdotisa sabem o que é Osetura, pronuncia-se oxêtura, isso é o desdobramento do Odú Osè Mèji + Oturá Mèji, conhecimento que depende de estudo de Ifá.

O Orí deve ser conhecido no mundo inteiro, para cada pessoa tem uma explicação. Se você pergunta é porque você conhece, se você não pergunta é porque não conhece. Antigamente as pessoas não faziam sacrifícios por si mesmos, sempre consultavam Ifá. Antigamente não faziam Itéfá para as mulheres, se uma mulher quisesse ter Ifá, seria dito para ela casar-se com Bábálawò e se tornava Iyapetebí [esposa de um Bábálawò].

É necessário ter cuidado diário com o Orí, de manhã colocar as mãos no Orí e dizer a ele: Meu Orí me leve para lugar de boa fortuna. Você pede o que você quiser para sua vida. Reza é diferente de sacrifício.

Considerando que são 401 divindades, de fato nós aqui no Brasil sabemos muito pouco ou nada. Sempre nos foi dito que são dezesseis principais Orixás, depois ouvi falar em Obá, Ewa, Intôto, Iroko, e algumas subdivisões de nomes de Orixás, como é o caso de Oxummarê que se desdobra em Bessem, Fekém, Rumbê e Dan. Esses são particularmente muito cultuados no Benin, berço do povo Jèje, mas que também falam yorùbá e francês. Orí? Lembro-me muito bem de nunca ter ouvido falar dele como Orixá. O interessante é que de fato nós aqui no Brasil, ouvíamos falar em 401 divindades, mas nunca nos interessamos em saber deles. O Bábálawò tem total razão, se você não os conhece, você não pergunta sobre eles. Hoje já conheço Oluorogbo, que não é conhecido nem cultuado no Brasil; Ajê, Ifá, Eerin, Egbé Orún estão chegando agora no Brasil, lentamente com a vinda de Ifá nos tempos atuais. Mesmo assim poucas pessoas já ouviram falar deles. Mas o que mais me admira é que nós não desenvolvemos interesse em saber quem era Orí. Ou talvez ele não tenha desejado vir para cá

em tempos passados. Pode ser que o povo daqui poderia usá-lo de forma perversa, como muitos têm feito com alguns dos Orixás que para cá vieram.

O que eu sempre soube é que os Orixás não coadunam com coisas erradas, coisa que muita gente desconhece. Pensam que é um vale tudo, ou pensam que é uma banca de feira, faço tudo errado todos os dias, depois vou ali corto a cabeça de um galo, de um cabrito e está certo assim. Quando na realidade se você tem bom caráter, aprende a perdoar, o universo conspira a teu favor, você não necessitará mais ficar fazendo sacrifícios, não tem mais necessidade de fazer correr sangue a todo o momento. Não parece, mas tirar a vida de um ser qualquer, para melhorar a tua vida, não deveria ser a praxe. Pensando bem é desonesto. Mas a partir do momento que você vira a chave da tua conduta, a vida fica mais leve, o sofrimento desaparece, aquilo que era difícil de alcançar agora chega para você como se rotina fosse desde o teu nascimento. A vida deixa de ser um sofrimento diário.

É necessário ter cuidado com o teu Orí, entendo que essa seja a orientação maior. E o Bábálawò ainda diz, “reza é diferente de sacrifício” parece que agora ficou claro, que são coisas completamente distintas!

Durante o sacrifício para o Orí, o sacerdote ou sacerdotisa é quem vai evocar esse termo:

Orí mi aperê

Orí mi apesi

Orí mi dori olá

Orí mi dori oloro

Orí mi gbemi debí iré

Pegue o dinheiro, o obí, faça a prece e toque a testa e dê o dinheiro para um mendigo e a pessoa reza para você. Reze todos os dias e a cada cinco dias dê obí e lance e espere a Alàáfia, ou o sim como resposta.

Você tem sempre que ficar com os pés no chão para a prece ser atendida, você tem que estar com os pés no chão. Tal qual a chuva que cai, entra pela terra adentro depois evapora, vai para o céu e cai novamente. Nesse momento faz-se uma reza para a terra:

Ilè mopé kojé mi loni

Ilè mope ko dani dani lohun lohun

Kojé kodura ni gba

Kim gbo ri re serèrè kim.

Tradução: Terra eu te chamo, atenda minha prece hoje, não hesite em responder minha prece, deixe minha prece ser atendida, para que eu possa fazer o bem em você.

A forma de tratar o Orí não é diferente da forma de tratar Ifá, sempre a cada cinco dias. Ajê a cada oito dias, Egbé Orún a cada nove dias e assim por diante, os demais não devem passar de cinco dias. Esse sistema não veio para o Brasil com o culto aos Orixás. Aqui as pessoas não têm esse costume de propiciar o Orixá a cada cinco dias, correspondendo à duração da semana deles, muito antes pelo contrário, os assentamentos dos Orixás de muitas casas daqui do Brasil ficam lá, sempre limpos, quietos, sem ninguém se importar com eles às vezes o ano inteiro. As pessoas têm por costume oferecer-lhes velas, coisas que não tem nada a ver com a tradição yorùbá, tem a ver com a tradição judaico cristã. Orixá não se alimenta de velas.

O nome da terra é Alimè [lê-se Alimê]

Segundo os Yorùbá a terra é propriedade das Iyami Osoròngá, também conhecidas como “as senhoras”, como dissemos. Já para os costumes da minha casa, antes de qualquer grande obrigação, primeiramente nós fazemos sacrifício para Intôto; certamente essa é uma palavra Jêje que quer dizer a mesma coisa; Orixá feminino dono da terra, que é alimentada com galinha de angola e galinhas pretas, e o seu assentamento fica literalmente dentro da terra e exposta às intempéries do tempo. Fazemos esse ritual para pedir autorização para tudo que vai acontecer em cima da terra. Esse costume foi herdado da casa do meu Bábálorixa Elson Sena, da cidade de Simões Filho, Bahia. Lá ele cultua mais do que os 16 principais Orixás.

Poderia falar sobre o modo de tratar Orí?

Antes de qualquer sacrifício, chama a terra, toca a terra e o Orí por três vezes e diz Ilè mopé ò, se estiver com o obí faz a mesma coisa, toque a terra e a testa, faça as preces e jogue o obí. Porque o que quer que estejamos fazendo, estamos em cima da terra nova e fresca, isso é o chão. Terra Nova = Ilé Tuntun. Desde que ficamos em pé sobre a terra, temos que chamar a terra fresca ou nova terra, Ilé tuntun ou aiyè tuntun (terra atual em oposição a terra ancestral). Os Bábá dizem: estamos ensinando a teoria e se quiserem aprender a prática, comprem os ingredientes, e façam as duas rezas Orí Bibó e Ilé mopé, esses são dois tipos de Ibori dentre muitos que Ifá ao ser consultado vai especificar qual deles deverá ser aplicado, isso é apenas teoria, na prática é diferente.

A experiência tem comprovado essa tese. De fato, hoje eu conheço cerca de doze receitas diferentes de oborí e tenho certeza de que ainda não vi tudo. Estou considerando apenas os

oborí que Ifá me revelou através do Oráculo. Eu não posso ter uma receita padrão, uma vez que as digitais não são iguais, entendo que não podemos tratar os diferentes de forma igual. Então é bom dar ouvido a cada uma de suas especificidades. Como já disse anteriormente, dialogue com o teu oráculo ele lhe dirá tudo o que o teu Orí ou de alguém quer. Não há o que temer.

Qual é o significado de Etí Burè.

É um chamado para os Orixás abrirem seus ouvidos e atenderem as nossas preces, tornando-as manifestas ou realizadas.

Aqui eles nos fizeram lembrar que durante um parto o que vem primeiro é a cabeça do bebê, depois os braços e por fim as pernas, isso num parto normal.

Esse foi o conteúdo dos ensinamentos recebidos pelos dezesseis Olodú Ifá numa oportunidade indescritível, da cidade de Ilê Ifé, a pedido do Ooni em meu favor.

Pesquisa na cidade de Ilobu

A seguir, apresento os ensinamentos oferecidos pelos Bábálola Kolapò e Bábálola Awoniyi, do Templo Ogunda Bede, da cidade de Ilobu, estado de Osun, em fevereiro de 2019. Esses Bábálawò são filhos legítimos do Ifatumbi, que fez a iniciação do notório Pierre Verger. Por aqui o olhar se tornou muito diferente, mesmo porque o linguajar do Bábá Kolapò é muito mais claro e mais rico, diferentemente dos sacerdotes do Templo de Ifá, lá que me respondiam porque estavam obedecendo ordem superior. Aqui prevalecia a empatia, o respeito e o carinho deles para comigo, mesmo porque Bábálawò Kolapo já esteve aqui no Brasil várias vezes para fazer iniciação para Ifá na minha casa e foi quem plantou o Asé de Ifá no meu Ilê Asé.

Quais são os Odú que citam Orí?

Ogudamorogbe é uma parte do Odú Ogbeíonu que fala sobre Orí.
 Irosunenisin – Irosunnosa falam sobre Orí – Oseturá – Oturáorikó –
 Oturá Mèji – Obará Méji, Ogbebará – Ogberosun – Ogbealará –
 Ogbeoturá – Ejiogbe – Irosundi – Oturá orikan – Oturagbe –
 Okaranronosá. Oturukpon fun – Irosunmoperé – Eperè é a parte do
 Irosunmasè – Ika Mèji – Okaran Osá. Ireté Irosún também tem um
 verso sobre Orí, fala sobre o problema de fazer sacrifício. Entre
 outros...

Baba Kolapò discorre sobre Orí:

É apenas pelos versos ou seja, pelo corpo literário de Ifá que se pode revelar algumas dessas identidades. Eles podem te dizer de acordo com algumas faces do Ifá. O Orí existe como um ser humano e aparece para as pessoas para ajudá-las, se oferece para consultar Ifá.

Quando Orúnmilá era alguém como nós e foi encontrar com Orí, de acordo com o Odú Ogundabedè, Orúnmilá estava com problemas. A cada dez pessoas que o procurava, duas delas ele não conseguia resolver. Apesar do seu poder, o problema era resistente a uma solução e Orúnmilá se perguntava, “por quê”? Enquanto isso, ele descobriu que tinha um ser nas redondezas ajudando as pessoas naquela região. E a pessoa disse: meu nome é Orí. Orúnmilá ficou confuso porque todo mundo que procurava Orí tinha seu problema resolvido, e todo mundo estava correndo para ele.

Quando Orúnmilá descobriu que Orí estava oferecendo soluções para as pessoas, sem mais ninguém reclamar, Orúnmilá foi até este ser fazer perguntas. Orúnmilá se ofereceu para ser seu Omoawò [aluno, aprendiz, o que daria a Orí o papel de Bábálawò de Orúnmilá]. Ensiname, por favor, me ajude. Orí disse: não, não, não você já é o Messias, você é o máximo, eu não posso aceitar você como Omo awó. Orúnmilá recorreu a um pedido de desculpas e suplicou, por favor, me aceite como seu súdito, como um rei suplicando ao súdito para ser seu aprendiz [é bom lembrar que não existe um rei que não tenha problemas perturbando-o, assim são as coisas desse mundo]. Você já é conhecido e famoso. Depois de muito insistir ele aceitou, se você está preparado, então venha comigo.

Daí Orí levou Orúnmilá para conhecer os segredos ocultos com ele e o fez vestir uma vestimenta que os tornavam invisíveis. Vamos lá visitar os Irunmolé um a um. Primeiro foram a Obatalá, quando chegaram, Obatalá disse: “venham!” Abriu um tapete no chão e disse: “se sente aqui”, porque sabia da importância de Orí e que estava acima dele na hierarquia. Quando eles se sentaram no tapete, os seres comuns não os enxergavam. As pessoas estavam vindo para oferecer comida a Obatalá, com mais de dezesseis Igbín [caracóis grandes]. Obatalá pediu licença, dizendo, “eu preciso escutar os meus devotos, eles querem falar comigo”. E nesse lugar tinha os símbolos de Obatalá, e ele ficava atrás de seus símbolos e ninguém podia vê-lo, somente Orúnmilá, Orí e Obatalá viam as pessoas. Daí presentearam Obatalá e disseram: “essa é terceira vez que eu consulto e mandaram-me vir aqui para você me ajudar. Mas a ajuda não está vindo! E estou trazendo todas essas coisas

para lhe satisfazer, por favor, me ajude!” Obatalá ficou muito triste de ouvir que ele não tinha poder para resolver o problema.

Aí Orí cutucou Orúnmilá, dizendo: “está vendo? Sou eu quem está produzindo o problema, e Obatalá não tem solução para esse problema, esse é um dos segredos que eu quero lhe mostrar”. Em seguida foram embora, foram para a casa de Ogún. Alguém chegou com um cachorro bem grande para oferecer a Ogún com outras coisas, também reclamando. Ogún ficou muito triste também, mas mesmo assim foi dar atenção as visitas. Orúnmilá e Orí disseram: “já vamos embora”, e Ogún ficou arrasado. Foram em outro lugar e tiraram as vestimentas e anunciaram que estavam à disposição para consultas, e começou a juntar as pessoas e elas continuavam dizendo: “venham, venham até nós!” Orúnmilá ficou surpreso, porque as mesmas pessoas que tinham ido a

Obatalá estavam lá se consultando com Orí. Daí Orí disse: “mas você não foi duas vezes atrás de Obatalá?” Respondiam, “sim, mas Obatalá não pode resolver nosso problema”. “Pois bem, então aqui está a lista das coisas que vocês precisam trazer”. As pessoas obedeceram e os problemas foram resolvidos. E as mesmas pessoas que foram para Ogún vieram e Orí resolveu os problemas. Foi assim que resolveu os problemas das pessoas. E quando perguntavam quem resolveu o problema para você? Respondiam, “foi Orí”. Tinha uma pessoa que queria ver o fruto do útero, e engravidou e respondeu, “foi Orí”. Uma segunda pessoa que foi a Ogún que queria uma mulher, quem lhe trouxe a mulher? “Foi Orí quem trouxe para mim”. Quando as pessoas não conseguem resolver algum problema, as pessoas gritam:

Orí l’oba mi sè ò!

Orí l’oba mi sè ò!

Orí l’oba mi sè ò!

Obrigada Orí!

E isso virou um dizer dos Yorùbá Orí quem fez para mim!

Aquele que conserta o destino!

Kolapó comenta:

Sabe quando você pega uma pessoa como um objeto de pesquisa (sujeito) de repente fica todo mundo falando nisso? É porque você vira uma referência.

Penso que essa entrevista resume quase que completamente não só as minhas inquirições, como a de muitas autoridades de religião afro-brasileira. Nesses dois últimos parágrafos Bàbá Kolapò deixa bem claro o quanto é de fundamental cultuar e propiciar o Orixá Orí, mesmo

antes de qualquer outro Orixá, atribuindo a ele praticamente a solução daquilo que não é solucionável, até certo ponto é claro. Feliz daquele sacerdote em que Orí aparece para ele com clareza nas leituras do oráculo, digo isso porque tenho experimentado alguns casos em que o Orí está completamente ausente, e o que continua falando é quase sempre Exu ou egungun. Porém há um fato inusitado, quando o problema é efetivamente Orí, eu nunca vi outro Orixá, além de Exu, tomar-lhe o lugar para dialogar. Penso que é em função de que cada qual sabe o seu lugar. Por outro lado, seria o fim o Orixá da pessoa falar pelo seu Orí. Dessa forma, fica mais fácil para o sacerdote ou sacerdotisa identificar Orí, mesmo estando ausente. Essa ausência nem sempre se dá somente por uso excessivo de drogas ou álcool, mas acontece também por uma total desconexão da pessoa de si para consigo, é o tradicional “estou perdido”. Quando isso acontece, é necessário evocar e em seguida invocar Orí na hora da obrigação. Uma vez feito isso, podemos processar o Oborí. Como já foi dito anteriormente, deve-se propiciar todos os Orixás que porventura tenham aparecido na consulta e por último o Orí. Não se esquecendo de considerar, na hora do Oborí, o Orí inú, Orí Odè e também o Orí dos ancestrais da pessoa. Há casos em que uma consulta indica que é necessário apenas fazer borí para os ancestrais da pessoa, não importa se estão vivos ou mortos. Esse é um ponto que deve ser minuciosamente observado, porque se propiciarmos somente o Orí Odè, o mesmo pode ser traído pelo Orí Inú. Isso é o que mais acontece, a cabeça pensante faz tudo direitinho, os planos de uma decisão, quando fazê-lo, como fazê-lo, e na hora devida a pessoa faz tudo diferente, é quando dizemos que essa pessoa foi traída pelo seu Orí. Acontece com frequência em nossas vidas!

O Orí tem uma representação física para ser cultuado. É o Ilè Orí, ou casa do Orí. O recipiente, feito para representar uma cabeça coroada, possui um pequeno cilindro, também enfeitado com búzios e uma pequena antena, representando o Orí inu. É de uso pessoal, é um objeto de propiciação, quando é ofertado o que for indicado por Ifá, como explicado acima.

Ilè Orí – Bàbá Kolapò

Quando você tem o seu Ilè Orí, ele deve ser consagrado para deixar de ser ordinário. Quando é consagrado com o nome da pessoa, é tal qual a coroa de um rei, em que a coroa é consagrada para aquele rei. Cada um é pessoal e pode ser adquirido pelo valor médio de US\$ 350,00.

Penso que seria um desrespeito eu me apropriar do Ilè Orí de outra pessoa, que não o meu, é inadmissível. Entretanto não duvido de que na diáspora haja pessoas com essa capacidade, por desconhecimento é claro, não poderia ser diferente.

Perguntei: *Em cada encarnação a gente vem com um novo Orí?*

A resposta foi - Sim. *Ou é o mesmo Orí de sempre?* Resposta - Não, é diferente. Explicou o Bábá Kolapò: Se alguém morreu, tem ambos o Irè e o outro.⁹ Porque quando você vai fazer a sua escolha, você só escolhe ou lança mão, mas você não sabe o que tem na intimidade [a escolha é aleatória], você não sabe se ele é bom ou ruim. Está tudo embutido, você não vê, você só vê o que está fora, você não sabe o que está dentro. É mesmo que você sair por aí e ver uma pessoa, você não a conhece, você não sabe o que tem dentro dela, a não ser que leve algum tempo até que ela seja conhecida. Você não pode usar a aparência física para julgar, você não sabe o que tem dentro, você não pode acessar a pessoa por dentro. A mesma coisa é aplicada para Orí. Uma pessoa feia pode ter um bom Orí, uma pessoa bonita pode ter um Orí ruim.

Se a pessoa escolheu aquele Orí é só para esta existência. Se uma pessoa que vai nascer e escolher o Orí para vir para este mundo, é só para aquela viagem. É como por exemplo você vai viajar de férias, você compra coisas, você se prepara só para as férias. Quando você volta, daí você vai fazer outra viagem, você vai fazer outra preparação. A sua experiência vai agora indicar o que você vai levar quando for fazer outra viagem. Se alguém vai de férias e não levou muito dinheiro, ela vai sofrer, porque o dinheiro que levou não foi o suficiente, da próxima vez quando ela voltar, o dinheiro não vai ser problema, porque vai trazer o suficiente. Suponha que a pessoa vai e não leve roupa suficiente e aí ele vê as pessoas com roupas diferentes, joias, e ela está sempre com a mesma roupa e dirá para si mesma: “da próxima vez que vier trarei mais roupa, e outras coisas necessárias”.

Então, isso é semelhante a uma pessoa que está vindo para este mundo, ele pode vir com o insuficiente e não sabe se vai morrer cedo ou se vai viver por muito tempo. Quando a pessoa vem e sente falta de um monte de coisas, da outra vez ela vai escolher um Orí fresquinho, recémconstruído, atualizado, fará um pedido novo, privilegiando o que lhe faltou da vez passada. Esse tipo de coisa motivou os recém-natos a se orientarem pelas experiências passadas e vai afetar a sua nova escolha. A escolha que ele vai fazer de acordo com os versos de Ifá. Eu quero isso e aquilo, mas sempre tem perdas.

De acordo com outro verso de Ifá você não deve pedir tudo, porque tem limitação de Irè disponível [boa sorte]. Você não deve pedir demais, quero isso, quero aquilo, eles vão mandar você parar. Se você não pediu o que era mais importante, você virá sem isso. Se

⁹ “Outro” é usado para não falar do lado negativo.

você não fez menção do que realmente precisava e mandarem você parar, você virá assim mesmo. Quando a pessoa chegar aqui vai ser muito difícil para a pessoa conseguir aqui o que não foi pedido lá. É por isso que é fácil para algumas pessoas enriquecer, enquanto outros sofrem para conseguir as coisas. Tem pessoas na Terra procurando por determinado Irè, caso aquilo esteja na lista de seus pedidos, vai ser mais fácil conseguir do que para quem não fez esse pedido.

Quando meu pai estava vivo, quando nosso pai estava entre nós, tínhamos muito tempo para fazer perguntas a ele, e ele discutia isso conosco. Fazíamos perguntas que não poderiam ser feitas a não ser para ele. Nós perguntamos sobre essas pessoas que não fazem sacrifícios e que não rezam e as coisas vêm para elas naturalmente, nosso pai riu e nos disse: “Tudo tem a ver com o que foi tratado lá no Orún e não aqui”. Suponha que você concorra a uma bolsa de estudos, e foi aprovado, daí vão ligar para você e perguntam como você quer receber o dinheiro? Por depósito bancário? Ou quer vir aqui retirar? Etc. Enquanto tem outra pessoa que corre atrás de quem o possa ajudar, e o perguntamos, você está sofrendo por isso? Eu consegui fácil, fácil. Outro exemplo é você pedir para não ter muitos inimigos, porque inimigos é como se você está numa sintonia de uma rádio 99.5 e fica aquela interferência o tempo todo, enquanto outro liga naquela estação e sintoniza imediatamente. Por acaso você vai poder aproveitar a música com interferência?

Nesse mesmo dia, o Bàbá ainda falou sobre o dia da escolha do nosso Orí, comentou que é tal qual o visto de viagem para entrar em um país estrangeiro. Aquele visto só serve para o lugar para onde você vai e não para o lugar onde você está. O exemplo me parece muito claro. A cada nova existência, um novo Orí, um novo Odú.

Quem é a pessoa que escolhe o Orí? Não sei se a pessoa escolhe o seu Odú ou não, mas a pessoa existe antes de escolher o Orí?

Se eu entendi a sua pergunta, quando você pega um Orí, é por um tempo determinado que é para a sua viagem que este destino cobre. No pensamento Yorùbá acredita-se que quando uma pessoa nunca veio para terra, nunca veio para este mundo, e que está vindo pela primeira vez (apesar de que no pensamento Yorùbá é muito difícil você encontrar uma pessoa que nunca esteve neste mundo antes) são seus ancestrais do passado que estão repetindo as viagens deles, é nisso que nós acreditamos. Normalmente, alguém que está nascendo ou chegando aqui agora, já esteve aqui antes. O ritual que os yorùbá fazem quando chega alguém ou um recém-nascido para saber se já esteve aqui antes é chamado

Orí Gbigbó ou Igbori. É um programa espiritual completo para analisar, geralmente eles fazem isso assim que a criança acaba de nascer, antes mesmo dela começar a usar o que está no seu destino.

De acordo com Ifá, Ajalámon é quem moldou a cabeça física para os seres humanos, e faz milhões de cabeças, umas são belas outras podem não ser, depende do design. Mas outra força espiritual vai dar o toque, um outro toque espiritual virá depois que esse design foi feito e que vai dar ou instalar o software. O poder do toque é que vai fazer com que um seja melhor do que o outro. E Ajalámon não vai ser capaz de saber quem é bom e o que é ruim. É Olódumarè quem deposita o software. Por exemplo: Se você tem um cartão de memória, e se você não o põe para tocar, você não sabe o que tem dentro dele, talvez esteja vazio, ou cheio de música, de rezas, você não sabe até você pôr para tocar. Olódumarè põe certas coisas que não podem ser vistas, o Oleiro fica só olhando e não sabe, exatamente para não ser parcial e guiar as pessoas, só cumpre o seu papel de Oleiro. É por isso que nós dizemos A Yi a Mon = você escolha a sua escolha. Você é quem faz a sua escolha. Quando você faz a sua escolha, tem coisas inerentes àquela escolha que está junto, mas você não sabe o que escolheu, só vai saber quando estiver tocando.

Alguns pontos interessantes devem ser ponderados aqui.

Quando diz que a tua experiência anterior irá auxiliar na hora da escolha de um novo Orí, é fato, porque após a morte você certamente recobrará toda a sua consciência da última existência, aliás não passamos pela água do esquecimento quando retornamos ao plano espiritual, isso só acontece de lá para cá. Outro ponto muito interessante é saber que o espírito não retrograda, não existe isso de hoje ser humano e amanhã nascer animal, isso é impossível, como também não existe casos em que você nessa existência é um cientista e na próxima virá como um total ignorante – se assim fosse não justificaria tanto sacrifício aqui para conquistar uma graduação, um mestrado, um doutorado etc. Nada se perde. E por fim, não podemos deixar de considerar as exceções, por exemplo um cientista que utiliza o seu conhecimento para infelicitar uma nação, evidente poderá retornar com algumas limitações físicas, metais, materiais ou financeiras. Já nesse ponto entramos noutro departamento, que seria uma existência de provas ou expiações, para que o mesmo possa se realinhar com o seu destino, e não mais repetir as insanidades praticadas, mas ao retornar à vida espiritual retoma do ponto em que parou na penúltima existência. Até nesse ponto a vida continua sendo Mèji, ou seja, positiva e negativa, tudo na vida tem dois lados, partida e contrapartida. Assim sendo, o nosso

livre arbítrio é o senhor de nós mesmos. Nada de “serem perdoados os seus pecados”. Essa não é a visão yorùbá, mas do cristianismo.

Quando eu morrer, essa personalidade aqui é quem vai escolher um novo Orí?

Sim. É como um visto de passaporte. O visto não tem utilidade no lugar onde você o obteve.

O Orí, o caráter e o Odú são interligados?

Quando você está indo escolher o seu Orí, o seu Odú está junto com você. De acordo com um verso de Ifá Ogbeionu, ou Ogbegundá, quando as pessoas estão tentando vir para esse mundo, e por ventura se encontram no local da escolha do seu Orí, elas vão se encontrar aqui nessa vida, nem que seja por um dia só.

Entendo que todas as pessoas que pertencem a uma sociedade no plano espiritual e que vão no mesmo dia escolher o seu novo Orí, estão predestinadas a se encontrarem aqui na Terra, nem que seja por um único dia. É difícil mensurar o número de pessoas que nós já encontramos nessa existência, mesmo que não tenhamos nos reconhecidos, e tão pouco tenhamos trocado uma só palavra. Às vezes nos vemos no saguão do aeroporto, porto, rodoviária, universidade, qualquer lugar de grande concentração. Algumas feições nos são familiares, temos a sensação de já tê-las visto anteriormente, outras são indiferentes.

Três bons amigos estavam indo escolher os seus Orí; os seus ancestrais também já passaram por essa experiência; aqueles serão que seus pais nesse mundo. Porque nós yorùbá acreditamos que os ancestrais estão sempre repetindo a sua viagem. É normal a gente querer ter junto de si, como família, algumas pessoas aqui nesse mundo. É como se você fosse fazer um teste, se é você quem vai fazer aquele curso, certamente haverá alguém que ensina essa matéria, quando chegar a hora de você fazer o exame para passar, eles vão lhe aconselhar o que fazer. Assim esses três amigos foram aconselhados. A pessoa que for ser seu pai nesse futuro compound, vai haver como um duplo dele no Orún, que é exatamente como ele, tem o mesmo semblante daquele que vai te orientar aqui. A orientação é, se você vir essa pessoa, corra, não espere ele te pegar, senão você não terá a sua viagem de vinda do céu para a terra. Assim os três foram aconselhados. Não esperem, vá fazer a escolha do teu Orí. Saibam que vocês verão a cópia carbônica do teu pai da terra aqui no céu, e que lhe dirá, hei venha cá! Saia correndo, porque você quer uma viagem sem crise, porque essas coisas são obstáculos.

O filho de Ogún correu, quando o filho de Ijá viu todas as armas usadas neste mundo, também saiu correndo. Entretanto, quando Afunwapê, filho de Orúnmilá, viu as coisas que Orúnmilá mais usa aqui na terra, que são os Ikin, Agogô, tambores etc., pensou, eu adoro tudo isso, vou dar só uma olhadinha, isso não vai atrapalhar. Porque nós somos atraídos por tudo aquilo que nós amamos. Disse, eu vou ver, estão fazendo as coisas de Orúnmilá! Essa é a característica de um bom Bàbálawò; quando ele vê alguém jogando Ifá, a sua cabeça já está lá para ver, e foi isso que atraiu Afunwapê. Foi quando Orúnmilá apareceu e disse, “Ah! Afunwapê, você está indo fazer a sua escolha e veio aqui fazer uma consulta né? ”. E daí foi feita a consulta ao oráculo de Ifá e foi dito para ele levar sal e dinheiro, Eidàáfá, (equivalente a seis mil búzios, que era a moeda corrente da época). Agora você pode ir, o sacrifício que foi feito, agora vai lhe dar assistência. Isso significa que o Odú Ifá daquela pessoa já está com ela na hora de escolher o seu Orí.

Está vendo qual é a technicalidade? Afunwapê chega a um ponto de sua caminhada e não consegue encontrar a casa de Ajalámon. Nisso encontrou um pessoa que estava cozinhando algo parecido com uma sopa e pergunta, por favor em qual direção é a casa de Ajalá? A pessoa respondeu, “ah estou fazendo uma comida, tenho que terminar antes, depois te informo”. Essa pessoa estava usando cinza como tempero, porque a cinza é um pouco salgada, colocava e provava, e colocava mais e provava. Daí Afunwapê percebeu o homem estava precisando de sal, ofertou e pediu que provasse, ele ficou surpreso e pediu todo o sal para si, e disse “agora posso lhe ajudar”. Daí ele começou a perceber a potência do sacrifício que fora feito: ele chegou a um lugar onde o sal era necessário e estava faltando. “Então me siga, vou te levar para o compound de Ajalá”. Quando chegou lá descobriu que Ajalá não estava. Viu que era um compound, mas existia um lugar especial onde estavam todos os Orí, e disse “estou procurando Ajalá”, e uma mulher disse, “você não pode encontrar Ajalá porque ele está devendo dinheiro para mim. E eu não vou sair da casa dele até eu receber o meu dinheiro”. Mas Ajalá estava escondido lá mesmo. Então Afunwapê perguntou, “quanto ele está lhe devendo?” E ele pagou e declarou, “agora Ajalá é um homem livre”. E a mulher gritou, “agora você é um homem livre, eu fui paga por uma pessoa desconhecida”. Ajalá estava escondido no telhado.

Observem a sutileza da coisa, “cada um é atraído por aquilo que mais gosta”. Temos que concordar que ser atraído por tambores, ikin, agogô não são capazes de fazer mal a ninguém aqui na terra, mas alucinógenos e armas sim. Certamente o Odú que já acompanhava Afunwapê era um Odú extremamente positivo. E só pertencia a esse Odú porque na vida

anterior fez por merecer. Entendo que a medida que nós vamos melhorando e crescendo e evoluindo em caráter e comportamento não precisaremos mais passar pelas duras provas que até então tinham sido necessárias. A próxima existência você terá uma vida de mais conforto, automaticamente você pertencerá a um outro Odú diferente daquele que fora antes.

Ajalá desceu e disse “eu não tinha como pagá-la e agora não tenho como lhe pagar, por que você veio aqui?” Afunwapê respondeu, “eu quero fazer a minha escolha”. Normalmente ele não precisava perguntar, só precisava ir lá e fazer a sua escolha, porque normalmente Ajalá não interfere nessas escolhas, as pessoas chegavam lá, faziam suas escolhas e iam embora, mas Ajalá disse, “você pagou minha dívida, deixe-me lhe dar uma assistência”. Afunwapê chegando lá nesse espaço queria pegar o seu Orí, mas Ajalá disse: “Espere, sou o Oleiro de todos esses Orí. Mas tem outro poder acima do meu trabalho de design que é Olódumarè, eu não sei qual é o bom e qual é o ruim, você só pode acessar a aparência física e não o que está dentro”. “Como pode me ajudar então, perguntou Afunwapê?” Daí Ajalá trouxe um martelo de ferro bem pesado e disse, “vamos testar o Orí”, quando ele bateu no primeiro Orí, ele espatifou todo, depois de quebrar não menos do que 600 Orí achou um que não quebrou, bateu três vezes, o martelo é que quebrou. E disse, “eu uso barro comum para moldar, viu como esse é poderoso? Pode escolher esse”.

Se não fosse pela assistência de Ajalá, ele teria escolhido outro. O que é forte significa que o que está dentro é poderoso. Tem muito Irè, [boa sorte] poder de vencer os inimigos e tudo isso. O Orí acreditou e viu aquele martelo como inimigo, reagiu ao martelo e resistiu àquele ataque. E Ajalá disse para Afunwapê: “ninguém deve dar assistência para escolher o Orí”. Afunwapê pegou aquele Orí e colocou na parte mais alta do corpo, e Ajalá disse “agora a viagem é sua. Você me ajudou, eu tinha que te ajudar”. Ele ajudou Ajalá e Ajalá deu um jeito, mas saiu do protocolo. Afunwapê teve mais sucesso do que os outros dois, tudo andou bem para ele aqui na Terra, e as pessoas perguntavam: “onde foi que você escolheu o seu Orí?” Afunwapê respondia, “eu não sou uma pessoa especial, eu escolhi meu Orí, você escolheu o seu, não houve nenhum favorecimento, escolhi no mesmo lugar que você, só Aiyamon [o tal software] que é diferente e que você não pode ver com seus olhos físicos. Nós não sabemos onde o dono da cabeça escolheu o seu Orí, só que o meu destino e o seu são diferentes”.

A escolha do Orí não tem nenhum favoritismo, não tem ninguém favorecido, é como a sorte. Você só vai saber quando você chegar lá, para onde você está designado. Quando uma pessoa sofre por causa de Irè [falta de boa sorte] nesse mundo, não vai se esquecer, vai querer melhorar, mas sempre ele ou ela vão deixar alguma coisa de fora, mas aquilo vai ficar

martelando na sua cabeça por causa da sua experiência anterior e vão querer aquilo e certamente será uma das suas primeiras reivindicações. É por isso que você dificilmente vai ver um homem ou uma mulher terem tudo. Se você tiver tudo, você acha que os inimigos vão deixar você apreciar com tranquilidade?

Temos que observar a nossa vida dia a dia, aquilo que era tão importante para mim na juventude hoje já não é mais. Com passar dos anos vamos adquirindo sabedoria e deixamos muitas ilusões pelo caminho, mas também encontramos pessoas que envelhecem sem nada disso, continuam levianas e inconsequentes até o fim de suas vidas. É bom também começarmos a computar na nossa mente aquilo que queremos para a próxima existência, aquilo que realmente julgamos imprescindível para nosso crescimento, para que, tendo isso bem claro na nossa mente, não tem por que perder tempo escolhendo coisas supérfluas na hora de escolher o novo Orí. Porque o que gravamos na nossa mente aqui na Terra fica gravado no inconsciente e não se apagará com a morte, mas se a gente deixar isso acontecer à revelia, corremos o risco de deixar na mão dos mentores espirituais a escolha das nossas futuras experiências. O ideal é mantermos a rédea da nossa vida em nossas próprias mãos. Temos que considerar que após a morte a pessoa passa a ter um corpo material, porém fluídico, que muda de forma conforme o seu pensamento, então grafar alguma coisa nesse corpo é muito difícil. O ideal é quando esse corpo fluídico se vir livre do corpo de carne, já tenha impresso ou grafado tudo aquilo que é importante para si. Imagine as marcas que se faz no gado, nada apaga. Parece difícil de compreender tudo isso, mas vamos exemplificar: existem pessoas que têm essa experiência durante o sono, ou despertam durante o sono, mas fora do corpo, e se vêm de forma disforme, uma hora está grande como gigante outra hora diminuto, disforme, tenta de todas as formas falar, gritar sem sucesso, podem escutar as conversas das pessoas dentro de sua casa, tentam falar com elas e de repente se dão conta de que ainda não acordaram. É deveras conflitante nas primeiras vezes, a sensação é de morte. Esse fenômeno se chama desdobramento; é quando se afasta do corpo físico o perispírito e o duplo etéreo. Esse duplo etéreo é como se fosse a gasolina da máquina do corpo físico que o faz movimentar enquanto está na Terra. Uma vez que você desperta durante o sono, mas o duplo etéreo ainda está fora do corpo, nada fará com que um só músculo se mova. O tema é interessante e vasto, e carece de estudo mais aprofundado. E a cada nova existência vamos experimentando novas experiências e novas exigências. Isso faz parte da evolução humana, e não se dá de forma linear. Há pessoas que perdem uma existência inteira, não evoluem, porém regridem, às vezes se complicam mais de acordo com a más atitudes.

Qual a relação entre Orí e as emoções?

Resposta – Em tudo que já falamos o Orí não é apenas sobre Irè. O que representa o Orí não é só o destino, há outras coisas inerentes que vem junto com ele. Por exemplo, se eu tenho um bom Orí e você tem um bom Orí, mesmo assim vai haver diferença sobre o que vai acontecer com cada um de nós. Nós acreditamos que todas essas coisas sejam inerentes a cada um. Todo mundo sente emoções, tanto emoção de amor como de de raiva, tristeza, alegria etc., em diferentes momentos ao longo da vida, mas aquela que vai ser mais prevalente, mais forte em alguns momentos do que em outros, isso é inerente ao Orí. Traço de personalidade pode sim até afetar a perfeição do Orí; é por isso que você não vê nada de forma perfeita. E todas essas emoções é que vão se manifestar mais ou menos.

Entendo que emoção é fruto do pensamento. E o pensamento é um dos atributos do Orí, que também tem como atributo a memória, a razão etc. Então se você vive embalado pelas emoções, certamente terá uma vida complexa, será uma pessoa muito sensível, sofrerá por qualquer coisa. A tendência é não se ajustar ao mundo em que vive, e muitos vivem dependentes de drogas, medicamentosas ou não. Parece que o órgão responsável pelas emoções é o nosso coração, porém, sendo ele gerador das emoções ou não, ele impacta a mente que é a sede do espírito e a real residência do Orí. O Orí, uma vez bombardeado noite e dia por emoções, sejam elas quais forem, irá impactar diretamente no destino. Todos nós já vivemos essa experiência. Quando estamos apaixonados, somos incapazes de laborar com a razão; a emoção tem esse poder de inundar a razão e não raras vezes nos deixa à deriva. E voltar à realidade costuma ter um preço muito alto. Não raras vezes banhados de muitas lágrimas. Enquanto sacerdotisa lido com esse fenômeno diariamente, porque as pessoas confundem a Iyalorixá com uma psicóloga.

De acordo com isso, o Orí é composto por vários aspectos? Como o que no Ocidente chamamos de força de vontade, consciência ou anjo da guarda e personalidade. Em outras palavras, como você chamaria o Orí em inglês, o que seria a palavra equivalente ao Orí no pensamento ocidental? Seria preciso muitas palavras ou poucas palavras?

Resposta – Não existe uma só palavra para expressar o Orí. Você tem que encarar holisticamente. O que eu posso usar para descrever? Suponha que você quer considerar a economia de um país em um ano. As pessoas podem analisar do ponto de vista de um orçamento de Estado. Quando você olha para o orçamento, você sabe o que pode esperar

daquilo naquele ano naquele país. Ah! Eles têm muito dinheiro para o armamento militar, vai ter guerra então. Quando a pessoa olha para o orçamento e é um bom economista é fácil a pessoa enxergar o que vai acontecer naquele ano, se o orçamento for seguido à risca. Então o Orí humano é assim, tem umas coisas que não são impostas. Exemplo. Eu vou a cidade de Osogbo, passo ali, compro um pão, isso é irrelevante, ou quando você veio para a Nigéria, tem alguma coisa que você não trouxe, não incluiu, ou com quanto de naira você veio para Nigéria, se o dinheiro que troazido vai ou não vai dar. Com atenção para o que é mais importante para a viagem, pensar quais são as coisas mais importantes que acontecem lá no seu destino, tanto de bom quanto de ruim.

Na hora de escolher o Orí, somente as coisas relevantes são tratadas e acordadas, tipo qual país, em qual família vou nascer, qual curso vou formar, com quem devo reencontrar para constituir minha família, quem serão meus filhos, quais serão as provas mais importantes que devo passar, coisas assim. Agora, o que acontece quando se chega aqui, isso fará parte do seu dia a dia, se vou a escola a pé, de bicicleta, se meu pai vai me levar, se vou de van, e é irrelevante.

Beleza também?

Você pode ver alguém belíssimo sofrendo para ter uma casa, daí pode se concluir. É, beleza não é tão importante.

Sobre a relação entre Olódumarè e Ifá

Tudo que há no mundo, Olódumarè considera sua criação, de acordo com Ifá. É por isso que Olódumarè não tem nenhum filho biológico. E de acordo com Ifá nós temos 256 Odú, Olódumarè é o criador da sabedoria de Ifá, ele é quem diz o que é necessário para o sacrifício. Mas quem quer que consulte Ifá para Olódumarè, você não vai levar as coisas com você quando retornar para casa, todo o material usado no sacrifício ficará lá, a não ser que Ifá dê uma contraordem. Da mesma forma quando você oferece sacrifício para alguém, você entrega todos os materiais para o omo awó e ele os oferece a Olódumarè e tudo fica naquele lugar onde foi ofertado, não sai de lá com a pessoa, a não ser que Olódumarè queira lhe dar alguma coisa dali para você levar para casa. Olódumarè sempre surpreende as pessoas que podem interagir com ele.

Ele não diz, eu não sou homem ou mulher, nenhum Odú Ifá diz o que ele é. Agora, como criador do compêndio de Ifá, do compêndio do conhecimento, não há nenhum Odú que Olódumarè não tenha consultado em um momento ou outro.

Mesmo na iniciação de uma pessoa, quando são feitos procedimentos e sai uma resolução de um determinado Odú onde é dito para o Bàbálawò, “venha para fazer isso amanhã e não hoje”, isso é Ifá agindo como cálculo avançado, e isso não é para qualquer um. Aquele Odú particular que caiu na jogada do oráculo Ópèlè, só tem um tabu, é por isso que a gente não permite que saia para um ser humano, caso apareça na iniciação, a gente muda, ou inverte. É um dos 256 Odú. A pessoa que pertence a esse Odú só tem um tabu, que é dormir, não pode nunca dormir, a única proibição é dormir. É por isso que todas as pessoas do mundo creem que Olódumarè não dorme, é um Odú particular chamado Irosundí e a gente inverte para a pessoa poder dormir, passa para Òdí Irosun ou Òdirosun. Essa a razão pela qual nós chamamos Òdí na direita e Irosun na esquerda.

Acreditam que esse Irosundí seja o Odú de Deus, porque Ele não dorme, e nós não conhecemos ninguém sobre a face da Terra que não durma nunca, porque dormir faz parte da constituição de todos os seres que têm vida.

Por que o conhecimento sobre Orí não chegou na Diáspora? Você já viu algum conhecimento sobre Orí no Brasil ou em Cuba?

Orí sozinho é a divindade mais importante da existência. Se uma pessoa não tiver pernas, ela pode sobreviver, se ela não tiver braço, ela pode sobreviver, mas você já viu alguém que não tenha cabeça sobreviver? Não é possível. Orí é como o compartimento do motor de todo ser. É como a questão do destino para alguém nesse mundo. Agora, a razão pela qual eles não dão tanta ênfase ao Orí na diáspora é porque ele é tão profundo ao ponto de se a pessoa souber o que ele tem que saber sobre Orí eles vão largar os outros Orixás de lado e vão ficar confusos. Por isso que em

Yorúbá se diz: Orí Lagba bó kó fo orisa silé =. É a cabeça que a pessoa deve priorizar e deixar de lado os outros Orixás. Contudo isso se torna facilmente confuso, e é por isso que, na diáspora, querem saber quem é o Orixá de sua cabeça; também eles dizem o Orixá da cabeça, fazer cabeça, eles acreditam que pode ser pessoal, ao invés de cultuar outras categorias de Orixás. Isso é tão profundo que quando você analisa completamente é como se fosse cálculo avançado na matemática, é tão avançado que nem todo mundo pode

entender. Eles dirão agora, ok. É como quando você quer alimentar, é diferente dos outros Orixás, em um aspecto você tem que perguntar, antes de dar, o que o Orí quer em determinado momento; normalmente perguntamos o que o Orí quer, seria pão, peixe, carne, pode ser que ele não queira comer isso. Exemplo – quando você é assim, é desse jeito, quando você quer alimentar o Orí, você precisa perguntar principalmente para Ifá, “o que a minha cabeça quer agora?” Porque há muitas escolhas para propiciar o Orí, “qual delas a minha cabeça quer agora?” Se você alimentar a sua cabeça com coisas erradas, o que você quer que sua cabeça faça, vai dar errado. Você vê a complexidade agora? Quando você vai dar alguma coisa para Orixá você pergunta, é isso que você quer agora?

Então isso vai ser muito complexo. Na diáspora eles não têm pessoas ou conhecimento para perguntar, vai ser muito complexo, o que eles podem usar para perguntar? Quando alguém alimenta o seu Orí e o que ele pede vem para essa pessoa, a graça será alcançada. As pessoas vão dizer: “você fez certo”, e se for ao contrário do que você quer, as pessoas vão dizer: “a sua cabeça não lhe disse o que ela queria receber de você?” Na terra Yorùbá nós até usamos isso para debochar das pessoas. Hei! Você quer alimentar seu Orí todo dia? A cada mês, a cada seis meses?

Porque eles querem saber o que o seu Orí quer receber, obí é seguro, nem precisa perguntar.

Como os senhores podem observar, o tema é rico e muito vasto, certamente ainda há muito mais coisas a serem descobertas e escritas sobre Orí, mesmo porque não visitei todas as regiões da Nigéria e cada região ou cidade diverge e muito em relação ao *modus operandi* da tradição. Aqui eu versei sobre o culto no Estado de Osun. Mesmo assim ficaram centenas de sacerdotes para serem ouvidos, o tempo não contribuiu para ir mais adiante. Mas o que aqui foi apresentado tenho certeza que fará dos senhores melhores do que eram ontem acerca da tradição yorùbá. Eu ampliei e muito a ótica sobre Orí e o benefício desse aprendizado primeiramente serei eu mesma e em seguida aqueles que em mim confiam o Senhor do seu Destino. Irè Gbogbo = Boa sorte para todos.

Considerações Finais

Hoje posso compreender por que eu me predispus a fazer um mestrado tendo como projeto este tema. A fome de conhecimento se estabelecera dentro de mim num indefinido questionamento que não se calava, e não encontrava nada que pudesse saciar a minha fome de saber. Oportunamente folgo em poder compartilhar tão grandioso conhecimento. Esta pesquisa pôde não só acrescentar conhecimento como alterar comportamento na tratativa para com o Ori. Quanta coisa mudou!

Para falar sobre o Senhor do Destino é necessário observar dois pontos bem particulares:

1º - Quando um ocidental ouve falar em destino, de imediato é levado a associar com questões de natureza material. Quer saber por exemplo sobre o seu trabalho, vida financeira, vida afetiva, se será bem-sucedido na vida, enfim o que a vida lhe reserva de bom, porque o de pior nem sempre interessa. Normalmente acredita-se em algo já pré-determinado e que uma vez aqui na terra aquilo se cumprirá de qualquer jeito. É visto como um determinismo, seja ele entendido como algo divino ou não.

2º- Outra coisa é quando um Yorùbá vai falar sobre destino. Primeiro ele normalmente é levado a fazer iniciação para Ifá em tenra idade. Nessa iniciação além de diversos rituais, essa pessoa é informada qual o nome do seu Odu Ifá e principalmente quais são os seus Ewó, ou seja, as suas proibições, também conhecidas pelo nome de quizilas, e vão lhe falar sobre Iwapelè – caráter, comportamento. Isso é tudo. Uma vez sabedor disso você poderá alcançar os seus objetivos, não tem uma questão fechada. Imagine se você já viesse com um determinismo fechado, engessado, não tendo liberdade de escolhas, seria bastante complicado. No entanto, nós já sabemos que a má conduta pode adulterar o teu Orí para pior, desviando aquilo que foi acertado. Certos tipos de comidas e até algumas cores que você usar, também podem afetar a sua boa sorte. Não é uma punição, mesmo porque os yorùbá não têm idéia de pecado como nós ocidentais. A sua vida não fluirá com a leveza desejada, a vida é de certa forma emperrada. De forma que o olhar sobre o Senhor do Destino é muito diferente. Se você será bem-sucedido profissionalmente ou financeiramente, isso é fruto natural do que o seu Orí pode lhe conceder uma vez bem alinhado e propiciado, uma vez não quebrando os seus ewó, e vindo a observar bem as orientações que lhe foram dadas por ocasião do seu Itéfá, o céu é o seu limite. Por outro lado, o que é riqueza para uns, pode não ser a mesma coisa para outros. Esse padrão é muito individual e intransferível.

Diferentemente do Kardecismo que tem por costume etiquetar tudo, tal como: hoje você é assim porque foi assado no passado, está cumprindo a lei de causa e efeito, hoje você está

espiando ou expurgando o que fez o passado, está sendo punido como na tradição das religiões cristãs. O sofrimento de hoje pode sim ser muito bem fruto de más decisões dessa existência mesmo, decisões pautadas na imprudência, na impaciência, na intolerância, no desamor, no caráter perverso.

Para o povo Yorùbá o assunto é um pouco mais simples, mais objetivo e mais claro. Se você se desviou do seu destino, você retornará para dar cumprimento àquilo que o seu Orí havia decidido ser o melhor para você. O povo Yorùbá não concebe a idéia de pecado. Você é livre para fazer o que quiser, entretanto fará com o conhecimento do que é Iwapèlè, isso sim é ensinado a eles desde tenra idade. Eles sabem muito bem que Ifá tudo pode, mas também sabem que o que mais importa para Ifá é o seu comportamento! Se você não é próspero ou não é bem-sucedido, primeiro reveja o seu caráter, o seu comportamento, em seguida pergunte ao seu Orí o que foi que você deixou de dar a ele ou se você deu coisa indevida a ele.

Outra coisa que quero chamar atenção é para os dois mundos que dispomos. O Céu e a Terra, o Orún e Aiyè respectivamente. No Orún é a origem de tudo que temos na vida e no Aiyè, mas nem tudo que tem no Orún tem na Terra. Mas tudo que existe na Terra é cópia do que tem no Céu. De forma que o nosso Orí não é diferente. Aqui é materializado a representação do meu Orí no Céu. Assim sendo, devemos entendê-lo como algo divino. Entretanto, é um orixá que não pode ser incorporado pelo médium como os demais orixás conhecidos, porque não podemos incorporar a nós mesmos. De forma que durante um procedimento para propiciar o Orí, a pessoa não deve dar passividade a nenhum outro orixá. Aquele momento é exclusivo para o orixá Orí.

Na minha casa temos por costume, antes de aplicar o Oborí, fazer uma longa reza saudando e louvando todos os orixás, com o objetivo de pedir que abençoem o Orí da pessoa que será submetida ao Oborí, para por último alimentar o Orí. Essa é uma forma de ajudar a pessoa a fixar o seu pensamento naquilo que será feito, considerando que temos a barreira da língua. Mas o correto mesmo seria louvar apenas Ajalá, Obatalá e

Olodumarè, ninguém mais. Porque Ajalá é quem formata o Orí de todos nós, Obatalá é quem molda o nosso corpo e Olodumarè é aquele que deposita a centelha divina no Orí de todos nós, o sopro da vida, ou o software da vida!

Hoje posso cuidar das pessoas avaliando que tipo de Ori ela possui, que tipos de elementos serão necessários para alimentá-lo, o que fazer no caso de um Ori ser Burukú ou Búburú(mau, ruim), o que fazer para propiciar um bom Ori, não o ofendendo com elementos básicos diante de sua grandeza. Tenho condições de avaliar até que ponto um Ori se permitiu ser regido ou

conduzido por Exú, Egungun e até mesmo Egbé Orún, em função da sua inabilidade, produzindo o esgotamento mental, e a qual categoria de Egbé ele está vinculado, se é Mussò, Ibejí, Iyalodè, Eleekò, Abiku etc.

Dentre essas categorias posso também distinguir quem possui Ori Lèmèrè, Ori Sankù, e Ori Afunwapè: essas são categorias que fazem com que a pessoa tenha aqui na Terra uma vida com conforto ou menos conforto, de acordo com as escolhas que fizeram antes de nascer.

Aprendi a dialogar com o Orí das pessoas da mesma forma que dialogo com os demais Orixás, sem sofrer interferência do estado consciente e latente da pessoa em função das angustias que está vivendo no momento, e que isso pode sim interferir na linguagem do mesmo, nos levando a cometer graves erros para com esse Ori.

Aprendi o poder da influência do Ori de irmãos gêmeos que pode ser positivo ou não. Aprendi a distinguir e discernir o que de fato acontece com uma pessoa quando ela chega para mim. Em muitos casos a pessoa sofre interferência psíquica que é extra-Ori, que pode ser fruto do meio em que vive, pode estar sofrendo de estafa, pode estar com depressão, seu sofrimento também pode ser proveniente de mau comportamento, mau caráter – e nesse caso podemos ver resultado quase que imediato quando essas pessoas vão para igrejas evangélicas e lá é imposto a elas melhorarem as suas condutas e a sua relação com o Eu superior; pode estar com angustias de variadas origens; um casamento desarmonizado, perseguição no trabalho, dívidas acumuladas, fim de um relacionamento, saturação por conta de rotina, falta de perspectiva em dias futuros; pode sentir tonteiras provenientes da influência do Orixá Oṣún, pode ocorrer as mesmas tontices por causa do mal funcionamento da tireoide e ou labirintite, que facilmente se confunde com o estresse do Ori. Enfim, como podem ver o assunto é extenso e de profundidade e não pode ser tratado como se trivial ou corriqueiro fosse. Porque afinal nós sacerdotes e sacerdotisas estamos lidando com vidas, com o modus vivendi das pessoas e que a falta de sensibilidade para o trato pode arruinar decididamente em seu destino.

Como notaram, o aprendizado não foi pequeno e com certeza há ainda muito mais para ser aprendido. Espero que tenham gostado da leitura.

Irè Gbogbo!

REFERÊNCIAS ETNOGRÁFICAS

Na cidade de Ilè Ifé – os 16 Olodús do Templo de Ifá (Ilé Orunmila, Oke Agbonmiregun)

1. His Eminency Aworeni Awodotun
Oba Araba Agbaye
2. Aworele Awosiya
Oba Agbongbon
3. Omiyefa Ifafore
Oloye Akoda Awo
4. Ifatomiwa Ifatunmise
Oloye Aseda Òpè
5. Ifagbenro Ifaloba
Oloye Tedimole Awo Ilare
6. Ajanaku Dada
Oloye Kinrindi
7. Elugbindi Ifalekan
Oloye Megbon
8. Akinwole Egbewole (tradutor principal)
Oloye Obakin Ala
9. Ifamoroti Idowu Omiyefa
Oloye Elesi
10. Paluko Abiodun Ope Ifá
Oloye Erinmi
11. Awojodun Ifatoon mi
Oloye Adifelu
12. Awoyemi Awotunde (irmão araba)
Oloye Aferedigba
13. Akani Awolowo (fala português) 14. Oloye Amore

Na cidade de Ilobu, Estado de Osún

1. Bábálola Kolapò
2. Bábálola Awoniyi

GLOSSÁRIO

Aiyè – Terra

Ilè Ifé – cidade milenar, pertencente ao Estado de Oxún. Segundo os Nigerianos, é onde a vida começou sobre a face da terra.

Iyalorixá – Nome correto é Oolorixá ou aquela que tem casa de culto a Orixá.

Iyánifá – Sacerdotisa com função específica dentro do culto a Ifá

Agògò Idé - pescoço

Ifá – Sabedoria cósmica do povo yorùbá

Bàbálawò – sacerdote do culto a Ifá

Aragbá – Sacerdote chefe de todos os Bàbálawò de uma cidade.

Ooni – nome dado ao Rei de Ilé Ifé, também conhecido por ser o líder das 400 divindades ou Orixás.

Orí – cabeça

Akassa – comida que oferta aos Orixás feito de fubá de milho branco

Ekurú – comida que se oferta aos Orixás feita de farinha de feijão fradinho e fermentado Akará – comida que se oferta aos Orixás, feito com farinha de feijão fradinho, conhecido no Brasil pelo nome de Acarajé.

Ebó – Presente ofertado aos Orixás por ocasião de grandes necessidades.

Etutu – Presente ofertado aos Orixás em agradecimento por uma graça alcançada. Obi – noz de cola, semente utilizado para divinação e também alimento para os Orixás Orogbo – semente amarga que serve para Orixá Xangô e também Ifá.

Orún – céu

Ataré – qualidade de pimenta utilizada em rituais religiosos.

Ossun – pó vermelho extraído de uma árvore utilizado ao culto a Oxun.

Efun – pó branco utilizado para fazer um giz, também utilizado no culto a Orixá Obatalá ou Oxalá.

Batá – tambor utilizado no culto ao Orixá Xangô.

Bururu – ruim

Adè ou Adê – coroa ou coroado

Odé – de fora, caçador

Inú – interno, parte interna, parte psíquica da cabeça.

Iwapelè – caráter comportamento

Irè Gbogbo – boa sorte a todos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLOUCH, J. *A psicanálise é um exercício espiritual?* Resposta a Michel Foucault. Tradução Maria R. Salzano Moraes e Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da Unicamp.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. [2a edição, revista e ampliada]. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ELEBUIBON, Yemi. *Ifá The Custodian of Destiny*. Ibadan, Nigeria: Penthouse Publications (Nig.) for Ancient Philosophy of Nigeria, 2004.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 [1937].
- FATUNMBI Awo Fa'lokun. *Ori: The Ifa Concept of Consciousness. The Metaphysical Foundations of Ifa, Vo.4*. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014.
- GOMBERG, Estélio. *Encontros terapêuticos no Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opô Oxogum Ladê, Sergipe/Brasil*. Salvador. Tese doutorado – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia. 2008.
- ILÉSANMÍ, Thomas M. A – *Obìnrin A Cultural Assessment of Yorùbá Women*, [Nigeria]. 2013.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné*. São Paulo: Abril, 1978 [1922].
- MAUSS, Marcel. *Esboço de Uma Teoria Geral da Magia*. Lisboa: Edições 70.
- MUDIMBE, Valentin Yves. *A invenção de África*. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.
- SALAMI, Ayó, *Yorùbá Traditional and Theology. Men and Society*?. 2009.
- SÀLÁMI, Sikiru & Ribeiro, Ronilda Iyakemi. *Exu e a Ordem do Universo*. São Paulo: Oduduwa, 2015. 2015.
- SANTOS, Juana E. dos, 2002. *Os Nago e a Morte*, capítulos I e X. Petrópolis: Vozes. Latour, Bruno, *Jamais Fomos Modernos*” P 96,97,175,357 S/D
- VOGEL, Arno Mello, Antonio da Silva & Barros, José Flávio Pessoa de, *O Oleiro distraído e a Servidão Humana*. Rio de Janeiro: Pallas. 2007.

ANEXO 1 Orações, Histórias, Encantamentos e Louvores a Orí

Orí, como qualquer outro Orixá, também tem suas músicas, orações, seus versos e histórias, de forma que abaixo deixo para os senhores alguns modelos para serem ofertados ou recitados aos vossos Orís.

Esta é uma seleção que fiz da página de Ubiratan Gomes, Babalaô brasileiro, que escreve no Facebook (<https://www.facebook.com/ubiratan.gomes.90>), intitulado Culto de Orumilá no Brasil.

Das citações, *oriki* são versos criados e passados por gerações e gerações das famílias, que são recitados para as divindades do culto às tradições. Existem *oriki* que foram escritos para famílias de forma que quando alguém recita os mais antigos sabem de que região vem e a qual família pertence. Isso é ensinado para as crianças e quando a criança recita é motivo de grande comoção entre os mais velhos, porque os faz recordar os tempos idos e suas vidas.

Oriki Orí

I - Orí wo ibi ire

Kio gbe mide

Ese wo ibi ire

Kiosin mile

Ibi obe agunka ngbe mi ie

Emil o mo iseDifa fun saboreE

Eyi to gin i kutukutu owuro

Nje ti oba tun ku ibi to dara yu eyilo

Orí mi ma sai fbe mi de ibe

A cabeça escolhe a prosperidade

O pé caminha até ela

Aonde meu caminho está me levando eu não sei

Este é um jogo que sai para Sasore

Ele acorda bem cedo

Se existe um lugar melhor do que este Que minha cabeça me leve até lá.

II - É Orí, Ifá repetiu

É só Orí, que é capaz de seguir seu devoto sem voltar

Se sou sortudo para ser rico,

Gostaria de agradecer meu Orí

Meu Orí é por sua graça

Se eu tiver sorte de ter filhos

Eu daria graças ao meu Orí

Meu Orí é por sua graça
 Todas as fortunas que eu faço na terra
 Eu daria graças ao meu Orí
 Meu Orí, é por sua graça
 A Entidade que nunca esquece um devoto
 Aquele que favorece um mais rapidamente que até mesmo a Orixá
 Não há Orixá que possa abençoar unilateralmente uma pessoa
 Sem o consentimento do seu Orí
 Saúdo o seu Orí
 Qualquer pessoa com quem o sacrifício é aceito por Orí deve se alegrar com
 exatidão... Asé Irè ò !
 Orí mi Mopé ò!

III – Meu Orí, por favor me apoie

Meu Orí, por favor torne-me prospero
 Meu Orí, é você que em primeiro lugar compreende nossas necessidades e
 trabalha para que consigamos supri-las em nossa vida.
 É você meu Orí quem me ajuda e orienta antes de qualquer Orixá
 Orí antes mesmo de Ifá você é o pilar e o sustento de nossa vida, pois tudo
 aquilo que Ifá nos orientar, só chegará até nós se for sancionado por nosso
 Orí. Ifa gbe wa o!

IV – Mantenha-se íntegro e fiel perante Deus (Olódùmarè) Tu serás abençoado pelo teu Orí para todo e sempre. Com paciência cegará a teu êxito com grande caráter.

Quando Ifá diz durante consulta que a pessoa é filha deste ou daquele Orixá, implica que essa
 pessoa está sendo protegida por aquele Orixá particular e deve honrar e buscar Orientação
 deste Orixá durante este período de tempo. É o Orixá que está colocando essa pessoa nas
 mãos do zelador para ajudá-lo. Na diáspora, notamos que “ser um filho de Orixá” assumiu um
 significado diferente. Na Nigéria quando uma pessoa é iniciada em um culto especial que a
 pessoa se torna um filho (a) daquele Orixá, isso não implica que esse Orixá é o defensor
 apenas para essa pessoa ou que esse Orixá é o Orixá principal que influencia a personalidade
 dessa pessoa e ações.

Na Nigéria a pessoa pode fazer iniciação para vários Orixás. Tradicionalmente o Orí é o
 guardião e principal influenciador, e todo ser humano tem vários Orixá principais que dão
 apoio àquela pessoa. Nunca há um defensor principal que o apoie, porque Orí sabe o seu
 destino e é aí que a sua personalidade e singularidade realmente vem. Penso que o fato de ter
 havido a mistura com a prática católica de ter um santo guardião, misturado com a prática
 tradicional, eventualmente assumiu o mesmo significado que a prática católica.

Uma Canção sobre Orí
 Orí eni la wure eni
 Orí eni la wure eni
 Moji lowuro mufi owo muri
 Orí eni la wure eni

Um Orí é um encanto para todos os sucessos
 Um Orí é um encanto para todos os sucessos Desperto pela manhã e pego
 minha cabeça Um Orí é um encanto para todos os sucessos.

Somente eu, unicamente eu posso fazer com que meu Orí seja puro,
 somente eu faço com que meus caminhos sejam completos junto ao meu
 Orí, fazendo minha vida limpa, segura, com verdades e caráter acima de
 tudo e nunca permitir que meu Orí se corrompa com as falsas declarações.
 Orí mopé oooo...

Itan - História

A pimenta não escolhe a seiva
 O Awo que lança IFA para Orí – ayan-tan, bom – e bem escolhido destino
 Ao ir para casa de Omowunmi
 Ele foi aconselhado a oferecer Ebó
 Ele obedeceu
 Eis se eu sou rico
 Meu Orí é o único responsável por isto
 Otura origbemi é o trabalho do meu Orí
 Se eu tenho uma boa esposa
 Meu Orí é o único responsável por isto
 Otura origbemi é o trabalho do meu Orí
 Se eu tiver bons filhos
 Meu Orí é o único responsável por isto
 Otura origbemi é o trabalho do meu Orí
 Se eu tiver todas as coisas boas da vida
 Meu Orí é o responsável por isto
 Otura origbemi é o trabalho do me Orí

No Odú Ogundamasá:

Se Orí de Ogun não funciona para Ogun
 Ninguém vai saber
 Se Orí de Orúnmilá não funciona para ele
 Ninguém vai saber
 Portanto, para qualquer Orixá que trabalhe para uma pessoa Precisa estar
 ligado ao Orí dessa pessoa.

Orí ti yio joba lola, enikan ko mo
 A cabeça que usará a coroa amanhã, ninguém sabe.

Os Vários nomes para Orí

Dentre os diferentes nomes para Orí: Eledaa, Olomo-Akolejo, Orí –Apéré-A Yan-ma-mo, Ajejoogun, A Gbè-ni-ma dehin, Alaranse-eda, Asiniwaye.

Elédaa

Elédaa significa: criador. Os lorubá acreditam que como Orí é uma extensão de Oludomarè, é também um criador, porque determina nossa vida, nossa existência e nosso futuro.

Ifá diz:

Oyun omidannií d’èjo lpe ekún ni bá

Agbálagbá lerú

Aseseyo ogo máriwò Nií ma n wojú

Oióru pale pale

Bi eni ma tu

Beeni ko ní tu

Difá fún Orúnmlá

Nijó ti Bàbá nse óhun ti Eledá rekó da hun

Wón ni kó sakáale ebo ni sige

Jé Eledaa mi Bá mí dáhun si temi wra lomodé ntoko esinsin bo

Tradução

Gravidez na adolescência é tingida de controvérsia.

O Rugido do leopardo pode assustar os anciões.

Os brotos frescos das palmeiras apontam para o céu, como se tivessem a determinação de separar, mas eles não vão.

Estas foram as proclamações de Ifá para Orúnmilá.

Quando o seu Elédá (Orí) se recusou a sancionar todas as suas ações Ele foi aconselhado a oferecer ebó.

Meu Elédá (Orí), por favor, sancione as minhas ações.

Um jovem retorna imediatamente da fazenda.

Esta estrofe deixa claro que para nós, qualquer esforço que fizermos se não for aprovado pelo nosso Orí, será simplesmente um esforço inútil.

Fonte: Bàbá Akalá

Adura Fun Orí – Oração para Orí

Que sejamos Felizes e Prósperos

Por toda parte onde Orí seja próspero, deixe-me estar incluído, Por toda parte onde Orí seja fértil, deixe-me estar incluído.

Por toda parte onde Orí tenha todas as coisas boas da vida, deixe-me estar incluído.

Orí coloque-me em boa situação na vida

Que meus pés me conduzam para onde as coisas me sejam favoráveis.

Para onde Ifá está me levando eu nunca sei.

Jogaram para Assore no início de sua vida.

Se há condição melhor do que aquela em que estou no presente, Que possa meu Orí não falhar em me colocar nela.

Meu Orí, me ajude, faça-me próspero!

Orí é o protetor do homem antes das divindades.

Adurá Fun Orí - Oração para Orí Orí san mi.

Orí san mi.

Orí san igede

Orí san igede

Orí otan san mi ki nni owo lowo

Orí tan san mi ki nbimo le mio

Orí oto san mi ki nni aya

Orí oto san mi ki nkole mole

Orí san mi ò

Orí san mi ó

Orí san mi ó

Oloma ajiki, ìw ni mope

Asé

Tradução

Orí representa o destino pessoal, nda se aceita se Orí não aprovar.

Orí san mi

Orí san mi

Orí san igede

Orí Otan san mi ki nni owo lowo

Orí tan san mi ki nbimo le mio

Orí oto san mi ki nkole mole

Orí san mi o

Orí san mi o

Orí san mi o

Oloma ajiki, iwá ni mope Asé.

Tradução

O Espírito interior me guie Orí me guie.

Eu apoio o espírito interior.

Orí me apoie.

Espírito interior dê suporte à minha abundância. Orí, apoie-me para os meus futuros filhos.

Espírito interior dê apoio ao meu relacionamento

Orí proteja a minha casa

Espírito interior me guie

Orí me guie

Protetor das crianças Meu personagem interior lhe é grato!

Asé.

Odu Ejiogbe

O Canto

Orí me abençoe abundantemente

Orí não me deixe trabalhar em vão

Divinou para as 401 divindades

Quando elas estavam descendo do céu para o mundo

Orí primeiro a ser criado

Orí me abençoe abundantemente

Orí não me deixe trabalhar em vão

Orí criado por Osun na cidade de Igede

Orí me abençoe abundantemente

Orixá não me deixe trabalhar em vão

Orí criado por Obatalá na cidade de Ifon

Orí me abençoe abundantemente

Orí não me deixe trabalhar em vão

Orí criado por Iyámi Ajé na cidade de Ota

Orí me abençoe abundantemente

Orí criado por Sangò na cidade de koso

Orí me abençoe abundantemente

Orí não me deixe trabalhar em vão

Orí criado por Oiyá na cidade de Irá

Orí me abençoe abundantemente

Orí não me deixe trabalhar em vão

Orí criado por Ogun na cidade Irè Orí me abençoe abundantemente

Orí não me deixe trabalhar em vão

Orí criado por Exu na cidade de Kêtu

Orí me abençoe abundantemente
 Orí não me deixe trabalhar em vão
 Orí criado pelo Orixá Okò na cidade de Irawo-Agba
 Orí me abençoe abundantemente
 Orí não me deixe trabalhar em vão
 Orí criado por Egungun na cidade de Oje
 Orí me abençoe abundantemente
 Orixá não me deixe trabalhar em vão.

Orí Apéré
 Orí Àpéré
 Atètè gbeni ju Òrisà
 Orí lokún Orí nide
 Orí tí seni tá à á dádé owo
 Orí tí seni tá à á tèpa ìlèkè
 Kò Órisa tí dáni gbè léyin Orí eni
 Eni tó gbón
 Orí rè ló kó gò
 Orí ló n dàgbè láàmú
 Tó fi dá bíi pé kò le roko tégbè rè
 ìká kò fé ká rerú ká só
 Orí ei ní yoni
 Àtari lláyánmó
 Orí eni ní pé kó yeni
 Orí pèlé
 Atetè níran

Orí Apere
 Ele é mais rápido do que Orixá para ajudar a pessoa
 Orí é a joia
 Orí abençoa com a coroa da riqueza
 Orí abençoa com uma cercadura de cana
 Nenhum Orixá abençoa sem o consentimento de Orí
 O que é muito sábio, a verdade é sábia pelo seu Orí
 Quem não é sábio, é feito um tolo pelo seu Orí
 Orí é um agricultor que o está seguindo,
 Uma vez que aparece como se ele não vai trabalhar tão duro como fazem
 os seus colegas

O ímpio não quer que nós tenhamos alívio do nosso fardo oneroso
Orí é o único que oferece ajuda
Orí de um homem é seu destino organizado Orí é um homem que decretou
o seu sucesso Orí eu te saúdo.

Uma Canção para Orí

Orí eni la wure eni

Orí eni la wurw wni

Moji lowuro mufi owo muri Orí eni la wure eni.

Um Orí é um encanto para todos os sucessos

Um Orí é um encanto para todos os sucessos

Desperto pela manhã e pego minha cabeça

Um Orí é um encanto para todos os sucessos

Somente eu unicamente eu posso fazer com que meu Orí seja puro,

Somente eu faço com que meus caminhos sejam completos junto ao meu
Orí, fazendo minha vida limpa, segura, com verdade e caráter acima de
tudo e nunca permita que meu Orí se corrompa com as falsas declarações.

Orí mope óooo!

Ifá em Osaogundá

Toda bondade tornou-se um agrupamento em harmonia

Agora, se um Orí se encontra bem

Ele vai se espalhar para fora e tocar os duzentos

Se o meu Orí é bom ele vai se espalhar para fora e me tocar

Porque, se apenas um Orí experimenta boas coisas ele vai se espalhar para
fora e vai tocar os duzentos.

ANEXO 2
Caderno de Imagens

Visita do Ooni ao Ilê Asé, São José da Lapa, MG, 2018



Templo de Osun, Ilê Asé, São José da Lapa, 2018



Festival de Osun em Osogbo, Estado de Osun, Nigéria, 2018



Ao lado da Arugbo Osun levando o presente para o Rio Osun



Rio Osun, na cidade de Osogbo



Foto D. Lima

No Benin, agosto 2018



Sr. Souza, patriarca da cidade de Quidá, no Benin, descendente de Felix Souza, nascido na Bahia e retornado. Felix foi o maior traficante de escravos para o Brasil



Templo em louvor à cobra Jiboia, considerada orixá Oxumarê pelos Fon, ou Jêje

Dia da Coroação, 28 de agosto de 2018



Templo de Osun em Ilè Ifé



Sacerdotes do Templo de Oduduwa no palácio do Ooni para a Coroação

A Pesquisa de Campo em Ilè Ifé, janeiro-fevereiro de 2019

Na porta do Palácio de Oduduwa no primeiro dia de campo

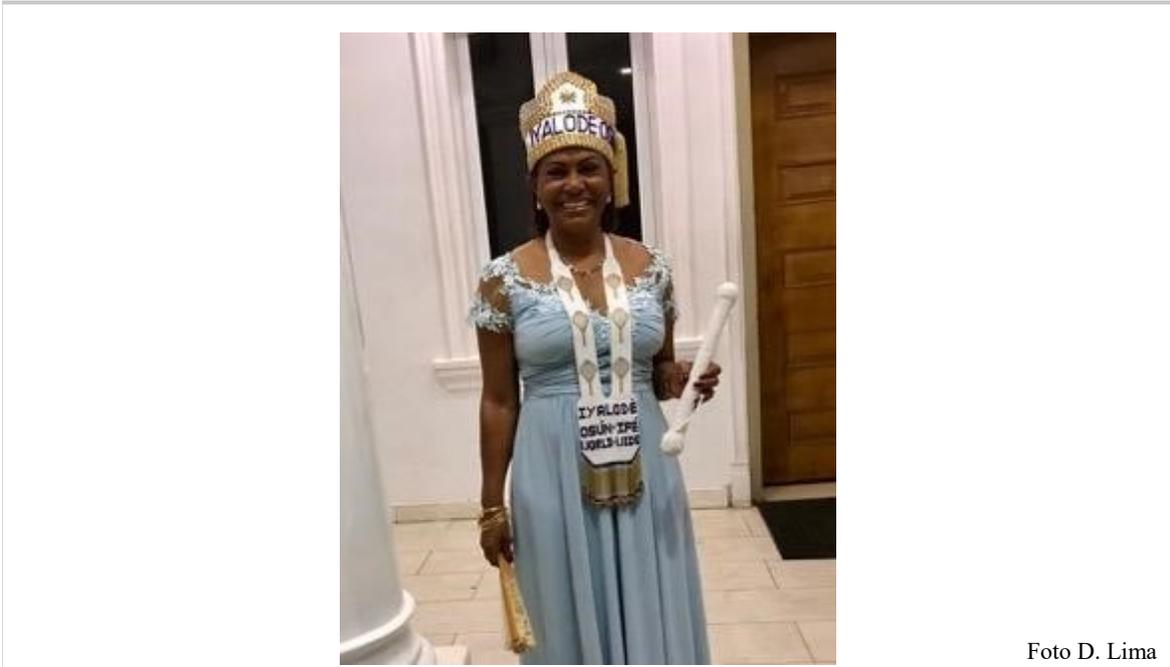


Foto D. Lima

Na sala de audiência do Ooni, Palácio de Oduduwa



Foto D. Lima

Hall do Palácio de Oduduwa usado pelo Ooni para recepções públicas



Foto D. Lima

Grupo de homens cumprimentando o Ooni com a saudação Yòrubá



Foto N. Santos

Olori Osun e Iyalodè Nilsia



Foto D. Lima

Na sala de espera, onde visitantes aguardam audiência com o Ooni



Foto D. Lima

Sentada próxima à cadeira do Ooni no Hall



Na porta do Palácio, ao lado do Ooni durante apresentação de dançarinos



Foto D. Lima

O Festival de Obatalá

Saída para o Festival



Foto D. Lima

Ao lado do Ooni para a caminhada até o Templo de Obatalá



Foto D. Lima

Mulheres do culto a Obatalá a caminho do seu Templo



Foto D. Lima



Foto D. Lima

Templo de Obatalá



Foto D. Lima

Dentro do Templo



Foto D. Lima



Foto D. Lima

Sacerdote maior do Templo de Obatalá pintado de Guepardo



Foto N. Santos

Os Bábálawò Entrevistados nos Templos de Ifá e Ogundabede

Templo de Ifá em Ilè Ifé



Foto D. Lima

Anexo ao Templo de Ifá, onde realizamos nossa pesquisa



Foto N. Santos

Assanto dos 15 Bábálawò na sala onde realizamos as entrevistas



Foto N. Santos

O Aragba Agbayè, 16º assento, senta-se separado



Foto D. Lima

Os Bábálawò do Templo de Ifá lendo nossas perguntas



Foto D. Lima

Os Sacerdotes durante a entrevista



Foto D. Lima

Templo do Bábálawò que iniciou Pierre Verger, cidade de Ilobu, estado de Osun

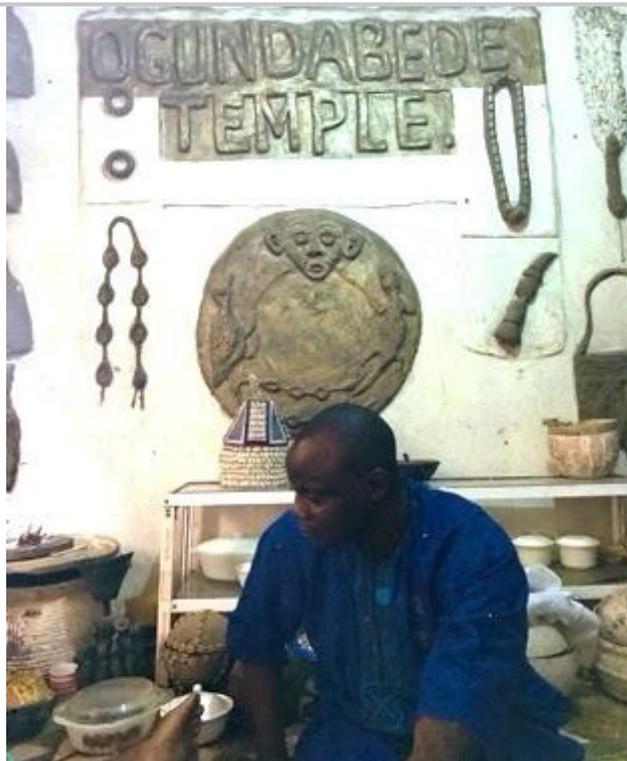


Foto D. Lima

Bábá Kolapo entre minha orientadora e eu



Foto Baba Awoniyi

Bábálawò Kolapo, seus irmãos e sua mãe



Foto D. Lima

Irmão do Bàbá Kolapo Fatumbi



Foto Baba Kolapò